



Casa

Gab. R.

Est.

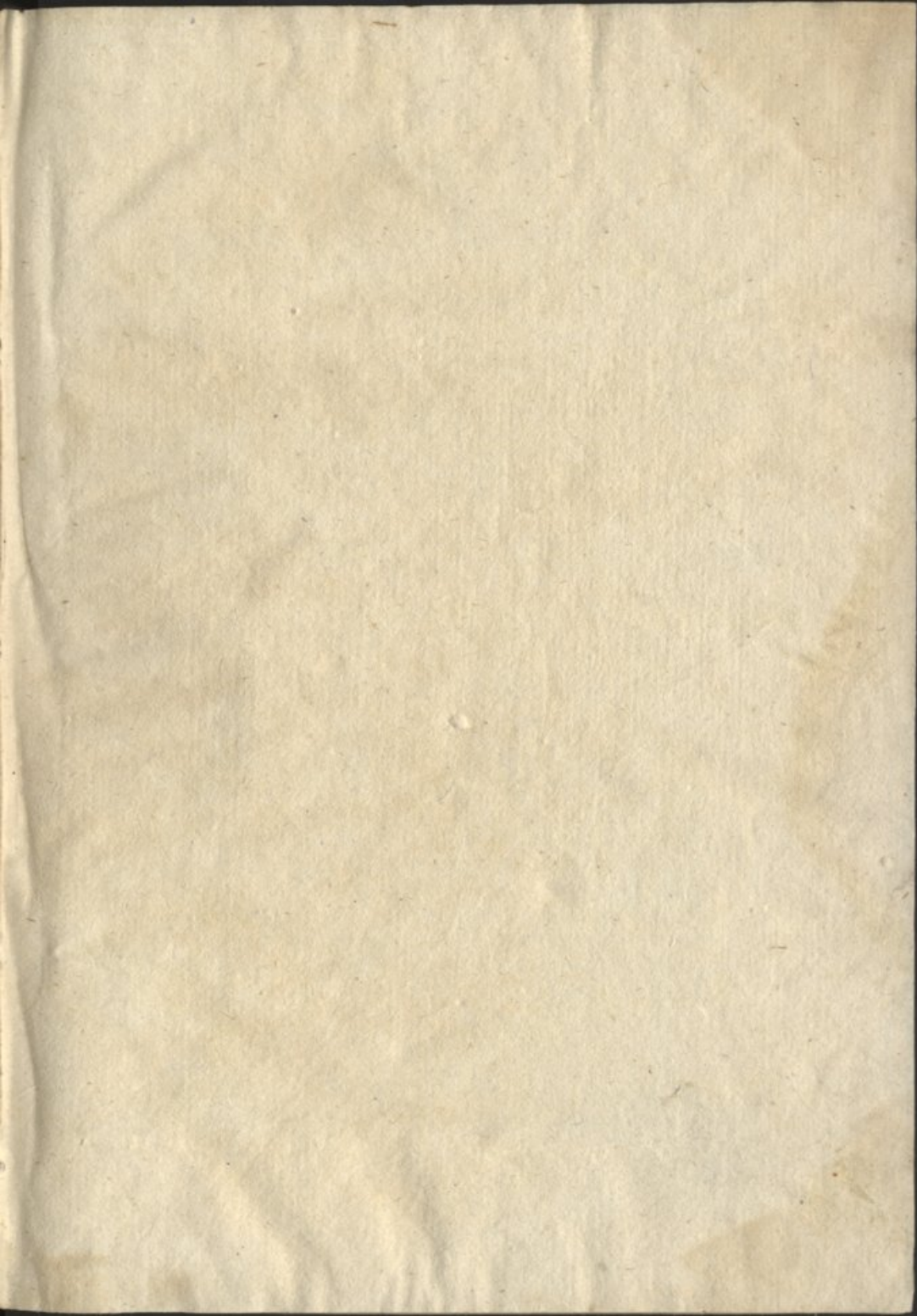
Tab. 27

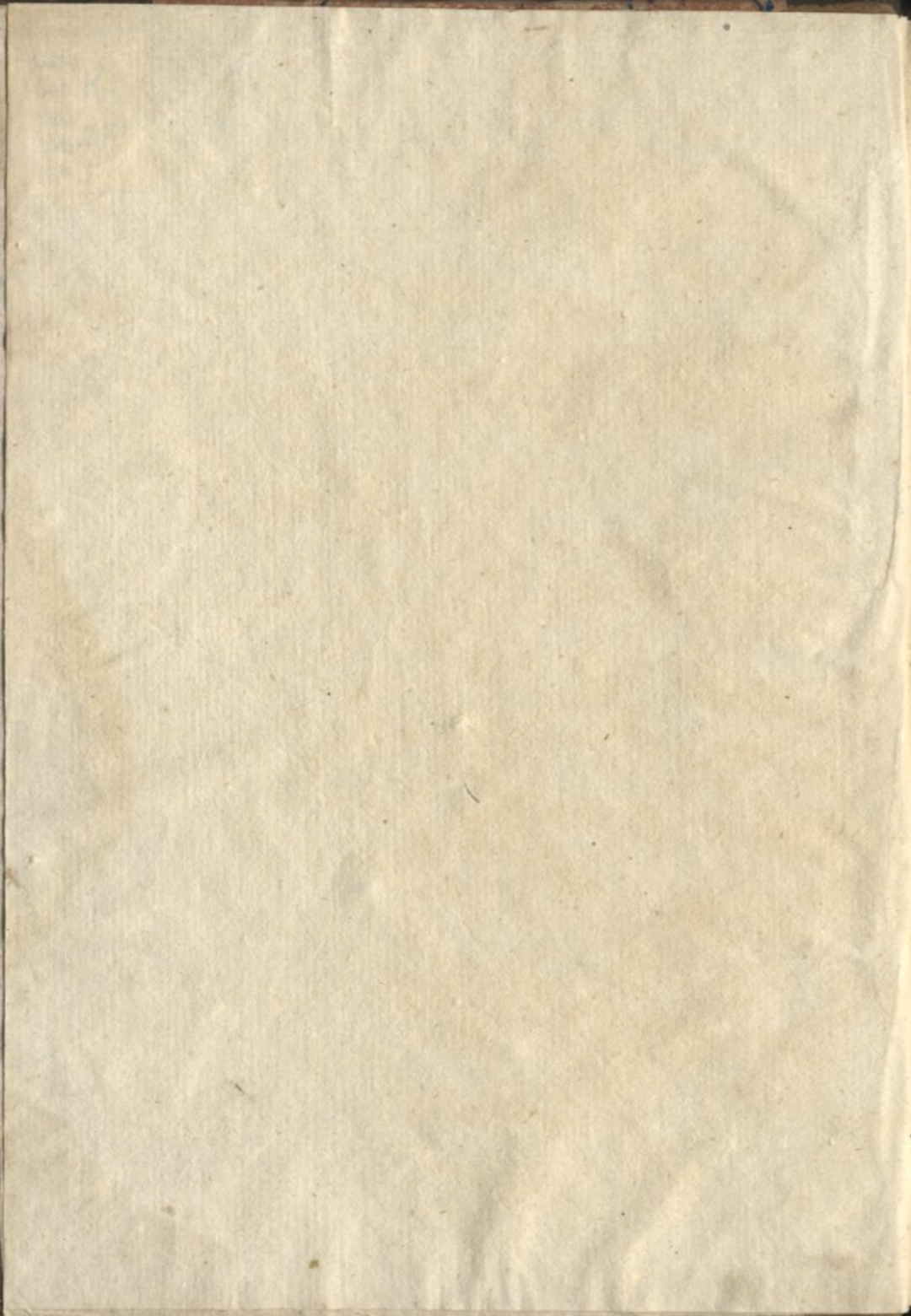
N.º 5

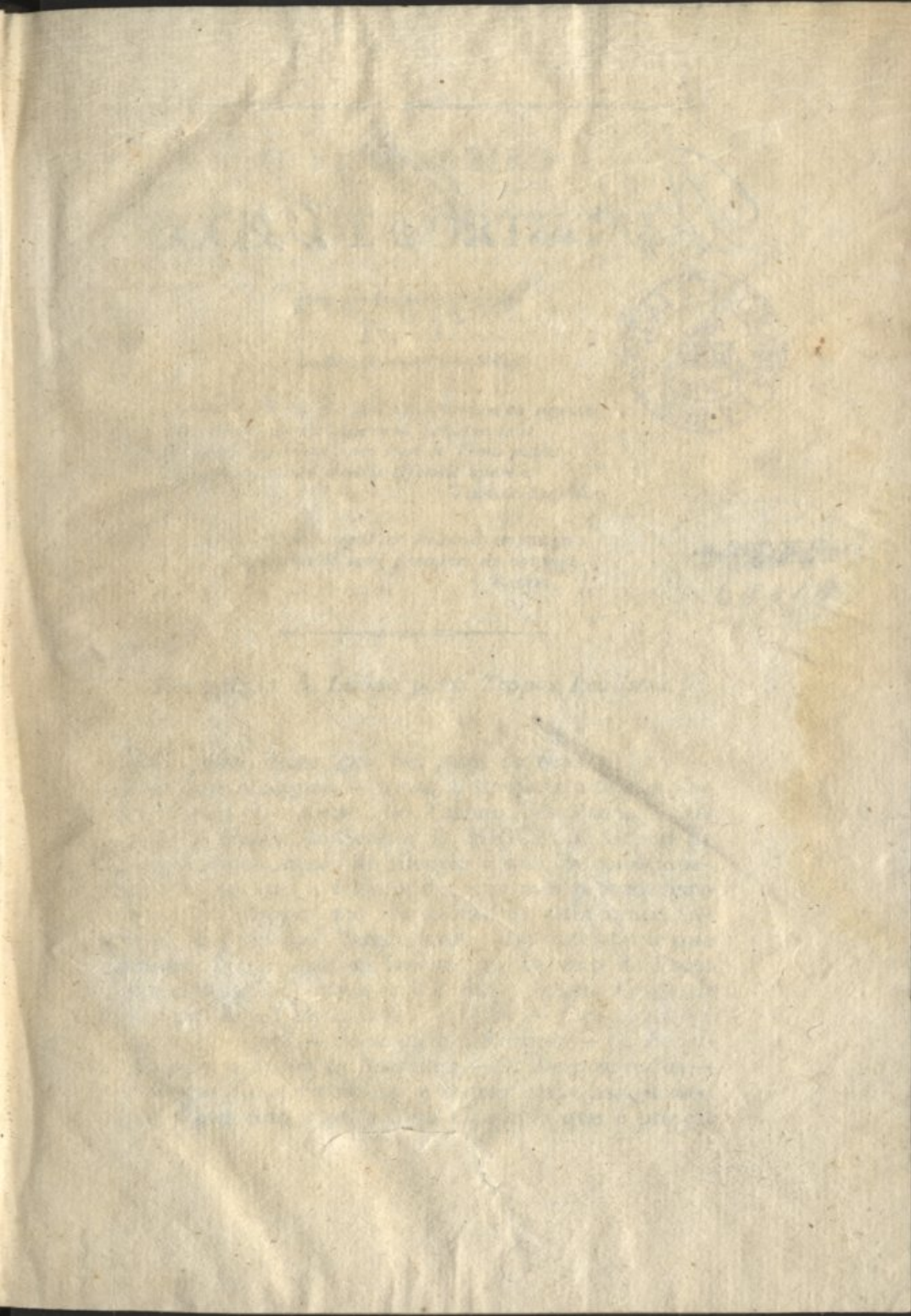
A

27

5







Depo. - L = 32 -

100

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 1.º



*Tum vero ad vocem celeres quæ buccina signum  
Dira dedit agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid. 7.

*Déjà de traits en l'air s'élevôit un nuage  
Déjà couloit le sang premités du carnage.*

RACIN.



*Evacuação de Lisboa pelas Tropas Realistas.*

EU posso dizer que em mim se realizou já o —  
*Post fata resurgam* — torno a levantar a minha voz  
em defeza do Altar, do Throno, da Patria, e da  
Augusta Pessoa do Senhor D. MIGUEL I. Depois de  
longos cinco mezes de silencio a que foi condemna-  
da esta penna, a licença de exprimir o verdadeiro  
ecco de *Portugal* me foi concedida pelo unico Se-  
nhor de *Portugal*. Parece tarde, mas antes tarde que  
nunca. E bem que eu lançasse no Correio do Porto  
algumas linhas, como — *Extracto de uma Carta de  
Lisboa de 23 de Agosto de 1833. — Considerações  
sobre Portugal — Portugal na Europa — Os Rebel-  
des não enganão os Realistas — Os Despropositos —  
Sciencia falsa humana*, e outras letras assignadas,  
não obrei com aquella justa liberdade que é propria

de uma Licença Especial, ou de um Privativo, que sollicitei logo depois da evacuação de *Lisboa*, e que o, então, Ministro competente julgou desnecessario, ou inconveniente. Assim permaneceu *Portugal* sem um Escripto, e sem um Escriptor que exprimisse seus desejos, seus queixumes, sua dôr, em uma palavra, que o animasse, e que o representasse com dignidade no meio da sua terrivel posição perante as Potencias Estrangeiras. Esperou-se que o *Correio do Porto* servisse de Folha do Governo, e houve fundamentos para assim s'esperar: tal não succedeu, e ainda que assim fosse, uma Folha, pelo seu fim principal, noticiosa não podia preencher os objectos que se indicárão no Prospecto do *Verdadeiro Ecco de Portugal*. Vou pois, sem me occupar da parte noticiosa, substituir a Folha do Governo pelo que pertence á Defeza do Throno, e da Patria em todas as suas relações: mas como não sou assalariado, nem mercenario, nem mandado, minhas expressões serão livres, serão o verdadeiro ecco de *Portugal* para confusão dos seus inimigos domesticos, e desengano dos estranhos: a liberdade que se me concede é segundo a Lei; não lançarei pois tinta senão sobre os inimigos notorios; cooperarei á Salvação da Patria na sua heroica marcha, ligando-me ás circumstancias, e aproveitando-as como se offerecerem: porém como a verdade ha de apparecer em toda a sua luz, os factos serão expendidos sem simulação, e os que os praticárão, não se queixaráo de que eu os nomeie, o que a Lei me defeude: mas *a quem lhe servir a carapuça, que a ponha.*

Começando pois pelo notavel successo da evacuação de *Lisboa* pelas Tropas Realistas, que foi quando se callou a Folha do Governo, vou analizar este espantoso feito, recapitulando em breve as disposições que o precederão, e que o preparárão. Logo que *D. Pedro* se dispoz a invadir *Portugal*, discorrerão homens sensatos sobre qual seria o exito de uma aggressão louca, e ao parecer temeraria, mas



em todo sentido injusta: ponderou-se com que gentes, e auxilios elle podia contar, com os que podia contar ElRei, se as forças da contenda poderião vir a equilibrar-se, ou vir a tal ponto as d'ElRei, que seu Throno, e os seus Povos estivessem em perigo: examinou-se a organização, e direcção do Exército Realista, a qualidade da força Naval, e a marcha politica dos negocios assim no interior como no exterior; olhou-se pelas Finanças, e por tudo o que podia produzir a illusão, a seducção, a venalidade, a ignorancia, o temor, a intriga, o descontentamento, a hypocrisia, e a traição: estas considerações, e todas as supposições muito minuciosamente analisadas, que o entendimento de homens zelosos pode excogitar, inclinarão a muitos a persuadir-se que o Throno, e a Patria podião ainda ver-se no maior apuro, e no maior perigo. Estas reflexões não vem depois dos successos: a *Defeza de Portugal* expendeu em parte estas conferencias, mezes antes que os inimigos desembarcassem. Inclinavão-se então alguns a que se inspirasse ás Camaras Municipaes que supplicassem a ElRei Houvesse por bem Convocar os Tres Braços do Estado, e os Consultasse sobre estes, e outros objectos dignos da maior attenção, que em parte ficão em silencio para não cair já sobre alguns Vassallos que ainda não forão julgados, nem derão contas do que fizerão, e do que deixarão de fazer.

Um Correio de *Hespanha* veio ter a *Rebordosa* em Fevereiro de 1832, com o encargo para mim de averiguar, e participar ao Governo, d'aquelles dias, tudo o que podia acabar com a independencia de *Portugal*: accétei o encargo, procurei quem me coadjuvasse, citarei dous mortos — O bravo *Francisco Peixoto*, e o Pensador *Faustino José da Madre de Deos* — os nomes dos que vivem se occultão agora: a verdade foi examinada, e communicou-se mui claramente, e em dia ao dito Governo *Hespanhol*. Toda a correspondencia que eu recebia d'aquelle Reino, a qual durou até quasi ultimos do mesmo anno, foi eu-

tregue a Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Secretario d'Estado das Justicas d'este Reino, por ordem d'ElRei Nosso Senhor, que me foi communicada pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Marquez de Olhão*, e eu aproveitei esta conjunctura para dizer áquelle Ministro tudo o que entendia ser util a *Portugal*: não teria pejo de que apparecessem todas as minhas letras, e forão muitas, a este respeito. Do reconhecimento que a *Hespanha* havia feito de Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. MIGUEL deduzião alguns, que ella enterviria militarmente em nosso favor: nunca tal acreditei, e muito menos o desejei: esse auxilio não era necessario, era pouco airoso, havendo fidelidade, e intelligencia, e sobre tudo era perigoso, porque os *Hespanhoes* entrando em *Portugal* com força armada procurão sempre roubar-lhe a sua independencia. Este meu modo de pensar foi sempre conhecido do referido Ministro d'este Reino, e tambem do Governo *Hespanhol* (pois jurei ser Vassallo *Portuguez*) sendo um distincto agente d'estas cousas que em breve acabo de apontar o Doutor *D. Antonio Suares*, Delegado da Policia na Extremadura. Ora pois voltando ao caso, e apanhando as velas d'esta importante digressão, nem os Tres Braços do Estado forão convocados, o que muito receavão os inimigos d'ElRei, e os Hypocritas, e julgavão desnecessario os mais confiados, nem o Governo *Hespanhol* quiz, pela sua influencia pôr cobro n'estas cousas, e nos males que ameaçavão o Throno *Portuguez* seu alliado, e a sua mesma tranquillidade.

De tão longe erão conhecidos os males em que podia *Portugal* ser envolvido pela invasão de *D. Pedro*, que no mez de Novembro do anno de 1831 não duvidei dizer em *Penafiel*, e no *Porto*, que esta Cidade, e a de *Lisboa* virião ser tomadas ao Senhor D. MIGUEL; que o desfecho da Campanha seria em *Coimbra* pela paz, ou que as Provincias terião de retomar aquellas duas Cidades. Vivem ainda alguns dos que me ouvirão naquelle tempo, muitos mais

me ouvirão a mesma cousa em *Lisboa*, depois que para ali passei. Os fundamentos do meu pensar são os seguintes. 1.º O Directorio Militar, a organização, e collocação do Exercito, a introduccão n'elle de Officiaes, e Cabos de Guerra que não gosavão de bom conceito Público, e muito principalmente a Cooperação do celebre *Raposo*, chavão especial da traição. 2.º O resentimento fidalgal de certas figuras do mez de Abril do anno de 1824. 3.º O empenho de salvar pelo casamento d'ElRei com Sua Augusta Sobrinha, e pela amnistia os Fidalgos que havião sido induzidos a tomar o Partido contrario. 4.º O plano de *Palmella* de formar a Aristocracia independente do Soberano. 5.º O descontentamento que o Foro havia feito em todas as classes do Estado, ou pela lentidão dos processos, ou pelas cãicanas, e trapacas do julgado, ou por haver animado o resentimento popular indistinctamente, ou por não haver dado no fito da justiça. 6.º A intriga, e a desconfiança, semeada em toda a parte, especialmente na *Marinha*, onde se desejou a habilidade d'um Ministro, e no *Commercio*, que se julgou perseguido, e exilado. 7.º Algumas indiscrições na *Diplomacia*, onde nunca se acertou a marcha, julgando-se até provocado o Consul principal da *Inglaterra* em *Lisboa* com uma Carta recheada de Vossas mercês, tractamento este de que prometteo vingar-se. 8.º A direcção das *Finanças*, que não poderão nem soberão ter mão em si, levando-se pela agoa abaixo, pelo muito que as forçavão, e pelo pouco que d'ellas cuidavão.

Vierão os inimigos ao favor de todas estas cousas, e entrarão no *Porto*, sem que lhes soassem aos ouvidos o desfecho de uma arma Realista! Com isto contavão elles, as folhas *Inglezas* o havião predito, e eu sem ellas o havia antevisto, e assim manifestei meus pensamentos a altas Personagens em *Lisboa*, e nominalmente ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Duque do Cadaval* no dia 7 de Julho de 1832, que foi servido dizer-me — *Não sei como o Senhor*

*D. MIGUEL possa vencer com tantos Pedreiros: mas espero que Deos nos ajude a Salvá-lo da perfidia, e da traição.* Outro Excellentissimo poucos dias depois me disse: *a pesar de tudo o Senhor D. MIGUEL ha de vencer, por que D. Pedro tem poucos amigos em Portugal.* Outro Excellentissimo tambem n'esse mesmo tempo me disse: *em removendo da influencia no Exercito, e no Estado seis pessoas... o Senhor D. MIGUEL está seguro no Throno, e Portugal em descanso.* Deixo de referir outras conferencias desta natureza: a estas, e outras cousas alludião as minhas invectivas, e admoestações na *Defeza de Portugal*, e no *Procurador dos Povos*. Vão as Tropas Realistas sobre as immediações do *Porto*, e todo *Portugal* para ahi se move. Os Generaes virão-se com as mãos prezas, sobre o que appello para o testemunho de S. E. o Senhor General *Povoas*: *Ante dizia eu a mui distinctas personagens — se virem expor ao inimigo os Voluntarios Realistas, e as Milicias, que são moralmente a Direita, e Esquerda do Exercito, contem com a traição, porque o plano será acabar com estas alas, para que o inimigo avance ao depois Militar, e Politicamente sobre o centro!*

Vai ElRei passar revista ao Exercito de Operações sobre o *Porto*: um Ministro me ouve, não para consultar-me, sim para sondar-me, e lhe digo: se vai com os mesmos, *Lisboa* perde-se no *Porto*; mas no caso de sair fique na Côte o Senhor *Duque do Cadaval*, sob condição de S. E. escolher o General, e fazer nas Tropas o arranjo que julgar. Passou isto no dia 3 de Outubro de 1832. As mais Publicações disserão estas, e outras muitas cousas mais ou menos claramente, como as Leis da Censura mo consentirão, por que se não tivesse a lingua travada, diria pelo ABC os nomes dos que trouxerão *Portugal* á presente posição.

Como o plano dos cooperadores com os inimigos era dar mate no *Porto* a todo *Portugal*, a Na-

ção vio-se inanida, defecada, e esmorecida no seu Exercito, nos meios da sua sustentação, e nas suas finanças, passado o espaço quasi de onze mezes. Seus sacrificios forão mal aproveitados, seus esforços tolhidos, e suas immensas prestações distribuidas em boa parte pelos seus inimigos. Assim zombarão de *Portugal*, porém não podem vencel-o, tendo assim lugar uma predicção de muitos annos — *Será perdido, não conquistado.*

O *Porto* não tomado por todas estas causas, não desbaratada a Esquadra rebelde, não cortada a comunicação do Exercito com ella, o que só podia fazer-se occupando a *Foz*, que era a unica maneira de lhe perder a base ao inimigo, a Nação via-se em um estado de pasmaceira, e sentia-se morrer sem acabar de viver. *Lisboa*, já pela Cholera, já pela influencia civil, assim domestica como Estrangeira, já por todas as razões allegadas, era a que mais adoezia deste letargo. Os inimigos contárão com este estado: elles tinhão 18 mil homens em forças regulares, e irregulares, e então fizerão sair do *Porto* os que poderão dispensar: elles vêm directamente sobre *Lisboa*, e não entrárão então pela simples casualidade de um Militar doente, e haver o Senhor *Duque do Cadaval* lançado mão de *Telles Jordão*, General que se não abundava em pericia, tinha bastante bravura, e gozava de toda a aura popular nas tropas, e no Povo de *Lisboa*. O inimigo não queria bater-se, temia com fundamento perder a empreza, e ainda não era sua a Esquadra Realista: elle pois dirige-se ao *Algarve*, onde sabia que não havia de ser batido (assim foi!), onde pensava fazer sua a Esquadra (assim foi!), e donde pensava vir sobre *Lisboa* sem ser incommodado (assim foi!). Da sua entrada em *Lisboa* avisei eu em data de 3 ou 4 de Junho de 1833 a Sua Excellencia o Senhor Ministro das Justicas, e de que os Cofres, e os Prélos ião ficar em poder dos inimigos. O N.º 11 do *Procurador dos Povos* indicou a conspiração; e os Numeros 16, 17,

18, e 19 do *Procurador dos Povos* o disserão do modo possível. Seis dias antes da evacuação de *Lisboa* disse a *Telles Jordão* que elle estava destinado para o Sacrificio: eu o chorei na manhã, em que foi para *Almada*; ia tarde para vencer, e mui cedo para morrer (assim foi!). Dia 20 de Julho, por uma insinuação do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Marquez de Olhão* escrevi quatro linhas sobre a defeza de *Lisboa*, em aquella collisão, ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor, e sempre eximio, preclaro, e fidelissimo *Duque do Cadaval*. Visse o Publico aquella letra, não seria pequena a minha gloria, e a perversa intriga não ousaria macular o nome de quem não podia salvar a Capital. *Lisboa* inteira estava esmorecida, desfallecida, e *inanida*! A tentativa da Defeza de *Lisboa*, em aquella collisão, arrastaria uma formal declaração da *Inglaterra* contra *Portugal*, que erão os desejos do seu *Consul*, e do Radicalismo. As ordens convenientes forão dadas para ser boa a evacuação de *Lisboa*, assim verbalmente como por escripto; em parte forão executadas, em parte não. A conspiração quiz uma cousa, e conseguiu outra; perder-se: *Lisboa* lamenta hoje a sua sorte. ElRei não podia ser obrigado por artificios civis, e Militares a transacções indecentes: casar aqui, ou alli, perdoar, ou castigar, fazer estes tractados, ou aquelles, é livre a ElRei. O Grande Rei, o Senhor D. MIGUEL I. sómente faz sacrificios por salvar seus Povos, mas com dignidade, sem mingoa da Magestade, e do Reino. Eis o verdadeiro Ecco de Portugal. Os seguintes Numeros aclararão mais a verdade, desmascararão a intriga, e a traição, e illustrarão as Potencias Estrangeiras.

Coimbra 1 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

---

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1834.

Com Licença.

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 2.

---

*Tum vero ad vocem celeres quæ buccina signum  
Dira dedit agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid. 7.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage  
Déjà couloit le sang premeics du carnage.*

RACIN.

---

*O Exercito quer comer.*

O Artigo é da maior importancia, pois sem comer não se vive: mas viver no modo possível, sem roubar, sem enganar, e sem que a pansa inche tanto como a barriga do Cavallo de *Troia*: de comer o preciso, e para a gente que precisa, que o merece, que trabalha, e serve, e para as *alimarias* que são indispensaveis. E por esta fórma no Exertito *Realista* nada lhe falta, então apparece a saude, apparecem remedios para as doenças, e tudo apparece em quanto que a desordem tudo faz desaparecer. Eu quero fazer callar esta griteira da fome, e do plano de acabar de inanir a Nação *Portuguesa* com o fim, nunca perdido de vista pela Maçonaria, de acabar com o *Exercito Defensor* dos Direitos do Senhor D. MIGUEL. Sómente coma do Exercito, quem serve no Exercito, tudo

o mais fóra. Será boa cousa que haja precisões no Exercito, e que a um Clerigo que nada serve, a um Paizano, que nada faz, a uma mulher só pelos seus lindos olhos, e a todos por que tem amigos na Cozinha, se lhes abonem rações, em quanto o Soldado, ou quem serve no Exercito, está a meia ração, e essa tarde, e a más horas? Será bom que um Official tire rações atrazadas, só por que tem Senhoria, em quanto sua mercê o Soldado, que vive á mercê, não tem a ração do dia presente; e será louvavel que se abonem a um Corpo oitocentas rações, por exemplo, tendo muitas menos praças, ou por que nunca teve tantas, ou por que as tem em deserção, ou nos Hospitales, ou em outros destinos? Será justo haver no Exercito um entulho de comedores, e de comedoras, que não servem senão para fazer monte, e peso, e para desalentar as fileiras em qualquer alarme? Será justo que alguns Officiaes de Corpos *Realistas* empregados no Commissariado, venção rações na sua Repartição, e ao mesmo tempo nos seus Corpos? Póde dizer-se bem de um qualquer que, quando se empregou no Commissariado, apenas estava mal vestido, e agora já tem uma boa mala, e tinem-lhe bons cruzados novos na algibeira, e parece um *Lord*? Dizia *Frederico* o Grande que no fim de uma Campanha era necessario fuzilar por ladrão o Commissario que desse melhores contas: eu não sei que tal castigo se tenha feito em Paiz algum; sei pelo contrario que em muitos Paizes os Commissarios prosperão, fazem grandes casas, comprão muitas herdades, ajuntão grandes cabedaes, deixão avultadas sommas aos seus herdeiros, e passão praça de homens honrados por aquillo de *quanto tienes quanto vales*, e se um burro carregado de livros é Doutor, um homem com boa burra é homem de bem. Eu não fallo dos limpos de mãos; fallo sim dos alimpadores dos Povos, e se alguém se queixa de mim, ahí está o homem pela sua propria loquella: *o melhor é a calluda.*

Acabo d'estar em *Santarém*: não comi do Exerci-



tô. Via Empregados vender pernas de boi, ou vacca para as Estalagens: Pois haverá Empregado que tenha por dia uma perna de boi? Vi vender grandes pães de muito bom trigo, a preço de 50 reis, e cada um valia 100! No surtimento da carne, *Camarate* é merecedor da estima da Patria, e não ha louvor que lhe seja bastante.

Ora que a Nação *Portugueza* tem ido *inanindo-se*, todos o vêm; o como, eu o percebi agora; que isto se faça de proposito, não o digo, porque não sou malicioso! Dirão que as privações vêm da falta de cereaes. Falta de cereaes em *Portugal* no Outono, e no principio do Inverno?!!! E falta de cereaes no *Alemtéjo*?!!! Que não se cumprem as requisições — Respondo: Que havendo-as feito em tempo, requisitando só o possível, e necessario, e em locaes abundantes, não absorvendo logo os cereaes mais proximos ao Exercito, não podia deixar de haver uma grande affluencia de cereaes, porque os Povos obedecem, as Auctoridades cumprem, e quando não, fazem-se cumprir. Que ha falta de moagem! Pois o Exercito não soube conservar os moinhos de *Pernes*; e os de *Torres Novas*? Perdoe-se este descuido ao General *Inglez*. Que não ha conductores — Respondo: Que estabelecendo-se Brigadas de Carros ao *Sul do Téjo* em distancias regulares, que se revezem, e estabelecendo-se outra Brigada ao Norte, não carregando os barcos senão de cereaes, e de pão, sem admittir cavalgaduras, e passageiros, e não desembargando os carros por *dinheiro* e por *compadrios*, ha conductores sufficientes, faz-se o serviço do Exercito, os Povos não soffrem tanto, e servem de melhormente. De qualquer fórma ha de haver privações — Respondo: Que o Soldado *Portuguez* é soffredor, quando sabe que as suas privações vêm sómente da necessidade, e não de despropositos: por outra parte podia ter-se fabricado bolacha até para um anno. Diga o que quizer; não tem *Portugal* tantos cereaes que sejam sufficientes — Respondo: Que a *Hespanha* morre por ven-

der os que lhe sobejão, e são muitos, e pessoa houve em *Santarém* que no mez passado se offerecia apresentar cereaes para muito mais de vinte e quatro mil homens que alli estão, dando-se-lhe oitenta mil cruzados metal, ainda que alli permaneção até o mez de Maio; e respondendo-se a isto que não havia dinheiro, Senhores Officiaes bem graduados disserão que elles tornãvão a dar o mez de soldo que havião recebido com tanto que o Exercito se sustentasse até se abrir a campanha; mas ainda supposta, porém não existente — a escacez de cereaes, o arroz, o feijão, a batata, e até a castanha podem supprir uma parte da ração de pão. Porém vamos a outro objecto.

É tal a bicharia de cavallos, machos, mulas, burros, burras, e bois que estão em *Santarém*, que faz espanto como alli tem cabimento. Porém mais espanto causa o dizer-se que falta palha, e cevada para se alimentarem. Falta de palha no *Sul do Têjo*, e nos Campos da *Gollegia!* Maior falta tem havido de providencias em tempo, e grande tem sido o estrago que fizerão, e fazem aos palheiros gentes que lá forão, e vão com auctoridade propria para fornecer animaes que não pertencem ao Exercito. Que haja em *Santarém* um qualquer que tenha oito cavalgaduras, ou bestas de carga? Que haja Officiaes que tenham mais bestas de bagagem que as que lhes pertencem? Que haja Sargentos e Soldados que tenham um burro para elles, e outro para as suas mulheres, ou para as sujeitinhas? Pois todas estas bestas, e cavalgaduras, que não pertencem ao Exercito, que lhe não fazem serviço, e que alli não devião andar, porque o entorpecem, causão confusão, e são o primeiro objecto que lembra na retirada, ou em um alarme, são as que se fornecem primeiramente, e melhor que as que pertencem ao Exercito, e por isso ha roubo, e desperdiço na palha, e na cevada, e falta em tudo. Ora observando-se o Regulamento, não póde haver falta do fornecimento á Cavallaria, ás parelhas da Artilheria, ás cavalgaduras de bagagem, e aos bois; em uma

palavra o Exercito, e tudo que anda no serviço do mesmo, não teria passado por tantas privações, se houvesse mais zêlo, se houvesse mais cuidado: recal-citrarei ainda sobre o roubo. Eu vi vender-se em *Santarém* o alqueire de milho a preço de dous tostões, e o alqueire de centeio a oito vintens, em quanto faltava cevada, ou grão para as Cavalgadas do Exercito; argumento, ou de roubo, ou de sobejos, ou que se pe-dião mais rações que as precisas, ou que se tirava ás Cavalgadas uma parte da sua ração, o que practicaõ alguns máos Soldados. Eu sei que alguns Empregados no Exercito, a quem é dado ter Cavalgada, tirão rações, como se effectivamente a tivessem, mas realmen-te não a tendo. Esta não é uma diatribé contra o Exer-cito contra o Commissariado; é uma advertencia aos Chefes de que nas duas Repartições ha alguns máos Christãos que não sabem mais que nove Preceitos do Evangelho, *mettendo nas algibeiras o Septimo*; que por lá ha seus Realistas que o são sómente para elles mesmos e não para Deos, nem para ElRei, que ha gente que do Padre Nosso não sabem se não o *Venha a nós*; que ha pessoas, que a respeito dos Povos dizem *tudo para nós, e nada para vós*. Eis aqui como a Nação se vai inanindo, como o Exercito soffre privações, e como a Guerra se tem feito tão desastrosa. Dizer que isto mesmo não passa entre os inimigos é uma loucura: cá ha excessos, ha descuidos, ha seus roubos, e ha algumas privações; mas lá a cousa vai muito peor; lá toca-se a roubar, e só não rouba quem não póde; sabem que hão de ser vencidos, que *tem de dar ás tranças*, e por isso vão fazendo o alforje, mettendo no sacco, e entrouxando na barriga das suas embar-cações, e tambem das Estrangeiras; lá roubão todos, especialmente os Empregados: quanto mais alto é o emprego, mais fundo é o roubo; lá rouba-se com o maior descaramento, sem vergonha alguma, e sem medo porque ninguem lhes ha de tomar contas, nin-guem lhes ha de lançar em rosto os seus roubos; lá rouba-se por habito, systema, e arte; lá é uma pira-

tagem continuada: por isso elles sóffrem muito maiores privações, porque *Onde ha roubos, não pôde haver abundancia*; por essa razão os Povos que elles occupão acodem-lhes de muito má vontade, occultão o que tem, fogem com o que podem, amaldiçoão, e rogão pragas não só á injusta causa que defendem, mas aos *Cacós* que estão á testa della. Por outra parte o terreno que elles subjugão, é o mais esteril de *Portugal*, esteril de cereaes, e de legumes, de palha, de lenha, e de carvão, summamente desprovidos de carnes, por isso já desfallecem na lucta; quantas mais gentes recrutão, mais os recursos de toda a qualidade lhe escaceião, e mais precaria se torna a sua posição; em quanto que o Senhor D. MIGUEL domina a maior parte do Reino, a mais fertil e a mais povoada: dous milhões, e meio de vassallos lhe obedecem, e lhe acodem com as suas pessoas, e fazendas. Mas voltemos ao Exercito, e ao Commissariado.

Para o Commissariado poder satisfazer as suas obrigações é indispensavel que o Chefe vá de intelligencia com elle, indicando-lhe não só as marchas, como a base das suas Operações. Em quanto houve esta boa intelligencia, desempenhárão seus deveres com muita exactidão o Senhor *Burradas* na Divisão Transmontana, o Senhor *Campos* no Exercito Realista Emigrado, e o Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Senhor *João Gaudencio Torres* no Exercito de Operações sobre o *Porto*. Como é possível que o Commissario retire em um momento os Depositos, se o General lhe não participa anticipadamente a retirada? Como pôde fornecer um Exercito, que lhe dizem ha de permanecer em tal posição quinze dias, e elle permauece tres mezes, ou seis, ou um anno?

Como pôde ter fornecimento para um Exercito que se lhe diz ser de doze mil homens, e elle em pouco tempo sobe a vinte quatro mil, sem lhe dar tempo de fazer as suas reservas? Como pôde dar conta dos Depositos, se o General lhe diz que os forme tres legoas á retaguarda do Exercito, e o Exercito rapidamen-

te retira onze leguas mais? Como pôde fixar os Depósitos, se o General lhe não indica a base das suas Operações? Preciso é pois que o Chefe do Exercito vá de accordo com o Chefe do Commissariado, que os dous procedão de commum intelligencia, e de boa fé, sem o que nem toda a responsabilidade pôde exigir-se do Commissario. É preciso tambem que todas as outras Repartições do Reino vão de mãos dadas com o Commissariado, proporcionando-lhe no possivel todos os meios para o fornecimento, e nominalmente a do *Fisco* entregando immediatamente os cereaes confiscados sem tratar agora de rematações, que se dantes pouco bem trouxerão para o Estado, agora muito menos pôdem trazer, salvo se o bem do Estado fosse o pagar salarios, e ordenados pouco precisos, e até para não imitar a politica barbara do inimigo, em sequestrar e confiscar a torto e a direito, com que tem adquirido inimigos aos montes, e outro bem não tem resultado ás suas Finanças que encher o Sacco dos seus sequestradores, sollicitadores, e mais comedores do Publico! Seja finalmente auxiliado o Commissariado, porque o Exercito quer comer; coma o Exercito, e só os que o servem, e separem-se os que só comem, e não trabalham; distribua-se a carga por todos os Povos de maneira que todos tomem o peso á cruz, e assim se lhes faça mais suave. Eis em frases bem perceptíveis *O Verdadeiro Ecco de Portugal*. Queirão os meus Leitores ir-me alliviando d'estas materias primas, que sempre são mais toscas, em quanto não chego á fórma.

Coimbra 3 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buella Pereira de Miranda*.

---

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

*Com Licença.*

The first part of the report is devoted to a general  
 description of the country and its resources. It  
 is followed by a detailed account of the  
 various industries and occupations of the  
 population. The third part of the report  
 contains a list of the principal towns and  
 villages of the country. The fourth part  
 contains a list of the principal rivers and  
 streams of the country. The fifth part  
 contains a list of the principal mountains  
 and hills of the country. The sixth part  
 contains a list of the principal lakes and  
 ponds of the country. The seventh part  
 contains a list of the principal forests  
 and woods of the country. The eighth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The ninth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The tenth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The eleventh part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The twelfth part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The thirteenth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The fourteenth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The fifteenth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The sixteenth part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The seventeenth part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The eighteenth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The nineteenth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The twentieth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The twenty-first part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The twenty-second part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The twenty-third part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The twenty-fourth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The twenty-fifth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The twenty-sixth part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The twenty-seventh part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The twenty-eighth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The twenty-ninth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The thirtieth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The thirty-first part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The thirty-second part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The thirty-third part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The thirty-fourth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The thirty-fifth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The thirty-sixth part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The thirty-seventh part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The thirty-eighth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The thirty-ninth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The fortieth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The forty-first part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The forty-second part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The forty-third part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The forty-fourth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The forty-fifth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country. The forty-sixth part  
 contains a list of the principal fishes  
 and reptiles of the country. The forty-seventh part  
 contains a list of the principal shells  
 and fossils of the country. The forty-eighth part  
 contains a list of the principal minerals  
 and metals of the country. The forty-ninth part  
 contains a list of the principal plants  
 and animals of the country. The fiftieth part  
 contains a list of the principal birds  
 and insects of the country.

The following table shows the population of the  
 various districts of the country in the year  
 1850. The population of the country in  
 1850 was 1,000,000. The population of  
 the country in 1860 was 1,200,000. The  
 population of the country in 1870 was  
 1,500,000. The population of the country  
 in 1880 was 1,800,000. The population  
 of the country in 1890 was 2,000,000.  
 The population of the country in 1900 was  
 2,200,000. The population of the country  
 in 1910 was 2,500,000. The population  
 of the country in 1920 was 2,800,000.  
 The population of the country in 1930 was  
 3,000,000. The population of the country  
 in 1940 was 3,200,000. The population  
 of the country in 1950 was 3,500,000.  
 The population of the country in 1960 was  
 3,800,000. The population of the country  
 in 1970 was 4,000,000. The population  
 of the country in 1980 was 4,200,000.  
 The population of the country in 1990 was  
 4,500,000. The population of the country  
 in 2000 was 4,800,000. The population  
 of the country in 2010 was 5,000,000.  
 The population of the country in 2020 was  
 5,200,000. The population of the country  
 in 2030 was 5,500,000. The population  
 of the country in 2040 was 5,800,000.  
 The population of the country in 2050 was  
 6,000,000. The population of the country  
 in 2060 was 6,200,000. The population  
 of the country in 2070 was 6,500,000.  
 The population of the country in 2080 was  
 6,800,000. The population of the country  
 in 2090 was 7,000,000. The population  
 of the country in 2100 was 7,200,000.

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 3.

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid. 7.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang premeics du carnage.*

RACIN.

Depois da evacuação de Lisboa pelas Tropas  
Realistas.

CADA qual saio de Lisboa como, quando, por onde pôde, ignorando tal feito quasi toda a Cidade, sabendo-o tão sómente a Força Armada, que principiou a sair mui de madrugada, annunciando-se-lhe o movimento para o Campo Grande. Os particulares, que sairão, forão avisados pelos seus amigos, os mais não tiverão aviso, outros forão avisados tarde, e já não poderão sair pelo perigo de serem assassinados pelas Ruas, pois o massacre principiara já pelas seis horas da manhã, e ainda o relógio não as déra. O movimento da Tropa fôra ordenado pela meia noute. O terror pannico, o temor nocturno, se havia apossado de muita gente: erão cousas feitas nas trevas da noute. A Tropa que no dia anterior havia ido para o Sul do Tejo, fôra tarde; não teve tempo de tomar posições convenientes, e collocou-se mal, nem militarmente era capaz de fazer armas com tres a quatro mil Soldados oufanos commandados por Villa-Flor: os reforços que forão mandados, forão ainda mais tarde, e não poderão collocar-se, nem prestarão auxilio algum, podendo apenas parte voltar nos mesmos Barcos em que havião hido, fortuna que não tiverão os que havião hido primeiro, pois os Barcos se havião retirado para a margem direita, não sendo então empregados os Vapores, o que algumas gentes interpretará mal: as Tropas Realistas que poderão fazer fogo, conduzirão-se briosamente, e com o maior denodo, e coragem. Telles Jordão, se não foi pe-

rito, morreo como bravo: o odio que os inimigos ainda hoje tem ao seu nome, havendo-o retalhado, e trazendo seus bigodes, e suas orelhas em execração da sua memoria, lhe fazem maior elogio á sua memoria do que elles imaginão. Pereceo pois o unico General que na Soldadesca, e no Vulgo de *Lisboa* gozava de aura popular: parte da Tropa já não existia ao nosso dispor, e parte estava espavorida. Toda a força da Divisão que se confiara á sua direcção para a defeza de *Lisboa* constava ao todo de tres a quatro mil homens fardados, e de quatrocentos cavallos: eu o sei, porque fez favor confidencialmente de mostrar-me o mappa da sua Força; ficava fóra das suas ordens a Tropa de *Policia*, a que guarnecia os Fortes, e Torres, e as escassas, e não mui boas Milicias, e Ordenanças, que era toda a Força do *Visconde do Peso da Regoa*. Era pois mui diminuta a força combatente, que ficava para Defeza de *Lisboa*, e essa mesma sem General! Era isto de noute, o Consul *Inglez* aproveitava todas estas cousas, a *Esquadra Ingleza* não havia querido largar o *Téjo*, *ahi estavam os Officiaes da Esquadra inimiga*, *ahi se tocavão*, e cantavão *Hymnos Constitucionaes*, e soavão os *Vivas*; os *Liberaes* tinham suas armas em suas casas (*eu representei a tempo, que se lhes tirassem, e disse o modo*); tambem estavam armados os presos (*eu representei a tempo que fossem removidos os da Corte, e Extremadura, para haver alguma segurança; estas duas representações forão feitas a um Alto Funcionario Civil!*): era de temer a anarchia, que a população, e a Soldadesca rompessem com alguns *Inglezes*, que se consideravão auctores d'estas cousas; a *Policia Civil* tremeo: a *Policia Militar não correspondeo*; a defeição d'alguns *Officiaes*, e *Soldados* temia-se no conflicto, e sem elle se verificou; General não estava nomiado, nem de noute era tempo: a Divisão combatente já não estava organizada, nem era tempo; não appareceo um ousado que fizesse alto: o *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Duque de Cadaval* vio-se só, ou com homens que não acertavão, e moralmente sem força. Salvar a *Capital* não parecia possível, demorar a retirada parecia arriscado; arriscar uma *Accção* parecia perigoso *Politica*, e Militarmente. Retirou-se pois a Tropa, sem saber porque retirava, e sem entender-se, como podia conservar-se em aquella posição imprevista, rapida, e não remediavel em uma noute de terror, e em um instante de *preocupação intellectual*, em que ninguém dava consello, nem o tomava: a *passagem* era geral, a *Capital* estava esmorecida, e não sabia de si mesma: *tal era a accção preventiva* que *Militar, Civil, e Diplomaticamente* se havia dado á *Capital*, para



a perder, e com ella o Reino, ou para chegar á *amnistia*, ao *casamento*, e á *paz*, como muitos querião, ou para pôr termo a uma guerra desastrosa de que se não conhecia o exito, ou para chegar ás *desejadas*, e *premeditadas Intervenções*, ou para ampliar o Partido a *D. Pedro*, e á *Carta*, ou para experimentar fortuna pela mudança, ou para chegar a uma *Republica* pelo desgosto com os dous Augustos Filhos do Senhor *D. João VI.*, aos quaes se attribuião as desgraças da Nação, sendo que os males s'espalhão em nome dos Principes *pelos seus Conselheiros, e Validos*, para acabar com as *Dynastias*; *mas os Portuguezes não perdem o amor ao Senhor D. MIGUEL*, nem ganhão afeição a *D. Pedro*. Se todas estas cousas não concorressem, se este espirito de desfallecimento, e desconfiança do triumpho se não tivesse assoprado, e assoalhado hem de longê pelo *Directorio Civil*, se o *Directorio Militar* não tivesse disposto mais de longê a consumpção do Exercito, a defecação das Tropas da Capital, e a sua má construcção organica, e se não houvesse a certeza de que os *Inglezes* desejavão um pretexto de rompimento formal, a Capital não seria evacuada. Evacuou-se, e fez-se o movimento de retirada, sem que as Tropas entendessem até onde s'extendia a sua saída, o que fez com que viessem apenas vestidas, pela maior parte sem mochilas, e sem aquelles dinheiros de reserva, que todos procurão ter, haver, e trazer para grandes marchas; mas se as Tropas podessem aperceber-se da extensão d'aquelle movimento sobre o *Campo Grande*, não obedecerião, desertarião então muitos, como ao depois desertarão, ou a anarchia apresentar-se-hia, que é o maior de todos os males; quando um *heroe* não ha, que em um momento se constitua centro de attracção para organizar o *Cahos*: um *Agasilao* na *Esparta*, um *Epaminondas*, e um *Palopidas* na *Beccia*, não estando prevenidos para esta catastrophe, terião de passar por baixo d'ella. Derão-se em aquella perigosissima, e tristissima noute as convenientes ordens para salvar o precioso dos *Reaes Paços*, e salvou-se o possivel, para salvar o *Erario*, e já não foi possivel; umas ordens já não foram entregues a tempo, e não poderão cumprir-se, outras foram resistidas: erão cousas de noute, havia-se incutido a persuasão de que a *Esquadra Inimiga* á *sombra da Ingleza* estava sobre a Capital antes de amanhecer, as guarnições dos Fortes, e das Torres se havião mandado retirar, depois d'encravada a Artelharia, como já inúteis, retirando as Forças da Corte, e ao raiar do Sol já a sublevação feria nas *Ruas da Baixa*. Pôde pois salvar-se muito pouco, ainda d'aquelles mesmos que tomárão, ou tiverão mais tem-

po. A Fidalguia, a Grandeza da Corte nem toda pôde pôr em cobro as suas cousas, nem todas. Não passarão muitos dias que os *Palácios dos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores Duques de Cadaval, e de Lafões* não fossem roubados, esbulhados, e despidos de muita riqueza que nelles ficára. Não se tendo respeitado estes dous Palácios, bem se deixa vêr, que os inimigos se constituirão depositarios de todos os pertences dos que evacuarão Lisboa, com a precisa clausula de nunca abrir mão do que uma vez empolgavão: mas d'estes actos de piratagem, de furor, e de massacre já fallarão meus artigos lançados no *Correio do Porto*, e as *minhas Cartas*; e ainda a *Historia da revolução* está nas primeiras paginas que hão de ser continuadas no mesmo *Correio*.

Vio-se Lisboa evacuada, e julgou-se traída, ignorando quem fosse o auctor da sua ruina, apezar d'estar ali na frente o celebre *Raposo* tantas vezes acurriado na *Defeza de Portugal*. Armas com abundância, pólvora, bala, petrechos de guerra, fardamentos, e roupas ficarão nas Estancias competentes. Os Donativos da generosa *Nação Portuguesa*, em que *D. Pedro* teve bom quinhão, ficarão-lhe d'esta vez sem partilha, o que a *Defeza de Portugal*, e o *Procurador dos Povos* havia insinuado muitas vezes como desconfiado de certos cavalgantes bestas; uma linha se não escreveu em mal, que se não tenha verificado; e rara se escreveu em bem, que se verificasse, salva a heroica fidelidade da *Nação Portuguesa*, e a prodigiosa Magnanimidade d'ElRei. As Tropas passando do *Campo Grande* já debandavão; a fome, e a sede as affligia; a traição d'alguns *Officiaes*, e a sedução d'alguns Soldados já apparecia; fazem alto em *Torres-Vedras*, e quando começão a meditar no que lhes passava; quantos homens, tantas sentenças, a anarchia moral principiava, e um motim ameaçava. Nomeia-se o *Visconde do Peso da Regoa* para commandar: falla aos Corpos, aquieta os animos em parte, com muito risco seu, e com alguma asperêza de palavras. O Senhor *Povoas* era o Chefe do Estado Maior: projectou-se alli collocar as Tropas em observação de Lisboa; mas a noticia da evacuação de *Peniche* desbaratou o plano: *Peniche* pereceu por esta attenuação, e consumpção moral semelhante á consumpção das forças vitaes, em que o homem acaba seus dias sem que appareça mal exterior que o mate. Estende-se pois o movimento para *Obidos*: dia terrivel em que elle se executou: erão caniculares esses dias, a fome era muita, e ainda não affligia tanto como a sede; que não tinha onde refrescar-se; alguns cavallus s'extendêrão mortos por isso, os Soldados pro-

strarão-se moribundos nas charnecas, alguns fizerão pé  
atraz para Lisboa, uns por *seducção*, outros por *deserção*, e  
outros por *defeição*: nós havíamos saído de uma Cidade *Epe-*  
*demica*, todas as Povoações, que atravessamos, estavam *chô-*  
*lericas* no seu maior auge, a *Cholera* em toda a marcha  
arrebatoou muita gente. Calamidade igual nunca devastou  
os *Portuguezes*! A falta de Pão não só procedia de que a  
gente era muita, e toda se agolpava sobre as Povoações  
em que não havia prevenção, nem podia havel-a, por-  
que esse era o Paiz mais mesquinho da *Extremadura*, e  
os Cereaes em aquelles tempos estavam na palha. Uma  
tenra Filha do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Du-*  
*qua de Lafões* chora por pão, que vio entre os dedos de  
um Soldado! *A lembrança d'esta passagem me faz correr*  
*as lagrimas sobre o papel*; ainda me arrepio sobre o acon-  
tecimento, e me torno como extatico d'afflicção, e de  
considerações. Nunca a Grandeza do Reino se vio em taes  
trabalhos, em tal abatimento, e em tanta desgraça!!!  
*Muitas pessoas da primeira distincção todo o caminho cal-*  
*curriarão a pé!* A falta de transportes na saída da Capital  
era consideravel! Tiverão então por cama branda o duro,  
e arido chão das charnecas, gentes que em suas casas achão  
duros muitas vezes os Colchões. *As ardentes regiões da Africa*  
*não forão mais inhospitas, que estas, aos Heróes Portuguezes*  
*que as descobrirão.* O Soldado procura tomar pela mão o  
sustento que as alheias lhe não davão, nem podião dar,  
porque nem os Povos, nem os Campos podião com o peso  
de tanta gente. Commettêrão-se pois excessos, que a fome  
sempre traz sem remedio: foi hostilizada alguma outra pes-  
soa que resistia a que se lhe tomasse o de que ella entendia  
precisar para o futuro; comeo-se crua, e ás vezes assada  
a massaroca do milho; comeo-se a uva verde cozida em  
agua quente; a nascente batata desenterrou-se para o susten-  
to, o feijão crú ajudou muito; a agua dos charcos teve mu-  
lto uso para a bebida no transitio: o que não é exaggeração:  
vi isto frequentemente, passei por isto, só fome não soffri  
caminhando, porque a minha má saude só sede me dava.  
O soffrimento do Soldado no meio de tantas privações é  
exemplarissimo, a constancia dos regalados *Lisbonenses* é  
heroica! *Nunca Soberano algum do Mundo teve um Povo, que*  
*tantos sacrificios de tão boamente fizesse por ella!* Mas o Se-  
nhor D. MIGUEL é o modelo do Soldado; e do Povo, com  
elle trabalha, com elle soffre, e padece, e com elle ha de  
yencer, ou morrer. *Rei Heróe tem um Povo Heróe!*

Em *Obidos* projectou-se estacionar alli uma parte da  
Força, outra em *Rio-Maior*, outra em *Alemquer* em obser-  
vação de *Lisboa*, e em guarda de *Peniche*, Ouvi este proje-

eto, e este voto, e parecer ao *Visconde do Feso da Regoa* pela primeira vez, que tive occasião (depois do anno de 1828) de que me ouvisse em companhia do Padre *Fr. Manoel de S. Thomaz Barreiro*, *Prégador Regio*, e *Prior dos Dominicanos de Bemfica*. Desejava aquelle General separar do Exercito a muita gente que lhe não pertencia, e que só lhe servia de peso e empecilho, dividir as forças para lhe proporcionar sustento, e algum descanso, e para lhe dar exercicio, e chamar o inimigo a Campanha, ou manter o espirito de *Lisboa*, e promover a deserção. *Mas das Tropas do Algarve, e do Alentôjo não havia recado, nem mandado, e como a Capital do Reino se perdêra, assim ao parecer todos perdêrão a Cabeça.* Estendeo-se pois o movimento ás *Caldas da Rainha*, e aí, na impossibilidade de fallar á vontade com o Illm.º Exm.º Senhor *Duque de Cadaval*, mui deteriorado na sua saude, dirigí uma letra de que não tenho pejo: eu não tinha jus a ser ouvido, mas desejava fallar um pouco. Prolonga-se o movimento para *Leiria*, e no transitó de *Alcobaca* para alli, tendo-se derramado alguns Soldados a procurar-se sustento, um certo Official, já hoje reformado, soltou a voz *Estamos cortados!* Fraco, vil, conjurado na traição! se a anarchia fosse alguma vez conveniente, deveria começar eu-tão, e findar pela morte d'esse *acobertador de Officiaes indignos, que na evacuação de Lisboa ficarão para inimigos, e para lá levarão Soldados!* É desgraça que uma boa parte dos que mais devem a ElRei, seja essa a quem menos deva ElRei. Mas a Maçonaria não se prende com mercês: mais cedo ou mais tarde ella dá a sua patada. O Soldado até *Leiria* em tantos dias de marcha, e de fadiga recebêra sómente um quarto de pão! Não posso ser desmentido, sem que se negue que eu ahi vinha gemendo, e chorando, mas nunca desanimando, nem esmorecendo, com as Tropas mais soffredoras do Mundo, e com um Povo o mais resignado de *Portugal*. Os Realistas *Lisbonenses* assim homens como mulheres, são dignos de admiração.

O Exercito de *Lisboa* por fim veio até *Coimbra*, ficando em *Leiria* ou por ahi em *algures* uma parte da Força organizada do *Visconde de Mollellos*. Uma voz vulgar vinda do presentimento da Soldadesca, que por um não sei que fareja muitas vezes o futuro, e acerta, havia annunciado logo no *Campo Grande* o andamento da *procissão até Coimbra*. Eu que não pertencia ao Exercito, nem delle comia, nem ahi era ouvido, separei-me de *Leiria* com o Doutor Desembargador *Antonio Alves de Carvalho*, *Corregedor do Bairro Alto em Lisboa*, que tambem veio vestido, o que não considerava elle pequena fortuna. Eu trazia em vista levantar a voz em *Coimbra*, e aqui redigir *O Verdadeiro Eceo de Portugal*,

contando para isso com a vontade do Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Sen. L<sup>o</sup>r  
*Conde de Basto*, Ministro que se errou na sua administração, talvez não peccou, pois de infiel ninguém o taxará sem embargo de uma concussão, na qual alguns julgão appropriada aquella expressão do Apostolo das Gentes— *Hic jam quaeritur inter dispensatores, ut fidelis quis inveniatur*. Mas fique em Latim, para que só *Larraguistas* o entendão. Elle já fôra chamado por Deos para responder! Não foi poi s mais movida a Licença, até que o Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Senhor *Antonio José Guião* entendeu ser tempo de fallar a *Portugal* no exito desta Conducta = *Guerra, ou até alcançar uma paz gloriosa, ou até morrer com honra da Independencia*. Então prosegui os outros meus desejos; fallei ao Tenente General *Conde de Almer*; tive a honra de beijar a Mão a toda a Augusta Familia Real que viera da *Hespanha*; ouviu-me o Marechal *Conde de Bourmont*, fiz o que pude, fallei, discorri, e escrevi á vontade; mas a mim só me é dado desejar, podendo ser denominado, como *Daniel*, o Varão dos desejos: *a buenos entendedores pocas razones*. Esta importante narração de factos por mim presenciados, e passados á vista de milhares de testemunhas, e de Victimas da Patria, não pôdem ser desmentidos; as minhas reflexões, meu modo de pensar, não pôdem ser contraditados senão á face de documentos, se existem, e que sejam mais autenticos que aquellas letras do *Conde de Amarante* de combinação com a revolução do *Porto* do anno de 1820, letras que elle nunca escreveu, em que nunca elle consentio, que protestou, e que nas vesperras de sua morte exprobrou ao seu inventor, confessando este a necessidade de as suppôr 'para salvar uma revolução que julgou conveniente. Fallo de mortos, e sou *testemunha viva*.

Tambem em nome dos Reis se fazem testamentos, ou Decretos mortuorios com antidata, Despachos, Graças, e Mercês, que os Reis nunca quizerão fazer!!! Tambem em nome dos Reis se ordenão retiradas, e entregas de Praças, e outras disposições Civis, e Militares contrarias ao bem dos seus Exercitos, e ao Serviço de Deos, e ao seu, em que os Reis não consentirão, nem forão ouvidos! A prepotencia, a maçonaria, a intiga, a ignorancia, o despotismo dos Validos, dos Ministros, a vertigem do Seculo, esta Epidemia Moral, que tanto conhece o curativo como as Epidemias Fysicas, que não cessão de causar estragos até que o periodo não passa, tem levado os melhores Reis e os melhores Povos ao *Cahos presente*,

Findou a narração onde eu desejava, mas retrogrado um passo, e o caminho me fica desembaraçado para cousas mais interessantes. Eu deixei *Lisboa* nas horas de maior crise

no dia da evacuação 24 de Julho de 1833: por acaso e por muita fortuna minha, vim pelo *Tejo* com *Abdon José da Costa* bem conhecido por suas boas qualidades na Corte, e no Exercito: elle e eu nos servimos de *amo e de moço* alternadamente, elle para mim sempre de amigo, e Companheiro, que de muito me servio: com a liberdade destes predicamentos, fez-me varias perguntas ainda no *Tejo*, e pelas minhas respostas que aqui transcrevo conhecer-se-ha o teor da conversação. — *Ou pazes em Coimbra, e então lá imos — ou se toma o Porto, e voltamos sobre Lisboa ou nos dividimos contra o Porto e contra Lisboa, e então a base de operações em Santarém, firmando-se em Elvas, e no Aleméjo, e olhando sempre para o Norte de Portugal que é la Vendée Miguelista. — Se houver pão, polvora, juizo, administração de confiança, tomaremos Lisboa, e o Porto, e teremos então Esquadra para vingar as Possessões Ultramarinas. — Se a Nação não desfallece com a perda da Capital, as Potencias Estrangeiras abandonarão D. Pedro, e a Inglaterra, achando que a vontade Nacional está pelo Senhor D. MIGUEL, confessar-se-ha enganada pelos seus Agentes em Portugal, e seu Governo ver-se-ha em posição critica — a Hespanha, nem quer, nem pôde socorrer-nos, nem sua intervenção Militar pôde ser-nos util — Aquelle que primeiro cançar na luta, esse será o vencido — Abdon José da Costa, e outros amigos instarão que os acompanhasse até o Lumiar, para entrar em Lisboa, e lhes respondi que os procuraria á volta em Santarém: cumpri a palavra, e infelizmente elles lá voltarão!*

A uma das muitas perguntas que se dignou fazer-me o Marechal Conde de Bourmont, respondi — *Golpe de mão sobre Lisboa não podeis dar, sem que mudeis as figuras ABC — a vossa acção tem de ser Política mais do que Militar — não é o numero dos inimigos quem nos vence, somos nós que nos deixamos vencer — estais enganado com . . . ; simulação, não prestão, não tem talento — a Acção de qualquer Estado está circumscripta a maximas, e regras certas — cinco annos levamos nesta oscillação — ElRei é o melhor Principe do Mundo: se podeis aproveitar os vossos talentos, salvareis Portugal, e fareis um novo seculo na Historia desta Nação — se vós não O salvaes, o Ceo salvará a ElRei, e seus Povos, quando o tempo estiver chegado. — Eis aqui graves accentos do Verdadeiro Ecco de Portugal.*

Coimbra 6 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 4.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

---

## *Consequencias da evacuação de Lisboa pelas Tropas Realistas.*

SE Portugal estava como *contracto* e pasmado de si mesmo, estancado todo o seu movimento de um anno sobre o *Porto*, e ali vendo-se morrer, sem deixar de viver, logo que perdeu a Capital, como que quiz mirrar-se, e sumir-se. Porém levanta ElRei a Sua Poderosa Vóz, e *Portugal* acorda do lethargo; *Portugal* não morre, reanima-se, olha por si mesmo, e tracta de si, identificado com o seu Rei. Nenhum Monarcha teve jámais tanto poder; nenhum Povo obedece mais espontaneamente ao seu Rei. Esta força, que tem as palavras do Senhor D. MIGUEL aos Seus Povos, não parece natural pela instantanea rapidez com que produz seus effeitos: sem duvida o Céu enviou a este Rei o Seu Valor, este Valor moral, que acompanha sempre a virtude, uma justa causa, e a confiança em Deos. *A Domino factum est istud*, podemos dizer com o Psalmista: Deos fez todas estas cousas que vemos, e todas nos parecem maravilhosas. Prodigio parece que *Portugal* não tenha triunfado, e Prodigio parece que *Portugal* não tenha sido vencido! Não ter triunfado logo no principio da lucta com um Exercito mui numeroso, aguerrido, disciplinado, subordinado, e entusiasmado! Não ter sido vencido com tantos inimigos domesticos, e hypocritas, que se bandeá-

rão com os aggressores, com tantos, e tantos socorros estrangeiros de toda a especie, que de toda a parte lhes vierão, e com tantas, e tantas despesas como *Portugal* fez, e é obrigado a fazer. Parecem prodigios contraditórios; eu vou expender as razões d'estas contradicções, para confundir os inimigos, e muito principalmente as *Folhas Constitucionaes*.

Vem ha pouco essa escandalosa *Chronica Constitucional do Porto* serzindo alguns retalhos do *Correio do Porto*, indicio de que já não tem cousa, que lhe seja favoravel de que occuparse: toma o seu Redactor, muito mais abjecto e torpe, que o primeiro Redactor d'essa escandalosa, toma elle algumas passagens a certos deseuidos de *Grammatica*, e de *Orthografia*, e a certos defeitos de *Eloquencia* de algumas Peças inseridas no *Correio do Porto*, não advertindo o miseravel revedor, que os Jornalistas não respondem pelo que transcrevem. Ora ainda que a nossa lide não é de *Grammatica*, nem de *Orthografia*, nem de *Rhetorica*, é sim de Religião, do Throno, de Lei, e de Costumes que defendemos, invocando para isso o Delicioso Nome d'ElRei o Senhor D. MIGUEL I., todavia por mero incidente farei recolher a falla ao bucho ao contendor. Em principio de tudo aquelle cacofaton porco de *ca-con*, *Chronica Constitucional*, que poderá evitar-se com o predicamento — *Liberal*, mostra um torpe defeito no Titulo! Ora vá levando para o seu tabaco. A palavra *cujos*; qual equivocado com *que*; a particula *Se* posposta, e anteposta indevidamente tornando passivos verbos, que não o podem ser; aquelle *a não*, tantas vezes usado n'esses Relatorios trabalhados entre *nove luzes* pelos Liberaes mais conspicuos; a pessima cadencia dos periodos, a desigualdade das proposições que os formão; faltas de concordancia em genero, e numero, até nos *Decretos*, até nos pregões, ou pegões de *Fr. Manoel de Sancta Ignez*, o primeiro Scismatico da Igreja de *Portugal*, tudo mostra o *anão* d'esses Sabios, ou que todos elles são *anões* nas Artes Nobres, ou que *lá*, e *cá* *más fadas ha* em Litteratura.

Mas dou-lhes de barato que lá haja mais Letras, e tambem mais tretas. Tenhão elles embora a eloquencia de *Bruto*, ou de *Catilina*, que forão contra a sua Patria: nós temos a eloquencia de *Viriato*, e de *Sertorio*, que pelejarão pela Patria; e posto que não a salvarão, morrerão honrosamente na sua defeza. A eloquencia das paixões por si mesma s'enfeita: a eloquencia da justiça não tem outro enfeite que o da natureza, e basta este para quem ama a Virtude. Embora entre nós não se apare a penna; preparão-se as armas para aparar os golpes inimigos, e aparar-lhes as pernas, os braços, as cabeças, o co-



ração, a vida: é de que se tracta, é o que interessa. Mas porque se vanglorião elles em Litteratura, sendo sómente poderosos em maldade? De que lhes tem servido as Letras, senão para se perderem a si mesmos, e para fazerem a desgraça da Sua Patria? A quem devem esses bochechudos *Demagogos* a sua tal qual consistencia, e consideração, senão á *Aristocracia* que se envolveo no seu partido por uma fatalidade? Quem tem lá elles em Politica, e na Guerra senão *Aristocratas Palmella, Villa-Flor, Saldanha*, e outros da Ordem da Nobreza? Que seria d'esses orgulhosos *Demagogos*, pobretões de juizo, de costumes, e de teres, se o manto da *Aristocracia* não os cobrisse? E agora se conjurão contra a *Aristocracia*, na pessoa do *Conde da Taipa*! Tem tanto de in consequentes, como de ingratos, perfidos, e aleivosos! E querem passar praça de homens Sabios? E aos Realistas denominão burros? Outro Numero mostrará, que os *Demagogos* de *Portugal* são burros, e só elles os burros, em gráo superlativo ao infinito.

Não podia eu esquecer ao *Chronico do Porto*; não, eu não esqueço aos Escriptores Liberaes de *Portugal*, nem aos de *Londres*, nem aos de *Paris*: dõem-se; é porque lhes chego ao vivo: ainda se queixa o *Chronico de Lisboa*, tão pobre asno, que disse m'enxergava por um oculo naquella Capital, como se eu fousse o grimpa *João da má ventura sem freio*, e eu aqui estava em *Coimbra* encapotado dando nos Constitucionaes á direita, e á esquerda. Porém o *Chronico do Porto* injuriou-me: chama-me *Gallego*, da terra dos Santos, dos Sabios, dos Militares, dos Conquistadores, e, para maior gloria, dos sempre Catholicos na Peninsula; em uma palavra da terra, em que ha de tudo, como em toda a parte; mas pago-lhe a injuria; chamo-lhe *Portuguez*, e estou desfornado, porém *mão Portuguez*, *mão Catholico*, *mão Vassallo*, em quanto eu sou bom *Gallego*, e bom *Portuguez*, bom *Catholico in fide*, e *Vassallo fidelissimo*, tractamento que tem o Reino de *Portugal*, e o de *Galliza*; não sou tôlo qua tôlo, sei a Doutrina Christã, aprendi meus boccadós de *Latim*, estudei o *Larraga* a pedaços, leio menos mal, entendo algumas *pontas de Linguas*, escrevo correctamente, e sobre sabenças de Sciencias uteis aposto-as a todos os *Coustitucioneiros* do Mundo. Ora venha lá o *Portuguez Chronico* outra vez.

Reprende elle o Governo do Senhor D. MIGUEL pela sua indiferença em deixar passar o que escrevi na minha primeira Carta de *Santarém*, inserida no *Correio do Porto*. Coitadinho! Tem dôr de cotovelo. Não quer que o Governo do Senhor D. MIGUEL se acatule para o futuro? O *Boletim do Exercito*, que

se publica por Ordem Superior, tem por vezes dito, que os rebeldes nunca tiveram vantagem, se não favorecendo-os a traição: logo já eu posso fallar em traição *com licença*: mas traição explicada por esta penna faz cocegas ao *Chronico*, a todo o seu partido, e aos que de cá o favorecem. E é pelas minhas expressões sobre as causas da evacuação de *Lisboa* apontadas n'aquella Carta, que o *Chronico* me argúe de estupidez? É o desafogo de um homem ferido, que não pôde vingar-se. Pois se a traição, e a tolice de cá, não favorecesse os revolucionarios, como não terião elles perecido no *Porto* sem embargo de mais de vinte mil estrangeiros que á formiga estiverão nas suas fileiras? A evacuação de *Lisboa* veio d'essa traição sobre o *Porto*, da outra no *Algarve*, da outra entre *Cábo*s, e das outras muitas causas, que eu apontava n'aquella Carta, e n'outras, e ainda ha reserva. Em *Lisboa* trabalhou o Directorio Civil domestico, e estranho; o estado preparado d'aquellas Tropas assaz o conheceo bem o Illustrissimo e Excellentissimo *Duque de Cadaval*, que em tempo sollicitou mais forcas, e demandou um General capaz: a parte interceptada da sua correspondencia apanhada pelos inimigos, e publicada nas suas Folhas instrae o Publico, e o confirma no devido respeito a um Grande, que em consequencia da Catastrofe de *Lisboa* perdeu sua Mãe, e uma Irmã, e a si mesmo se constituiu em máo estado de saude aggravada a sua indisposição pelos seus trabalhos, e cuidados, e por suas melancolicas reflexões. Possa esta penna elevar o seu espirito! Eu o desejo de todo o meu coração: eu o devo a *Portugal*.

Ignorancia, ou traição foi o dar tempo ao inimigo para se fortificar no *Porto*, ahí adquirir sua tal qual consistencia, e consideração Nacional, e Estrangeira; e ignorancia, ou traição foi o não desbaratar com a Esquadra d'ElRei a expedição rebelde, antes que fizesse o seu desembarque: Ignorancia, ou traição foi o não destruir a Esquadra inimiga nas duas expedições que fez a Esquadra d'ElRei; e ignorancia, ou traição foi o não cortar pela *Foz* a comunicação das forcas inimigas de terra com as suas forcas navaes, que erão toda a sua base, podendo, e devendo saber-se que a aggressão era, e ainda hoje é, toda de natureza maritima. Traição foi sem duvida a passagem de viveres, e de munições do Exercito d'ElRei para o *Porto*, e o escandaloso trafico de gados para a mesma Cidade, e outras negociações, sobre o que já ha alguns casos julgados. Traição foi sem duvida a lenta reunião de Tropas, e dos indispensaveis petrechos de guerra para o sitio, ou assedio do *Porto*. Traição foi sem duvida a alliciação de Soldados

do Exercito d'ElRei para o Exercito inimigo, e a recommendação, por distincção em Acções, de Officiaes, que tanto mostrarão o seu zelo pela causa d'ElRei, que ao depois passarão para as partes do inimigo, logo que nas partes de cá não lhe podião fazer mais serviços. Ignorancia, ou traição foi o acostumar o Exercito a entrar nas Acções em linha de atradores, em ordem extensa, ou em debandada. Traição foi sem duvida esse repetido convenio com os rebeldes de mutuamente fazerem sair de *Portugal* ElRei, á cerca do que fallarão as *Folhas Inglezas* repetidas vezes! Traição foi o proposito de ligar ElRei a Protocolos, a transacções, e a amnistias indecentes, á cerca do que tambem fallarão muito as *Folhas Inglezas*. Traição foi o plano de fazer entrar Tropas *Hespanholas* em *Portugal*, com o animo de unir este Reino ao da *Hespanha*, á cerca do que tambem fallarão alguma cousa as *Folhas Estrangeiras*. Traição foi a passagem de soccorros em especie, e em dinheiro de *Lisboa* para o *Porto* com Guias d'Empregados no Serviço d'ElRei, vindo *Portugal* por esta fórma a sustentar a guerra dos inimigos além da que trazia, e traz em sua defeza. Traição foi o não advertir a ElRei dos perigos, que o cercávão, e que na perda de Sua Augusta Pessoa trazião a perda d'estes Reinos, que em falta dos Tres Braços, são representados nos *Conselhos*, e *Tribunaes* (aproveitei as mesmas palavras que já a Corte de *Portugal* disse a um seu Rei), porque *servir os Reis a seu gosto é gosto, mas servil-os dizendo-lhes ds vezes o que poderá não lhes contentar, é virtude muito propria de Vassallos Portuguezes*, porque ElRei por si só não póde ver tudo, nem saber de tudo, e o Senhor D. MIGUEL não se descontenta, mas muito folga com aquelles dos seus Vassallos, que fallão com humildade, submissão, e obediencia, muito mais se elles tiverem dado provas da sua resolução d'expor as vidas pelo Seu Real Serviço, e pelo Serviço de Deos, e do Estado, sendo bem facil de ver que em concussão tão espantosa como tem abalado, e abala a *Monarchia Portugueza*, especialmente desde os annos de 1826, e 1828, e nos principios do seu Reinado, que Deos conserve, dilate, e prospere até ver a sua quarta geração, não poderia o Senhor D. MIGUEL, que mede a bondade dos outros pela sua Grande Bondade, conhecer sufficientemente aquelles dos seus Vassallos, que erão capazes de commetter traição, e aquelles que pelos seus poucos talentos não erão capazes de desempenhar os cargos, que se lhes confiárão. Traição, e ignorancia foi a passagem da Esquadra d'ElRei para a Esquadra inimiga. Traição houve sempre em tudo o que dependia da acção, e direcção do *Raposo*. Traição, e ignorancia houve

no Exercito do *Algarvé*, e do *Alemtejo* deixando na sua frente livre marcha ás pequenas forças, comparativamente, do *Villa-Flor*. Vista a *Tuborda*, e *Palmeirim* ao menos.

Estas traições prepararão a evacuação de *Lisboa*; estavam previstas, erão falladas em muita gente, indicou-as muitas vezes a *Defeza de Portugal*, e o *Procurador dos Povos*, e o anterior *Governo Hespanhol* teve conhecimento com o seu correspondente *Alfabeto*. Embora não acertasse eu nas causas, e nos causantes, porém os effeitos, os acontecimentos infelizmente não me dementirão. Os *Traidores* quizerão cançar o Exercito, e inanir os Povos, até que a Capital tambem esmorecesse com imminente perigo de se perder o Reino. Mas o Senhor D. MIGUEL é Rei como o Mundo não teve igual, e o Exercito, e o Povo *Portuguez* não tem primeiro, nem segundo. Isto vem de Deos. Carlos X. em tres dias ficou sem a Capital, e em oito sem a *França*! O Senhor D. MIGUEL; tendo-se conjurado contra Elle a *Diplomacia*, as *Finanças*, o *Directorio Civil*, o *Directorio Militar*, e as traições por mar, e por terra, só depois de um anno ficou sem a Capital; já passa de cinco mezes, e ainda se conserva em *Portugal*, e ha de restaurar a Capital, e o Reino inteiro, por que Deos assim o quer, ElRei o merece, e os Povos heroicamente trabalham para que assim aconteça: mas foi necessario que passassemos, e passemos por todas estas tribulações, para que apprendamos, e sabíamos que foi o Omnipotente Braço Divino quem nos salvou.

Tambem houve muitas traições na lucta do Senhor D. João IV. com a *Hespanha*, ainda que no Exercito poucas se conhecêrão. A *Historia* d'aquelles tempos nos dá os nomes de alguns traidores, não todos. As *Chronicas do Porto*, e de *Lisboa* contão muitas traições dos nossos dias, e outras ainda tem de conserva. Se o Drama se desenlaçasse como elles pretendem, tudo em fim seria publico, e ver-se-hia o immenso pelago em que *Portugal* tem estado. Eterna confusão para alguns traidores a quem D. Pedro disse: Fostes desleaes a meu Irmão, não podeis ser leaes a mim! A estas perfidias deverão os inimigos a sua tal qual consistencia, e opinião! Elles sabião quando havião de ser atacados, por que pontos, e com que forças! Elles sabião que pontos devião fortificar! Elles sabião em que pontos havião de ter livre entrada, e passagem! Que tem elles que arrotar de valor, e de pericia?

Se do lado de cá houve ignorancia, de lá muita, porque a favor de tantas cooperações poderão haver conseguido nos principios do anno de 1833 as vantagens, que dolosamente alcançãrão nòs mezes de Junho, e Julho do mesmo anno! Se do lado de lá houve valor, de cá foi heroico, pois em menos de seis mezes perdêrão gloriosamente as vidas muitos mais Officiaes, que

na Guerra Peninsular, e durou seis annos! Se lá se arriscarão algumas pessoas de distincção, cá temos muitas mais que derão as suas vidas pelo serviço d'Ellei, e outros feridos, e neste numero o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Duque de Lafões* tira toda a gloria aos mais distinctos Campeões de *D. Pedro*! Que vantagem conseguirão elles nas Accções do mez Julho do anno de 1832 sobre a *Ponte Ferraira*?

Que valor, e que pericia mostrarão elles na Accção do mez de Agosto do mesmo anno em *Souto Redondo*? Fugirão vergonhosamente em maior debandada que um rebanho de cabras acocadas pelos lobos. E se o Senhor *Povoas* não tivesse ordens mui positivas para não avançar muito de fóra das suas posições, uma só Brigada ás Ordens do Senhor *Canavarro* obrigaria os rebeldes a reembarcar com pouca força!

Que valor desenvolverão elles em todas as outras Accções que receberão, e que dêrão? Tudo pára em victimas de cá, e de lá, reconhecendo os Estrangeiros em nós a superioridade na coragem, na bravura, no ardor, e na intrepidez.

Em que se tem distinguido os seus *Moveis*, e os seus *Fixos*? Encurralados alguma cousa fizerão, saíndo do Covil, ou morrem, como moscas, ou largão as armas, e deitão a fugir; não correndo, mas voando, dizendo, em lugar de — Viva *D. Pedro* — *pés para que vos quero!* Haja vista a todos os encontros fóra das trincheiras. Tanto é verdade que os Conscriptos das Cidades, e Villas, ou de grandes Povoações, e os habitantes das regiões littoraes, são pouco aptos para as armas; nascêrão para os Cafés, para os Vinhos, e liquores, para os clarutos, e rapé, para as bancas, e para os mostradores, e para rondantes das portas das *Corinthias*. Pelo contrario os nossos bravos Realistas ganharão um nome de valorosos, que ha de eternizar-os nas Historias das Campanhas da Realza em toda a *Europa*.

Se pois as minhas letras motejão alguma vez na Cobardia, é porque em todos os Exercitos houve, e ha cobardes, e convem fustigal-os, ou alental-os. Cobardes tem tido sempre todos os Exercitos do Mundo. A quantos por cobardes não expulsou *D. Pedro* das suas fileiras? Respondão as *Chronicas*, e nem todos forão publicados.

Se fallei da indisciplina, e insubordinação entre nós, as traições a produzirão. A deserção é mostra de disciplina? Respondão as *Chronicas* pelos muitos dos seus que lhes desertarão, e ainda desertão. E todavia entre nós não tem havido tumultos, nem motiões, nem levantamentos de Corpos, nem sedições, nem tiroteios uns com outros! Digão as *Chronicas* o que por lá tem ido, e vai ainda frequentemente, e callem-se por vergonha.

qua, pois quando fallo em indisciplina, e insubordinação entre nós, é porque em todos os Exercitos belligerantes ha mais, e menos, ou pelas privações, ou pelos trabalhos, ou pelos perigos, ou pelo pouco habito de obedecer, soffrer, callar-se, e não lançar mão do alheio sem ordem: entre tanto as nossas Tropas á voz de seus Chefes vão, correm, voão para o fogo, e por lá digão as *Chronicas*, e não mintão, ou corrao-se de pejo! Corpos inteiros tem respondido a *D. Pedro* na sua mesma face, que não querem, que não querem, e que não querem ir para o fogo.

A insubordinação, e a indisciplina dos nossos Soldados tem consistido em não quererem retirar alguma vez, sendo obrigados muitas vezes a retiradas, em desertarem para suas casas, especialmente os Milicianos, e os Voluntarios Realistas; e estas deserções, ou defeições moraes tem sido as consequencias da Evacuação de *Lisboa*, cousequencias que já cessarão, mas de que fallarei ainda para exprimir a este respeito o *Verdadeiro Ecco de Portugal*. Não me chamem a campo os Folheteiros Constitucionaes; para elles basto eu só: não careço de materia para escrever: se a elles se lhes acabou a Musa, enchão outra vez a borracha, bebão-lhe bem, e tornem ao vomito como os Cães, já que não sabem mais que repetir.

Coimbra 8 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buella Pereira de Miranda*.

COIMBRA; NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 5.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

---

## *A deserção, ou a defeição.*

**D**Ebaixo deste titulo eu vou fallar um pouco da deserção, ou da defeição dos *Portuguezes*, e dos principios moraes, por que os Partidos entre elles se formão, e s'engrossão, ou se debilitão, e para isso farei vir aqui uma boa parte do Reinado do Senhor *D. João VI.*; ideias que fiz assaz publicas em um Folheto escripto em *Palencia* no anno de 1827. Titulo — *Apologia dos Realistas Portuguezes Emigrados na Hespanha.*

Uma continua lucta existio sempre entre a Corte de *Lisboa*, e a do *Rio de Janeiro*, e aferventou-se mais depois que o *Brasil* ganhou o Titulo de Reino, exemplo pernicioso para a *America Hespanhola*. Cada Corte pertendia a primazia, e cada qual seguia os seus interesses: *Portugal* todavia era o curvado, e attenuado pela Corte do *Rio de Janeiro*. O Senhor *D. João VI.* se havia enredado n'esta chicana da Corte, e na cabala dos Estrangeiros, e não sabia, ou não podia já dar-lhe remedio.

Estes pretextos sublevarão a *Portugal*; pertendeo-se a independencia, e que os *Portuguezes* não fossem Colonos, devendo ser Senhores; os directores da sublevação quizerão criar um novo Seculo, dar uma nova fórma á Monarchia, mexe-

rão em todo o edificio Social; tiverão suas vistas particulares; e, caminhando por uma vareda totalmente nova, cairão em desgraça, e em desgraça: a guerra civil succedeo, e os partidos apparecêrão. Presentou-se o Segundo Filho do Senhor *D. João VI.*, o Senhor *D. MIGUEL*, agora Rei, o Heroe de *Portugal*, e conciliando, e reunindo os dispersos do Edificio Politico, restaurou a Monarchia. Perseguirão-se logo os ultimos defeitos de alguns Vassallos sem attenção aos seus anteriores merecimentos; premiãrão-se os ultimos serviços sem levar em conta outras qualidades; deu-se algum gaz ás paixões populares, chocarão-se os interesses, e as opiniões, os partidos não se contentãrão, cada um deu no outro á sua vez, e d'aqui, a fóra da Cabala Estrangeira, e da Propaganda Revolucionaria, tomãrão principio todos os estrondosos successos de *Portugal*, até á morte do Senhor *D. João VI.*

O *Brasil*, tambem tomou os seus pretextos para se sublevar, e pertender a sua independencia de *Portugal*. Aos interesses da *Inglaterra*, convinha que o *Brasil* fosse inteiramente aliado. *D. Pedro* investio a Corôa debaixo de fórmulas constitucionaes, tendo jus a ella pelos principios Monarchicos. A sua ambição o fez *Brasileiro* de Facto, e Direito, tendo nascido *Portuguez* de Direito, e de Facto. Um novo Seculo appareceo no *Brasil*, *Portugal* voltou aos Seculos antigos.

A cabala Estrangeira, e o Partido, chamado Liberal, de *Portugal*, havia desfigurado as Virtudes do Senhor *D. MIGUEL*; pintava-O como Chefe de perseguição, e procurava tirar-lhe o conceito Público: forão pois essas Vistas Diplomaticas, e essas intrigas domésticas apoiar-se em nome de *D. Pedro*, assombrado bem com a Primogenitura; e uma *Carta Constitucional*, assignada por elle pareceo para elle o Titulo dos seus Direitos, e um signal de conciliação para os *Portuguezes*, e especialmente para a *Aristocracia*, que por esta fórmula se julgou independente do Throno, e livre do jugo dos *Democratas*. Erro fatal! O Governo não soube o medir-se; nem conter a exaltação dos *Ultra-Liberaes*: a perseguição ferve, e os perseguidos forão buscar a sua segurança, e salvação no Direito, e na Justiça, invocado o Nome do Senhor *D. MIGUEL* como um Soberano Protector. Eis os *Portuguezes*, em deserção, ou em defeição!

Regressa o Senhor *D. MIGUEL*, e, bem que os amigos da *Carta* assás conhecessem seus Direitos ao Throno, temerão-se do seu Reinado, oppozero-se-lhe, e por fim desertãrão. Esta deserção, ou esta defeição póde ser evitada Politica, e Militarmente. Começou, e recresceo logo a perseguição judiciaria dos desertores, e dos seus cumplices; e a deserção,



ou a defeição dos *Portuguezes* receosos da oppressão augmentou a ponto de se organizarem na *Ilha Terceira*, e de poderem invadir *Portugal*. É desnecessario o dizer-se, que n'isto andou tambem; e teve grande parte a Cabala Estrangeira, a Diplomacia, a Maçonaria, a Propaganda Revolucionaria, e as intrigas domesticas. Mas commetteo-se um erro em Politica, erro fatalissimo, porém ainda sanavel!

Rio-se *Portugal* de se vêr aggreddido, pois julgou-se logo vencedor, não reflectindo, que as jogava no *Porto* com os Revolucionarios de toda a *Europa*, com os Gabinetes Liberaes, e com as traições caseiras: tal confiança, tal orgulho, e vaidade de cantar a victoria antes do tempo, e sem contar primeiramente com a hospeda, e com a bolsa, de que tantas vezes fallarão as minhas Publicações, reduzirão *Portugal* a esta guerra desastrosa, que por fim ha de acabar em paz. Seja ella decente, e duradoura!

*D. Pedro*, engrossou suas fileiras de milhares de Estrangeiros, de centenaes de Ultra-Liberaes, e de descontentes, e de centenaes de desertores alliciados, e comprados, e de milhares de conscriptos obrigados pela fome, e por sua segurança a pegar em armas. O Exercito d'ElRei no espaço de um longo anno, que esteve sobre o *Porto*, luctou com o quatrudobro da força, que invadio aquella Cidade! Grande gloria! Grande valor!

Sáem do *Porto* algumas forças inimigas com destino para *Lisboa*: mas tiverão de cambiar a sua direcção, porque *Telles Jordão* fôra nomiado Genéral, e ainda na Corte havia forças consideraveis para a sua defêsa; vio-se porém que o Exercito d'ElRei estava mui diminuido, que o recrutamento de seis mil homens estava no seu principio, e só tinha o seu ser no Decreto. Então, quando os inimigos havião crescido em força, as Tropas d'ElRei estavam enfraquecidas, e co-nheceo-se, que o plano do Directorio Militar era desunir, e dividir essas mesmas forças, collocando-as em distancia, que não podessem socorrer-se. Inclinárão-se os inimigos para o *Algarve*; destacão-se contra elles forças do Exercito sobre o *Porto*, algumas da Capital, e algumas do *Alentejo*! Guerrilhas inimigas compostas de alguns *Portuguezes*, e de muitos Estrangeiros, apparecêrão formadas em um momento; correm do Norte para o Sul do *Têjo*, atravessão impunemente essas Provincias, reúnem-se-lhes alguns Magistrados, que a Voz Publica já d'antes condemnava, essa Voz Publica tão pouco attendida, e examinada; e já tudo parecia ameaçar a defeição do Estado, vendo-se paralizada a sua acção, e como amortecida a sua vitalidade.

Já então os Amfíbios, os duvidosos, os indifferentes, os neutros, e os agachados começam a dobrar-se para a causa de *D. Pedro*, não que elles a amassem, mas porque julgavão perdida a d'ElRei. Quanto mais se discorria, tanto mais se temia. Havia como duas Camaras de opposição; para um Juiz de Fóra muito Realista um Corregedor muito hypocrita, *et vice versa*: assim nas Repartições Militares, ainda que não tanto: ouvia-se um susurro popular, dizia-se que havia proposito n'esta amalgamação, e o certo é que na occasião desertarão alguns Empregados em todas as Estações, e é de temer, que dada outra occasião desertem outros, ou porque vão feitos desde o principio com o inimigo, ou porque desejem fazer-se com elle, para não correrem os riscos de uma causa, que elles imaginão vencida. Por culpa ou do entendimento, ou de vontade, em todas as luctas, e *maxime* nas civis, apparecem estes passadores, e passadicos, estas gentes, que vivem com todos os partidos; estes que simulão tomar'um, e não tem algum, os que sempre estão dispostos a dar vivas a quem vence. Este dobrado character vio-se na guerra Peninsular; palpou-se nas revoluções que se lhe seguirão, e todas as Historias estão recheadas de taes transmigrações, ou traições, ou deserções. A causa d'ElRei, passados onze mezes da invasão de *D. Pedro*, perdeu muitos dos seus affervorados, ainda que *D. Pedro* não ganhou amigos; mas algumas gentes como que já tinham pezar de se haverem declarado por uma parte, que lhes parecia ariscada, e perigosa, e por isso andavão já com muita friêza. Tanto é certo, que em seguimento do vencedor querem ir todos, e em favor do vencido poucos se animão a trabalhar! Em uma palavra, cobardes, indecisos, e desertores teve que farte a Causa d'ElRei, e todavia os amigos de *D. Pedro*, não crescerão: forão loucos, ou expertalhões, que desejavão fazer a bôcca doce a quem julgavão triunfante. Para tudo concorreo a Maçonaria, a Propaganda Revolucionaria, a Sedição, e alliciação Estrangeira, e a prêgação Civil, e Militar domestica.

Do Directorio Militar, não ha que repetir. Os maliciadores bem vião, que tirando-se tropas do Exercito de operações sobre o *Porto*, onde se carecia de seis mil homens de reserva ao menos, e enfraquecendo as já mui diminutas forças da Capital, queria-se que *Lisboa* fosse abandonada, e que o *Porto* não fosse entrado! A *Defeza de Portugal*, e O *Procurador dos Povos*, indicarão por vezes estas manobras do modo, que era permittido. Os inimigos agora procurando achar aquellas Publicações, e entregal-as ás chamas, fazem tanta honra ao seu Auctor, como lhe fizerão outros muitos declamadores das par-

tes de cá arrojando calumnias, e improperios sobre elle. O Auctor havia ponderado bem que a inusação de *D. Pedro*, e da Carta no anno de 1826, não se fizera sem a positiva cooperação do *Ministro da Guerra* d'esse tempo, e era bem de vêr, que esse máo homem não podia ser favoravel á Causa d'ElRei, e aos que a seguião! O Auctor havia advertido, que nos primeiros Officios do mez de Julho de 1832, se dizia, que a bravura das Tropas era digna de ser presenciada por ElRei, o que valia tanto como chamar a ElRei para fóra de *Lisboa*, que foi o grande plano traçado antes na Maçonaria de convenção com o *Consul Inglez*. O Auctor havia entendido bem aquellas duas linhas estendidas sobre os primeiros Officios, a saber: — *A Expedição rebelde está a tocar a meta da sua dissolução — Se houvesse um corpo de refresco, teria acabado a rebellião —* proposições, que em linguagem Maçonica equivalem a estas. — *A Divisão Realista* (pelos inimigos chamada rebelde) *está a tocar a meta da sua dissolução — Se D. Pedro, tivesse n'esse dia um corpo de refresco, teria acabado a Legitimidade.* Esta interpretação fiz muito confidencialmente ao meu Censor Privativo; e quando a cousa era mais calva, descobri este mysterio da traição a mais amigos, e por fim a uma Alta Personagem.

Era no mez de Julho de 1832, quando um Funcionario me disse — *A causa do Senhor D. Miguel está em muito perigo —* (Com que boa fé a serviria elle ao depois?) Disse-lhe: *está em perigo pela traição: mas os Pais da Causa dos annos de 1826, 1827, 1828 ainda existem: separem-se os Pais da Carta, e da traição desses mesmos annos, e o inimigo acaba em oito dias.* Proferi alguns nomes, que a Censura me defende escrever; os Pais da Causa forão espinhados! os Pais da carta sempre na forja!

Loucamente pois nossos inimigos nos chamão burros como se não conhecessemos estas manobras da perfidia: ellas forão previstas, preditas, escriptas, e mui falladas: já tinhão passado a proverbio vulgar: os nomes já erão citados popularmente. Vejão esses mentecaptos a *Arte d'Enganar* publicada na *Defesa de Portugal*; lá acharão tambem a *Arte de traír*, mas foi por outro feitio para não ser sentida. Esta felonía commettida á Causa de ElRei, e até a muitos individuos, levou em desespero alguns Realistas (pessimo character!) ao partido contrario; fez declarar pelos inimigos alguns indifferentes, ou jogadores do *Ganha Perde*; e os descontentes, ou pelo atrazo dos seus ordenados, ou pela diminuição dos seus teres, e fortunas, ou pela paralise dos seus negocios, se animarão a esperar allivio no seguimento da Carta, A demora da Victoria perdia o conceito

publico á Causa d'ElRei, sem ganhar algum á de *D. Pedro* por todos lhe conhecerem a semrazão.

Tambem a intriga, e a desconfiança afrouxou os animos de muita gente. Os Realistas não tem o caracter dos ladrões: *estes não desconfião uns dos outros*. Terrível estado era este para uma Nação com o inimigo dentro, e com um inimigo favorecido pela Maçonaria, pela propaganda Revolucionaria, pela cabala dos Gabinetes, pela traição. A Nação toda parecia ir caíndo em deserção, ou defeição. A Esquadra d'ElRei adoezia muito d'este espirito de desfallecimento, elle com as outras cousas a levou ás mãos do inimigo, e todavia houve n'ella *Portuguezes* que brilháram em constancia, em resolução, e em valor; basta apontar o nome do *Barreiro* para conhecêr de quanto são capazes os *Portuguezes*, que bem, ou mal dirigidos, juráram vencer, ou morrer em Defesa do seu Rei e da sua Patria.

Porém este estado de defeição mais sensível se tornou depois de bandeada a Esquadra d'ElRei, e depois que a Capital se foi defecando de Tropas com o fim de acudir ao *Algarve* e ao *Alemtêjo*! Erro palmar; pois que a presente Campanha não era da natureza da do Senhor *D. João IV.*, é toda marítima: então no *Alemtêjo* se defendia *Lisboa*; agora *Lisboa* devia defender-se em si mesma, e dahi proteger o *Alemtêjo*: pouco importava que as Provincias soffressem algum tempo o peso da revolução: a Capital não devia ser desfalcada, não devia perder-se, porque na sua conservação ia a salvação do Reino. Mas *Lisboa* perdeu-se, e então alguns *Portuguezes*, perdêram a cabeça, desfallecerão, julgáram-se perdidos; e muitos mais desanimáram, se a presença do Exímio *Duque do Cadaval*, fidelissimo Conductor das Tropas da Capital, e a maior parte da Grandeza da Côrte não animasse ainda as esperanças da restauração de *Lisboa*, e a final da salvação do Reino.

Muitos *Portuguezes* se lembráram então da *Ilha da Madeira*. Mas o Heróe *D. Alvaro* fez ver aos inimigos, que se *Portugal* podesse succumbir, seria aquella Ilha a ultima Possessão *Portugueza*, que sustentasse até os ultimos extremos a Causa d'ElRei. Feito digno d'eternizar-se nos fastos das Proezas Lusitanas!

Parou totalmente por alguns dias a acção do Governo depois da Evacuação de *Lisboa*! Restava sómente a acção Militar, e esta caminhou em tal desconcerto, que o seu Directorio, ora mandou evacuar a Praça de *Abrantes*! ora ordenou que as Tropas do *Alemtêjo* retirassem sobre *Elvas*! Nunca *Portugal* teve um Directorio Militar, que tanto tempo desse mostras da sua maldade ou da sua ineptidão, ou de ambas as cousas. Isto não é recalceitar depois dos successos, que infelizmente vierão comprovar as

minhas Publicações. Triste gloria a minha ! Em resultado final o *Alemtêjo*, e o *Algarve* foram abandonados não só da acção Gubernativa, mas da acção Militar: apenas surdia alguma outra parcial. Que inopia de maximas ! Que falta de systema ! Que inercia, ou inacção !

O Reino todo ficou quasi sem movimento algum : até os Correios ordinarios faltarão, e os seus conductores sem paga havendo dinheiro ! os Correios, que em todo o Estado fazem o mesmo officio, que as veias no Corpo do Homem !

Ao Exercito de Operações sobre o *Porto* viera o immortal *Conde de Bourmont* : mas veio tarde ; dizião os inimigos, e tambem alguns Realistas sensatos. A sua tentativa, para o *Porto* ser entrado, foi frustrada, não faltou o valor ; até houve intrepidez desmarcada ; porém conheceo-se alguma falta de disciplina, e não havia uma Divisão de reserva. O habil, e Politico General resolveo vir sobre *Lisboa* deixando tropas de Observação sobre o *Porto*. Foi então que o Exercito começou a esvaecer-se em alguns Corpos de *Voluntarios Realistas*, e de *Milicias* das Provincias ; estavam como precisados de refazer-se, julgavão-se perdidos, e dentro nas fileiras, e fóra se lhes pregava a deserção, ou retiro para suas casas. *General*, (tive eu a honra de dizer em *Coimbra* ao *Grande Bourmont*,) *pouco, ou nada tendes a temer dos inimigos ; são poucos em numero, não adiantão em opinião, porque o Senhor D. MIGUEL é o amor dos Portuguezes, os Portuguezes não querem Constituições : os Portuguezes aborrecem a D. Pedro : mas tendes tudo a temer de certos elementos Civis ! e Militares ; sereis feliz, se os suplantaes. Portugal tem por maxima = Guerra com todo o mundo, paz com a Inglaterra : a Companhia do Alto Douro é a pedra d'escandalo dos Commerçiantes Inglezes, e d'alguns Portuguezes ; poucos mais obstaculos ha para um convenio de interesse, pois a guerra de ideias em Portugal é mais pequena, porque ainda que a Maçonaria aqui é numerosa, todavia é a lama da Maçonaria Europea. Em uma palavra, se quereis levar a causa pelas armas formai o Exercito, organizai-o.*

Esta importantissima Operação não estava reservada para um Estrangeiro. Um Portuguez, *Genio Criador*, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas* á frente dos inimigos fórma um Exercito, e organiza-o. E os inimigos não são burrissimos ? !! A deserção ou defeição acaba : a Nação resurge, ganha novas, e maiores forças, e Portugal se vê representado com dignidade, e energia no seu interior com assombro das Potencias Estrangeiras ! E não está Deos por ElRei ? Não está a vontade Nacional pelo Senhor D. MIGUEL ? Rei Invencivel, a quem Deos protege ; a quem os Póvos amão, obedecem, e defendem !!!

Que adiantou o Partido de *D. Pedro* com occupar *Lisboa*? *Parturient montes, nascetur ridiculus mus*. Cada vez mais pequenino. A deserção, ou defeição começa, avança da parte d'elles: Os povos em massa se armão contra o Partido de *D. Pedro*; a mocidade voa para as Fileiras d'ElRei; *Viriatos*, e *Sertorios* apparecem nas pessoas de muitos Magistrados, de muitos Veteranos, e muitos Lavradores! Portugal está armado em defesa d'ElRei! *Corre o sangue, a carnagem corre sobre os inimigos!* Eis ahi explicada a Epigrafe. E tem os Partidarios de *D. Pedro* alguma Politica, algum saber, ou algum talento, que tendo adiantado em terreno, perderão na causa? Burros, Burrorios e Burrissimos!!!!

Coimbra 10 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

---

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 6.

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccinâ signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémisses du carnage.*

RACIN.

*Reorganisação de Portugal.*

**H**ouve um homem atacado de uma molestia epidemica (não era a Cholera), que tinha o Pai em remotos climas: elle estava em poder dos criados, que tractavão de o consumir por meio de remedios, que de certo o levavão á sepultura, porque tendião a augmentar a molestia: os filhos d'este homem expozerão a sua vida, e quanto tinhão para chamar o Avô, ou Pai do enfermo, sem o qual de certo elle morria, e tanto fizerão que a final conseguirão que elle viesse; apenas chegou, o enfermo principiou a respirar, e a sentar-se na cama, e já principiava a convalescer, quando alguns criados, que ficarão na casa juntos com outros que chamarão de fóra, e em seu auxilio, entrão a tramar para acabar com o enfermo: fingem-se muito fieis, e interessados na sua saude, e debaixo de promessas lisongeiras, mas fallazes, vão sangrando o enfermo; purgas, causticos, e quantos remedios crueis se podem inventar, lhe vão applicando, até que elle já está com a vela na mão ajudado a bem morrer. Mal conhece o Pai a perfidia dos tratantes, põe-nos no andar da rua, e chama os netos para junto de si, que desde logo lanção no fogo todo o apparatus medicinal com que os outros querião dar cabo do doente, e então tomão a seu cuidado o tra-

tamento, e se dispõe a atacar os criados malvados, que se approximarem á porta: o enfermo que não podia já ir a peor, porque estava ás bordas da sepultura, vai a melhor, já hoje não tem febre, está no regímen dos convalescentes, e já dá seus passeios, ainda que em muletas: espero em breve vel-o restituído ao seu bom estado de saúde, e os malvados criados com as cabeças quebradas. É uma historia verídica, e de que ha bastantes testemunhas, que a autentiquem. Um Militar enviou-me esta allegria com o sobrescripto recommendatício. — *Accipe colloquium gelido Nasonis in Istro. Ovid.*

Ora eu não guardo as respostas para depois de morto, ainda que da morte devera eu guardar-me, senão houvesse obrigação de morrer uma vez, e se tanto não amasse o Rei, e a Patria, que me tem penhorado. Por causa das doenças fysicas, e reaes incorri na execração Publica de uma boa parte dos *Medicos, Cirurgiões, e Farmocopolas* do Reino na occasião da *Cholera-Morbo*, ainda bem que outros me tomarão amor. Pois o Reino, e o Exercito nas mãos de *Hippocrates Macões?* Deos nos livre, que todos elles o fossem, porque então, ao menos, a deos Exercito: elles lá estão conlojados com os *Galenos Pedristas* para darem cabo, na epidemia, das Tropas d'ElRei. Fóra d'este odio, que me tomarão por esta parte, muito maior foi o que me tiverão por causa das doenças Moraes, e Politicas. Por essa razão na Cidade do *Porto* no anno de 1832 me procurarão a morte! Em *Lisboa* por amor do Directorio Militar, e por amor do N.º 14. do *Procurador dos Povos* um *Hippocrates*, Sabbado 1.º de Junho de 1833, pelas oito horas da tarde no principio da *Calçada dos Barbadinhos Italianos*, quasi na Rua direita de *Sancta Apollonia*, quiz, tentou, forcejou assassinar-me, e eu não estava mal disposto para soffrer a morte, pois vinha do Devotissimo Templo da *Madre de Deos* de confessar-me, bem receoso de molestia, que me fazia cocegas tres dias continuos, e successivos. Os Reis tem algumas vezes mandado castigar seus criados, para desaffrontar seus Vassallos offendidos por elles; assim o dizem as Historias; mas nellas não vi, ou não reparei, que algum Ministro desaggravesse algum Vassallo d'ElRei offendido pelos criados, ou assalariados d'elle Ministro. Que excellenté prato do meio não era aquelle para a *Chronica Constitucional*, e para algumas *Folhas de Londres*, e de *Paris?* Porém não quiz fazer a vontade aos que tudo aproveitavão para desconceituar a Causa d'ElRei, e que muito folgarião de saber, que fora atacado impunemente ás barbas do Governo o unico actual Escriptor Publico, que defendia quanto podia, e como entendia, a justissima Causa



do Senhor D. MIGUEL, e da maioria de *Portugal*. Quiz recorrer ao remedio de — Quando a Lei me não protege, protejo-me eu — mas dobrei meu genio ao genio do Christianismo. Este facto foi indicado no N. 13. do *Procurador dos Povos*, e agora o acelero mais: defender a ElRei, defender *Portugal*, sim; fallar bem dos maos *Portuguezes*, dos que mal servem a ElRei, isso não: veja-se no citado Numero (elles se vendem n'esta Cidade) a minha Letra (elogiada por muitos Sabios) ao Redactor da *Chronica Constitucional*.

Explique-se mais esta allegoria: no dia 14 de Junho (veja-se a Nota áquelle Numero) fui advertido amigavelmente pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor *Arcebispo d'Evora* sobre as minhas ideias expendidas no N. 11.: esta suave reprehensão nasceo de uma conferencia do Governo em *Lisboa*. Eu desabafara no dia 2 de Junho com um amigo sobre o ataque aleivoso que se me fizera no dia anterior, e este recito me trouxe a instrução de que vinha da traição a perda de *Portugal*, a qual eu na minha boa fé julgava vir de tolice, e teimice: então fui instruido dos agentes principaes, e secundarios, e de como elles marchão por geitos, e tregeitos; então soube como certo Militar perguntado em *Coimbra* pela sua saude no mez de Outubro de 1832 respondera — Passo mal: todo *Portugal* conhece a minha molestia: são hemorroidas. — Ah! Judeo de raça! *Mutato nomine de te fabula narratur*.

Disse pois a Sua Excellencia Reverendissima, estando eu já bem instruido nas Conspirações. — A Conspiração existe, e os queixosos são os conspirados: capazes serão desde o *Porto* de tramar a entrega de *Lisboa*, e aqui serão civilmente coadjuvados, só porque eu não ponha mais a calva á mostra aos Conspiradores: *Lisboa* vai ser entregue sem que possa obstar-lhe o Senhor *Duque de Cadaval*: os inimigos d'ElRei querem fazer odioso o nome do Senhor *Duque*; e *Lisboa*, se o Senhor *Duque* não estivesse aqui, já teria caído em poder do inimigo a poucos mezes depois da saída d'ElRei.

Este foi pouco mais ou menos o sentido, em que fallei, como que vinha a dizer: Com que alma, e com que consciencia se tracta de vedar-me que escreva? Serei eu tão desgraçado, que até se me negue o unico allivio, que me resta no meio das desgraças d'esta minha Patria assolada pelos Vandalos modernos? Não poderei desafogar a minha dor pelo novo *David* perseguido por uma parte dos seus domesticos? Se tenho culpas, mostrem-me quaes são; e se não as tenho, porque me reprehendem? Emendem-se, e eu me callo. *Si male loquutus sum, testimonium perhibe de illo; si autem bene, cur me*

*caedis?* Dizia quem sabia mais que nós, e quem hoje é ludibriado nas Especies Eucharisticas, nas Suas Imagens, e nas dos Seus Sanctos, e na Pessoa, e Majestade do Seu Ungido o Senhor D. MIGUEL pelos impios Atheos, filhos do Diabo.

Dando uma volta de entrada na explicação da allegoria, o que havia de mais forte no terrivel N.º II. do *Procurador dos Povos*, erão as Proposições seguintes: — *Infeliz Provincia, que tem Governadores que são o alvo da Conspiração.* — Bem está: a quantas concussões não estiverão expostas todas as Provincias? Porém, seja Deos louvado, o mal está remediado, e as Provincias não só estão seguras, e tranquillias, como entusiasmadas na Defeza do Seu Rei. *Metter á cara, e á força um Chefe, a quem o Exercito detesta, é cousa monstruosa, e que por monstruosa acaba horrorosamente.* — Já todos sabião, que eu não fallava do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de São Lourenço, a quem havia feito justiça em um dos meus Numeros; da sua fidelidade já mais alguém duvidou, nem duvida, nem póde duvidar: goza do conceito Publico em todo o Exercito, e em todo o Reino. Porém não virão quasi evaporado esse numeroso Exercito, esvaecido, inanido, e em deserção, ou defeição? Porém seja Deos louvado, já agora por traição não se perece: o Exercito está formado, está organizado, está contente dos seus Chefes, e ganhou uma força Moral, que só um genio criador, tantas vezes desejado, podia inspirar-lhe. *Por Conspirações mais, que por estrangeiras conquistas, mudarão de face todos os Estados do Mundo.* — E quem senão um cego, ou insensato, ou bandalho póde negar a verdade d'este axioma? Citei então por exemplos os Imperios dos Assyrios, dos Medos, dos Persas, dos Egypcios, dos Chaldeos, dos Gregos, dos Romanos, e dos Carthaginezes. E que me dizem da França, da Dieta Germanica, da Suissa, da Belgica, e do Brasil? E que dizem agora do transtorno da Hespanha? Um Emigrado presentou ao Padre José Agostinho de Macedo o anno de 1830, como fatidico á França. E quem não vio preparar-se na Hespanha no mesmo anno de 1830, a sua actual, e espantosa revolução? *A Politica Governativa consiste em evitar as causas da dissolução, e em promover as da conservação; não por outra fórma cessão as conspirações: o interesse, a liberdade, a segurança, a conservação são as molas principaes do coração de todos os homens, pois todos elles naturalmente desejão a sua felicidade, e aborrecem a sua desgraça. É tambem necessario que a Politica Governativa fomente as doutrinas, e as ideas que podem conservar os Estados, e evite aquellas que podem destruil-os.* — Ora disse mal? Só um louco

rematado poderá vomitar esse sarcasmo. Será maxima de governar trazer descontentes a todos, ou a maior parte dos Governados? Será maxima firmar o Throno sobre a perseguição das multidões? Fazer a fortuna d'uns poucos á custa de infinitos queixosos, será isso fazer a prosperidade do Estado? Só um louco poderá tal dizer!

Não perdendo pois de vista o ponto, é necessario reorganizar o Estado, evitando as causas da sua dissolução, e promovendo as da sua conservação, tocar o coração dos homens pelos interesses possiveis, por uma bem entendida liberdade, por uma segurança fixa, e estavel, e por uma conservação justa, fomentar nos Povos boas doutrinas, e ideias uteis, evitar as da immoralidade, e as dos excessos, contentar a todos quanto for possível, fugir das parcialidades, declinar dos extremos, attrahir as multidões pela clemencia, castigar os Chefes das revoltas para exemplo, e firmar a opinião mais pela paz, que pela guerra. A este fim s'encaminhão as minhas tarefas, e batí esta marcha muito principalmente depois que a guerra se tornou tão desastrosa pelas traições. Traições sim; eu as indiquei sempre; o digno Redactor do *Boletim do Exercito*, que trabalha sobre o Campo, e á vista do inimigo as declara como officialmente, dizendo que o inimigo nunca teve vantagem se não pela traição, e em traição continúa, e aturdadamente fallarão as Folhas *Estrangeiras*, fallarão alguns *Dipomaticos*, fallarão varias Letras de *Paris*, que eu pude vêr, e reconhecer, fallou em fim uma Carta do Senhor *Conde da Ponte* ao Senhor *Visconde de Santarém*, interceptada, e publicada pelos inimigos.

Traição, clamou, muito tempo ha, a Voz dos Povos, que d'esta vez foi (o que quasi sempre) a Voz da verdade. E podia deixar de assim fallar o *Procurador dos Povos*? Não: mas já me callo, já os Povos se callão, porque a traição militarmente acabou. Estão já collocados no seu lugar pela maior parte os Militares, que a voz dos Povos desejava, e pedia. A lide era, e é domestica, ainda que os inimigos confiavão principalmente nos Estrangeiros; era preciso pois aproveitar a opinião domestica, porque o Exercito em todas as lides, e *maxime* nas Civis, vive, nutre-se, e constitue-se da opinião Civil. Era, e é a lide entre os Pais da *Causa* dos annos de 1826, 1827, e 1828, e entre os Pais da Carta dos mesmos annos: a maioria de *Portugal* seguia, e segue aquelles; a traição foi, e vai com estes: d'aquelles um anno de continuo pelear levou uma grande parte; mas como erão muitos, ainda restão muitos, e pela maior parte estão collocados convenientemente; em uma palavra, o Exercito está reorganiza-

do! Acabou-se n'elle a palavra Traição! se o Exercito acaba com a palavra = *Malhadós*; se elle reúne todos os *Portuguezes* junto ao Throno de seu Legítimo Rei, e Senhor D. MIGUEL, *Portugal* deverá ás mesmas a sua Organização. Feito Heroico só proprio das Armas *Portuguezas*!

O Directorio Militar havia espezinhado tambem outros Militares, que posto que não forão Pais da *Causa* nos ditos annos, tambem não forão Pais da Carta, e erão, e são capazes, como vão patentear, de salvar a *Causa*, defender ElRei, e livrar *Portugal* de uma guerra desastrosa.

Como pois pertendião alguns, que eu, tendo tomado a peito a Defesa de Portugal, e a *Causa* de ElRei, e dos Povos, me não levasse contra o Directorio Militar, e contra os seus Aboadores, entendendo que elles perdião ElRei, perdião os Povos, e perdião a *Portugal*?

E dizião de mim, que por esta fórma reprehendia a ElRei? Ah! Fementidos! Quem de vós padeceo, trabalhou, e chorou tanto como eu, pelo Senhor D. MIGUEL, Unica Esperança de Portugal? Falle por mim a Voz Publica, falle a Peninsula, fallem as Folhas Estrangeiras, fallem até os Partidarios de *D. Pedro*, e com tudo vejão lá nessas Secretarias as minhas pretensões! Fallar de mim é fallar de outros *eus*, é fallar da *Causa*.

Que é o que ElRei não tem feito, e não faz pelos seus Povos? Ir aos Arsenaes, ir á Ribeira, ir aos Hospitaes, ao Exercito, trabalhar como um Artilheiro, e como um Engenheiro, trabalhar como um Maritimo, cuidar nos doentes, pelejar como um Soldado, isto não é sómente de Rei, é de Pai, é de Irmão, é de Amigo, é d'um Heróe que s'esquece de si por salvar os outros, é d'um Anjo que Deos enviou para salvar Portugal. E precisava ElRei de tantos sacrificios, de tantos cuidados, e de tantos trabalhos, se todos os seus Funcionarios cumprissem o que lhes pertencia? Vamos vêr o que ElRei quer, disserão e dizião alguns em muitas occasiões. Ah! Ineptos! O que ElRei quer é salvar seus Póvos. Mas toda a acção ha de ser sómente d'ElRei? Não ha de ter sobre quem descance? Lembrome-me de uma Letra escripta a S. M. I. e R. Sua Augusta Mãi nos principios do mez de Fevereiro de 1828 com estes Problemas assim resolvidos. *Póde ElRei dar cabo da Maçonaria?* É possível absolutamente, porque Deos escolheo o Senhor D. MIGUEL para desfazer os impossiveis. *Achará ElRei quem o coadjuve nesta heroica empresa?* Não, Portugal tudo deve a ElRei; e se ElRei não fosse, Portugal estava abandonado, estava perdido! *Cumpra cada qual a seu dever*, ouvi uma vez a ElRei nos Postos avancados em Santarém, e não ha que temer. Ah! Se esta sentença Real se tivesse executado, o

*Porto* estaria tomado, *Lisboa* não estaria occupada pelos inimigos, *Portugal* estaria salvo.

Logo se ha que temer, é porque os Funcionarios não cumprirão seu dever. Esta consequencia é concludente, como deduzida de uma Proposição Majestatica, e Majestosa. Está um Rei obrigado a ser General, Almirante, Jurisconsulto, Financieiro, Diplomatico, Theologo, Mathematico, e Medico? Não: a palavra Rei designa a ideia de um Ser Superior aos outros pelos seus Direitos. E todavia quem como o Nosso Rei, o Senhor D. MIGUEL?

Como Rei, não tem igual no Mundo, em desejar a salvação de seus Povos! Como Portuguez, é Pai, e Irmão de todos: como Amigo é bemfazejo sobre maneira, de summa caridade com os pobres, doentes, e desgraçados, sempre inclinado para o bem, docil á verdade, compassivo até o possível. Tenho descripto nas minhas Publicações as suas Qualidades, e voltarei a esta indagação em outro N.º, pois não pôde haver lingua, nem pena Portugueza que se cance de dizer e escrever bem de um Rei, de quem não pôde dizer-se, nem escrever-se mal. Só este Rei pôde fazer a felicidade de Portugal. D. Pedro não pôde fazer senão a sua desgraça.

Que faltou pois ao Senhor D. MIGUEL? Eu o digo, ainda que muitos inimigos cáião sobre mim. Tendo todas as qualidades para Reinar, faltarão-lhe vassallos que o poupassem a tantos trabalhos, cuidados, e sacrificios, que com una respeitosa liberdade Lhe dêsem a conhecer os traidores, os ineptos, os leaes, e os uteis; que inclinassem a sua innata, e imperdivel clemencia a perdoar as multidões, conciliar os Partidos, e reunir a todos os Portuguezes. Este é o Verdadeiro *Ecco de Portugal*; o *Ecco dos Portuguezes* sensatos; dos que amão a ElRei, e a Patria; dos que não se bandeião com os revolucionarios; dos que não trocão a Causa pelos Parentes, pela Maçonaria, e pelos interesses.

Prestem todos os Portuguezes que se esquecerão dos seus deveres, prestem elles obediencia sem limites ao Senhor D. MIGUEL, pois que elles bem conhecem seus Direitos ao Throno, e verão como a Clemencia do Senhor D. MIGUEL é universal. Não será uma Graça como a dos partidarios de D. Pedro, *Graça sem effeito*, *Graça dolosa*, *Graça de papel*, que na realidade é perseguição, violencias, e assassinatos. Reunão-se os Portuguezes á Legitimidade do Throno na Augusta Pessoa do Senhor D. MIGUEL, a quem a Nação legitimamente representada acclamou, reconheceo, e jura defender!

Vamos á allegoria, porque o titulo por ora está desempenhado. *Portugal* é comparado na minha mente a um enfermo

atacado por uma molestia aguda, que correndo os dias criticos chegou a estar ás portas da morte por morte do Senhor *D. João VI.* — O Pai dos Portuguezes é o Senhor *D. MIGUEL*, que n'esse tempo estava em *Vienna d' Austria.* — Os remedios que na sua ausencia se derão a *Portugal* consistirão em uma Carta, que foi como se lhes mettessem a vèla na mão, e o ajudassem a morrer. — Regressou o Senhor *D. MIGUEL* á força dos ultimos sacrificios dos mais denodados Portuguezes, e o remedio que derão a *Portugal* até a evacuação de *Lisboa* em Julho de 1833, e dias immediatos, nova, e remiarcavel Epocha do Reinado do Senhor *D. MIGUEL*, forão da parte d'alguns ignorancias, traicões, desleixos, e descuidos. Mudarão-se muitos destes agentes, e *Portugal* vai melhor, e ha toda a esperanza de que seja salvo.

Deos vos salve, Grande Rei! Seja satisfeita já a Divina Justiça, com o que temos soffrido pelos nossos peccados punidos pela mão dos traidores! Vivei e Reinai, Grande Rei, pois sois Digno do Throno? Acheis Vassallos, que imitem a Vossa Bondade; Vós sereis salvo, e *Portugal* será livre da guerra desastrosa que o aniquila! Sede Rei de todos os Portuguezes! Todos os Portuguezes sejam vossos Vassallos! Fiquem os Estrangeiros corridos de vergonha, e veção que nada podem contra um Rei, e contra um Reino a quem Deos protege! Veção tambem os traidores, que não ha sciencia, nem sagacidade, nem conselho contra Deos, e contra Vós!

Coimbra 13 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

---

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.



gos, onheo de sede de vingança os Póvos, e produzio um transtorno tal, que nem a confusão de *Babel*. Não seja eu como a *Cassandra dos Trojanos* tantas vezes profetiza, e tantas desattendida.

Ao estado de summa perfectibilidade só no Céu se chega. Perguntava-me eu a mim mesmo algumas vezes, levando-me impetuosamente contra esta serie nunca interrupta de revoluções: Porque não houve mais revoluções no Céu, nem mais quem quizesse ser similhante ao Altíssimo? Porque? Porque não foi só Lucifer, e meia duzia de Anjos brejeiros, que vierão de cangalhas p' os ares abaixo; forão sim todos os revolucionarios, em certo sentido pais, e irmãos dos *mações* d'agora, que de lá cairão sem ficar lá um só: aquelle Exercito Celeste foi reformado; escolheo-se um General capaz, como foi, diga-se com toda a veneração, o *Feld-Marchal S. Miguel*, e todos os Generaes subalternos da mesma tempera segundo a sua gradação: os Ministros erão d'aquelles Anciãos de barba branca, que assistem na presença do Omnipotente: as Legiões forão compostas de Espiritos decididos, e ficou tudo em tal socego, que não houve mais rebolicos, nem os haverá eternamente, porque todos os germes da discordia forão lançados ao fogo. E póde assim ser na terra? Póde o ferro acabar com todos os discordantes? Ao estado de summa perfectibilidade só no Céu se chega.

Alguna vez voltava-me para Deos, como se eu tivesse a confiança de argumentar com elle, á similhança de *Job*, quando rascava as chagas com um testo, e como se Deos tivesse a mesma paciência, que teve com elle; e lhe dizia: Oh! Deos! Onde, e para quando reservais os vossos raios? Onde, e para quando o fogo, que abrazou as Cidades de *Pentapolis*?

Onde a terra, que tragou a *Dathan*, e *Abiron*? Onde a morte, que roubou aquelle, que tocou a *Area Sancta*, ainda que julgou cair? E consenteis, que os *Mações*, monstros da impiedade, e do crime, profanem a Vossa Casa, ludibriem, e esearneção do *Sancta Sanctorum*, corrompão as Virgens, enxovalhem as Casadas, e as Viuvias, persigão, e matem os Ministros do Sanctuario? E isto no vosso *Portugal*, n'aquelle Reino, que escolhestes para ser puro na Religião, e seguro na Fé, e destinastes para a levar ás Nações remotas.

Mas parece-me, que Deos me respondia, como respondeo á mulher de *Job*: *quasi unus ex stultis loquutus es*. E muito bem respondido, porque não fosse eu talalhão, e com meu Senhor não jogasse as peras, e então só tenho a dizer. — *O' altitudo divitiarum Sapientiae, et Scientiae Dei! Quam incomprehensibilia sunt iudicia ejus, et investigabiles viae ejus!*



Por tanto, e mais dos autos resulta, que á summa perfectibilidade, á *summa justicia*, só no Céu se chega.

Estando pois aberta a Campanha em todo o Mundo entre a Maçonaria, e a Realeza, entre a Revolução, e a Legitimidade, entre as doutrinas da verdade, e os absurdos enfeitados de verdadeiros, entre os Direitos reaes, e os Direitos apparentes, estando armados Pais contra Filhos, e Filhos contra seus Pais; Irmãos, Parentes, e Amigos contra outros; Familias contra Familias, Póvos contra Póvos, empenhados todos na sua mutua destruição, e effectivamente destruindo-se, nunca fartos uns nem outros de roubos, de violencias, de vexações, de vinganças, de sangue, e de carnagem; resulta que esses Paizes assim em guerra intestina, tão desastrosa, e nunca terminada, chegarão á summa corruptibilidade, á summa injustiça, ficando habituados, e como naturalizados com a pilhagem, com os incendios, com o assassinato, e com a crueldade. Desgraçados Paizes! Póvos desgraçadissimos!

E não é este o verdadeiro estado de *Portugal* inteiro? Não é esta a terrivel situação de todos os *Portuguezes*? Quantas vezes quiz dizer-lhes aquella Sentença de Virgilio? *Claudite jam rivos pueri; sat prata biberunt*. Basta, *Portuguezes* de todos os Partidos: já estão os vossos campos assás talados, já estão assás cheios de sangue, já vós todos estais assás desgraçados.

Não pelearis por um Rei? Nós o temos segundo a Lei: é elle o Senhor D. MIGUEL: outro não pôde ser segundo a Lei: todos os Partidos conhecem seus Direitos ao Throno. Porque pois se Lhe oppõe um Partido? Porque O considera Chefe de perseguição? Porque O julga sem qualidades amaveis?

Ora deixemos comparações, porque todas ellas na Sociedade são odiosas: corramos um véo sobre toda a vida privada, e pública do que o Partido da opposição chamou em seu favor só por escapar-se á perseguição, que temia: esqueçamos totalmente; mas nem por este silencio seja eu arguido de inconsequente. Se levantei a minha voz, e sem faltar á verdade, porque d'isso sou incapaz até onde a minha intelligencia a percebe, foi assim preciso para repellir as negras, e atrocissimas calumnias, que muitos prélos auctorizados vomitáram contra o Senhor D. MIGUEL para lhe perderem a opinião no conceito Publico, e então repetidas vezes fiz o paralelo, ou o quadro comparativo, para que a verdade apparecesse desassomburada da mentira, e se visse de que lado estavam as Qualidades Amaveis, além dos Direitos. Torne-se outra vez a esta analyse, evitando comparações com o chamado pelo partido da Opposição; e despindo-se todos das paixões, dos

prejuizos, e do odio, todos reconhecerão, como eu, no Senhor D. MIGUEL um Joven Amabilissimo, que deve ser as Delicias de todos os *Portuguezes*, creado por Deos para defender *Portugal*, sendo prodiga com elle nos melhores predicados a Mão do Omnipotente, e a Naturêza. Vejão-se alguns.

*Benignidade.* Elle excede n'esta Virtude a todos os Seus Augustos Predecessores. Quantos perdões repetidos a homens, que as Ordenações do Reino julgão dignos da mais desapiadada morte! Deponha as armas o Partido da opposição, reconheção-se por Vassallos, e um só não haverá que admirado, e agradecido não engrandeça a sua Benignidade. Nem o Partido da opposição tem que argumentar com os Processos Legaes do anno de 1828, e seguintes: elles os motivarão: a Lei achou-os: uma satisfação ao Público os procurava; por um momento esqueceo a Politica, que muitas vezes deve ser superior á Lei: ElRei, nem foi o julgador, nem o perseguidor, nem o Criador da Lei, nem dos Magistrados: tudo existia d'antes. Seu Coração sempre esteve disposto a perdoar aos seus inimigos, uma vez que de veras deixassem de o ser. Cumprão elles esta condição, e a Benignidade Real será exercida do momento immediato.

*Grandeza d'Alma.* Quanta não tem sido a que ElRei desenvolveo com prisioneiros, que nunca gozárão do Direito das Gentes! Quantas vezes tem perdoado, e ainda premiado a pessoas, que elle assás conhecia, que longe de merecerem graça erão dignas de castigo! Que Rei lho teria feito! Não outro que o Senhor D. MIGUEL, que só folga em bemfazer.

*Affabilidade.* Quanta para com todos, que tem a ventura de Lhe fallar! Quem não sáe satisfeito da Sua Presença! Que de gentes prevenidas contra Elle não ficarão desenganadas em favor d'Elle, acabando de Lhe beijar a Mão!

*Caridade.* Quanta para com os desgraçados enfermos, amigos, e inimigos, conhecidos, e não conhecidos, Nacionaes, e Estrangeiros!!! Quantos lenitivos á indigencia! Quantos soccorros á desgraça! Fallem todos os feridos, fallem todos os Hospitales, falle todo o Exercito, falle *Portugal* todo em honra da verdade, fallem os mesmos prisioneiros, que se apanhárão com as armas na mão contra este Augusto, e Virtuoso Monarcha, e contra a Patria, e digão se achárão nas Historias dos *Titos*, e dos *Antoninos*, ou em algum dos Soberanos antigos de *Portugal* tanta caridade, e em gráo tão elevado!

*Justiça.* A sua severidade tem mil vezes cedido seu lugar á Misericordia, e sómente as Leis tem levado, para exemplo, alguns criminosos os mais atrozés ao supplicio: e quantos terião sido, com razão de subejo, justicados, e mortos

pelo povo, se elles commettessem os delictos da naturêza d'aquelles, que tem perpetrado os que tem sido presos nos anteriores Reinados, senão tivesse mais lugar no Coração d'este Piedoso, e Joven Rei a Misericordia, que a Justiça! Digão-no os mesmos presos, se já livres de paixões conservão algum sentimento de rectidão, e diga-o todo o Povo *Portuguez* que o tem presenciado.

*Valor!* Quantas vezes no centro das batalhas! Quantas rodeado de balas! Impavido, sereno, sem alterar-se., ordenando, atacando, defendendo! Tu o Sabes, oh! Exercito *Portuguez*, que O tens tido por Companheiro nas mais renhidas, e arriscadas Acções! O mesmo Partido da Opposição o tem presenciado!

*Soffrimento nos trabalhos.* Não tem havido até agora um só de seus Augustos Avós, que por tantos passasse, nem tanta constancia n'elles tivesse! Os successos presentes são notorios a todo o Reino, e até a toda a *Europa*. Nenhum Rei no Mundo soffreo tanto, nem com tanta resignação! Tão habituado a soffrer, que já parece não sabe sentir, e todavia sem queixar-se, sem mostrar-se descontente, sem dar um só indício de estar mortificado, aborrecido, e desesperado, como que em padecer faz consistir toda a sua gloria, e fortuna! O Partido da opposição não pôde deixar de admirar-se!

*Amor aos Vassallos.* Quantos trabalhos por elles! Quantos sacrificios, perigos, riscos, afflicções, e cuidados, para tornar felizes os que lhe obedecem, e livral-os da desolação, e da guerra, em que os Estrangeiros tem querido abysmal-os! Oh! Deos! E será este o Rei a quem as bôccas blasfemas chamão Cruel, Deshumano, Perseguidor, Inepto, Inhabil, Incapaz! Diga com imparcialidade o Partido da Opposição, se algum Rei pôde fazer mais pelos que O seguem, e confessem que, se elles O seguissem, outro tanto faria por elles! O Senhor D. MIGUEL não peleja pela sua Causa, peleja pela Causa dos *Portuguezes!* Como Infante não tinha a fazer sacrificios; podia viver descansado, pelo que pertence á sua sorte, e fortuna individual! Como Rei se tem feito uma Victima pelo amor dos seus Vassallos! Conhecção, e meditem bem isto os Partidarios da Opposição, e acharáo, que o Senhor D. MIGUEL é muito menos cuidadoso do seu bem estar, que do bem dos *Portuguezes!* Que tem feito Elle em seu favor? Diga-se com respeitosa liberdade: Nada. Que tem feito Elle pelos seus Póvos? Com verdade se diga: tudo, tudo, como *Portuguez*, como Amigo, como Irmão, como Companheiro, como Pai, como Principe, como Rei dos *Portuguezes!* Reunão-se-lhe todos, e todos acharáo n'Elle um *Portuguez*,

um Amigo, um Irmão, um Companheiro, um Pai, um Príncipe, e um Rei, o melhor de todos em todos estes predicados. As Potencias Estrangeiras acharão nesta reunião de toda a Família *Portugueza*, que o nome de odioso, com que lá foi chamado o Senhor D. MIGUEL em *Portugal*, e entre todos os *Portuguezes*, já passa por impudencia, por desaforo, e por loucura! Acharão as Potencias Estrangeiras na reunião de toda a Família *Portugueza*, que os *Portuguezes* por si mesmos sem intervenção, nem dependencia d'Estranhos, tem a Arte de terminar as suas discordias, dar fim ás suas contendas, e reunir, e conciliar a sua vontade Nacional! Seja assim, e emmudeção os inimigos de *Portugal*!

*Firmeza de Character.* Ainda no centro dos perigos, e trabalhos de maior monta, no meio da posição mais critica, não pôde ser levado a admittir propostas indecorosas á sua Soberania, e prejudiciaes aos Povos que governa, não afastando-se jámais do que julga justo, util, e racional!

Logo o Senhor D. MIGUEL, tão longe de ser Chefe de perseguição, é o melhor Pai, Irmão, Amigo, e Protector de todos os *Portuguezes*.

Logo o Senhor D. MIGUEL tem as qualidades mais amaveis, qualidades, que jámais se reunirão juntas em Príncipe algum de *Portugal*.

Logo tem todos os *Portuguezes*, logo tem o Partido da Opposição um ponto solido, e permanente sobre que podem reunir-se, sobre que o Estado pôde reorganizar-se.

Dirá o Partido da Opposição — Nós sobre tudo pelejamos pela Lei. E não temos Lei? Observe-se, e basta para a nossa prosperidade. Que cousa é a Carta Constitucional, ou a Constituição? Um papel escripto, e nada mais; principios impracticaveis, theorias não experimentadas, maximas que alagarão de sangue a *Europa* e a *America*, que acabarão com os mais bellos Póvos do Mundo.

Sem essa Carta Constitucional, sem essa Constituição não foi *Portugal* o Paiz mais brilhante, e mais pingue da *Europa*? Os *Portuguezes* não fizeram amavel, temivel, respeitavel, poderoso, e admiravel seu nome nas quatro partes do Mundo? A sua Grandeza, ou a sua Aristocracia não chegou ao maior auge d'essplendor, qual não teve a Aristocracia de algum outro Reino, ou Imperio? Os Póvos não forão tranquillos, e venturosos? Não prosperarão as Artes, e as Sciencias? Não foi feliz, e muito feliz o Commercio? Não viveo *Portugal* na paz, e na abundancia? O Reino não floresceo na justiça, na suavidade, e nas delicias? Houve no Mundo algum Paiz, que fosse mais admirado, e inve-

jado do Mundo pela sua riqueza, pela sua abundancia, e pela sua prosperidade? Se as arvores precisão alguma vez de serem abaladas, e sacudidas, para que lhes caia o musgo, o caruncho, o podre, o velho, o inutil, e o superfluo, um abalo, e sacudimento continuo as destróe, as esteriliza, arranca-as da terra pelas suas raizes, e mais não prestão, não vegetão.

Uma Carta Constitucional, uma Constituição, é um motu continuo, uma concussão successiva, um abalo, e sacudimento espantoso, que holle com tudo, e sempre, que tudo altera, e transtorna, e sempre, que alguma cousa não deixa estavel, e permanente, que não concede o repouso necessario para as experiencias, e observações, que todas as cousas tira dos seus eixos, e a nenhuma deixa tomar raiz, substancia, e tempo para vegetar, e prosperar.

Sómente a paz póde produzir a prosperidade, e as necessarias réformas de alguns abusos, que os Seculos, as guerras, e varias combinações do tempo introduzirão, e arrastarão.

Mas será attribuição do Vulgo reformar a Córte, e a Grandeza? Serão os Seculares os que devão reformar o Clero? Isso seria o mesmo, que se o Commercio fosse reformado pelo Exercito, o Exercito pelo Vulgo, a Marinha pelo Clero, o Clero pela Magistratura, a Magistratura pelos Artistas; em uma palavra isso seria o mesmo que cada um metter fôuce em seara alheia, ou metter os pés pelas mãos, ou andar a cabeça debaixo dos pés, e os pés sobre a cabeça. Os abusos de cada classe os reforme a mesma classe na parte, que é propria e intrinseca da mesma classe com a auctorização do Soberano, que de nenhuma Classe tem inveja, a quem nenhuma Classe faz sombra. Assim forão feitas todas as réformas uteis, e necessarias no Mundo; por esta fórma tem vivido os Povos na paz, na abundancia, e na justiça; por fórma contraria tudo tem sido desordem, discórdias, vinganças, guerras, injustiças, transtornos, pobreza, miserias, e confusão.

Mas dirá o Partido da Opposição, o Senhor D. MIGUEL não quer a paz, pois se a quizesse, teria casado com sua Augusta Sobrinha a Senhora D. Maria da Gloria, e a guerra estava acabada. Que miada esta de *Ariadna*! Como todos estãõ enganados! A questão não é com uma Augusta Innocente: é com seu Pai, que não quer, que sua Filha reine! É com seu Pai, que pretende ter todos os Direitos ao Trono *Portuguez*. É com seu Pai, que fez uma abdicção fantastica, e quimerica! É com seu Pai, que para o casamento de sua Filha, exige condições injustas, indecorosas, impossiveis.

A este ponto voltarei outra vez tomando maior espaço.

Porque pois se não reorganiza o Estado? Porque se não reúnem todos os Portuguezes? Temos Rei segundo a Lei: temos Rei digno do Throno, temos Rei com as mais amaveis qualidades do Mundo, temos Lei sufficiente para a nossa prosperidade. Eia *Portuguezes*, ouvi o verdadeiro *Eccô da Razão*, da Lei, da Justiça, e da Vossa Conveniencia! Reuni-vos; basta de sangue, de guerra, e de desastres! Não se oução mais os nomes de *Malhados*, e de *Carcundas!* Todos somos *Portuguezes*: Confraternizemo-nos: demo-nos as mãos de amizade, e paz justa, e estavel, e todos a uma levantemos a voz. — Viva, e Reine o Senhor D. MIGUEL — Viva Portugal — Rêjão as Leis da Monarchia.

---

N. B. *Sejão certos os Senhores Assignantes; que, ainda que a Typographia não possa appresentar regularmente os meus trabalhos bem adiantados, hão de receber tantas Folhas, quantas correspondem ao tempo da sua assignatura.*

Coimbra 15 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

---

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1834.

*Com Licença.*

---

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

---

---

N.º 8.

---

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémises du carnage.*

RACIN.

---

*Acontecimentos notaveis.*

A Morte da Senhora Infanta a Serenissima Senhora D. Maria da Assumpção, publicada nas duas Folhas Noticiosas do Reino, e que por essa razão s'enlutarão pelo seu caracter de Diarias, essa morte, que poz em consternação a ElRei, que a amava a par do seu coração, e o Reino, que a venerava pela sua Real Filiação, e por suas virtudes, essa morte preciosa sem duvida na presença de Deos, que em breve quiz premiar sua innocencia, e seus trabalhos assaz muitos, me leva como pela mão a mui ponderosas reflexões.

Tambem a mim me correm as lagrimas pelas mesmas razões, que ao Exercito, aos Póvos, e em geral a todo o Reino, tambem porque foi Companheira d'ElRei nos seus penosissimos trabalhos, e tomou a peito seus cuidados pela salvação do Reino, (ah! sem duvida estes cuidados, estas considerações abbreviarão os dias da sua preciosa vida!): e ainda em attenção a que Sua Alteza honrou varios dos meus Escriptos com a sua Leitura, que lhe offercia o Senhor *Conde de Cintra*, e muito especialmente meus dous Discursos Matutino, e Vespertino recitados no Templo da *Madre de Deos em Lisboa*, no dia 8 de Dezembro de 1832, na Solemnidade Votiva, e Annual, que

á Sanctissima Virgem Mãi de Deos no Mysterio da Sua Immaculada Conceição, fazia celebrar o Senhor *Marquez de Olhão*, a quem fiz uma Dedicatória ligeira, e todavia capaz de humilhar os inimigos da verdadeira Grandeza do Reino. Morreu; já não existe na terra senão na saudade dos bons *Portuguezes!*

Que effeitos terá produzido esta morte no Coração de *D. Pedro?* Também se desprenderia dos laços da fraternidade, como rompeo pelos da Filiação? Que pensamento capaz por si só de descrever todo o caracter de *D. Pedro*, que tantos pezares tem causado a Seus Augustos Pais, a Seus Augustos Irmãos, e á sua Patria! Tanto Sangue *Portuguez* tem elle feito correr sem motivo, nem fundamento que justo seja; tantas desgraças tem elle causado a *Portugal* inteiro, não para collocar no Throno a sua Augusta Filha, mas por arrogar para si uma Corôa, que voluntariamente abdicou, quando se fez Imperador do *Brasil!* E ainda ha um Partido, que invoca o nome do *Duque de Bragança* para fazer a felicidade de *Portugal!* Que felicidade lhe pôde dar quem só tem sempre trabalhado na sua ruina, e na ruina de Seus Augustos Pais, e de Seus Augustos Irmãos! Quem ainda tem cavado a desgraça de seus proprios Filhos!!!

Tambem esta consideração deve convencer a todos os *Portuguezes* de qualquer Partido da necessidade de que o Estado se reorganize com a maior urgencia, e de que todos os *Portuguezes* se reunão, tractando dos seus interesses, e fortunas, prescindindo de theorias, e opiniões, e esquecendo-se das agoas passadas. A attenuação da Familia Real *Portugueza*, a diminuição da Regia Stirpe do Senhor *D. João VI.*, a dispersão de seus Augustos Filhos pelo *Brasil*, e pela *Hespanha*, a falta que os tres Estados commettêrão no Assento, em que o Senhor *D. MIGUEL* foi reconhecido Rei e Senhor d'estes Reinos, não declarando as Pessoas, que successiva, e progressivamente tem Direitos ao Throno *Portuguez*, a circumstancia mui ponderosa de o Senhor *D. MIGUEL* não haver ainda contrahido Matrimonio, e conseguintemente não haver d'Elle successão Legitima, todas estas causas podem abysmar *Portugal* no cahos; e por isso para evitar o cair n'este pelago, e para fazer cessar a maior parte das apontadas causas, é preciso, é indispensavel, é da maior urgencia, que o Estado se reorganize, que todos os *Portuguezes* se reunão, e olhem por si, pela sua independencia, pela sua conservação.

Replicará o Partido da Opposição, que tudo está remediado casando o Senhor *D. MIGUEL* com sua Augusta Sobrinha a Senhora *D. Maria da Gloria*. Mas quem é que obsta a este enlace? Não é *D. Pedro?* Quaes são as condições, com que elle quer



que se verifique este casamento? Que sua Augusta Filha seja Rainha de *Portugal* pela abdicacão, e não pelo casamento! E esta condição não é absolutamente injusta? Não muda ella substancialmente a natureza da *Monarchia Portuguesa*? Sendo a Lei Regulamentar, e Fundamental das cessaões, e bem assim dos testamentos a mesma, que a c. successão; como é que *D. Pedro* abdicou (dada, e não concedida a hypothese que elle tivesse, ou tenha alguns Direitos ao Throno de *Portugal*) em Mulher, havendo Varão na sua mesma prole? Não vem essencialmente a *Monarchia Portuguesa* pela Linha Masculina, ainda que accidentalmente, e como por supplemento, venha alguma vez pela Feminina? Como pois, e com que auctoridade, poder, e validade destrõe *D. Pedro* a essencia da *Monarchia*? Dirão, que o Senhor *D. MIGUEL* prometteo receber a Senhora *D. Maria da Gloria*, sabendo que era Rainha cessionaria: E promessas contra Lei tem algum vigor, força, e estabilidade? Os Pactos da *Monarchia*, seus elementos constitutivos nenhum Principe por si só pôde rescendil-os, ou ir contra elles; e indo, ou esses actos se julgão nullos, e insubsistentes, ou os Principes, e as suas Familias insistindo n'essas arbitrariedades perdem seus Direitos ao Throno, aquelles Direitos, que não tanto lhes vem pela sua nascença, como pelas instituições da *Monarchia*.

Já estas mesmas considerações forão manifestas com energia, e toda a liberdade ao Senhor *D. Fernando VII*, em uma exposição assignada aos tantos de Setembro de 1826, pelo Brigadeiro *Francisco de Moraes Madureira Lobo*, e por outros Officiaes *Portuguezes*, que então por amor d'esta Questão se achavão emigrados na Cidade de *Lugo* na *Galliza*; e não houve medo, nem se correo risco de que fossemos mal tractados, nem comparados aos *Carlistas* da *Hespanha*, apodo com que agora querem fazer-nos odiosos todos os Constitucionaes da *Hespanha*. Longe de tal imputação; o Senhor *D. Fernando VII* esteve pela verdade d'estes principios, reconhecendo no Senhor *D. MIGUEL* todos os Direitos ao Throno de *Portugal*, e *Algarves*.

Por entreter a ociosidade, escrevi no anno de 1828, estando na Villa de *Miranda do Ebro*, antes de regressar a *Portugal*, um Folheto com o Titulo — *O Throno de Portugal, e o da Hespanha: Manifesto a todos os Soberanos da Europa*. Se este Escripto ainda apparecer depois da restauração de *Lisboa*, e for visto, ainda que é um rapido esboço feito só para mim, reconhecerão todos os Partidos de *Portugal*, que ninguem zelou mais que eu a independencia, a conservação, e a honra d'este Reino.

Cada Paiz tem as suas proprias Leis, e por ellas se rege, e governa; e não havendo lesão de Direitos proprios nenhuma Potencia deve intervir, nem entremetter-se nas questões interiores de outra Potencia, embora que os Escriptores particulares possam emittir seu juizo, e as suas theorias sobre essas Leis, Direitos; e Questões das Potencias Estrangeiras, podendo estas vedar aos seus subditos a leitura dos taes Escriptos, se assim lhes convenir, porém nunca pedir satisfação, como nunca a pedirão: esta liberdade tem todos os Escriptores de todos os Paizes. Quando os *Portuguezes* estavamos na *Hespanha*, muitos *Hespanhoes* nos interrogavão, e argumentavão sobre os Direitos do Senhor D. MIGUEL, e elles, até os mesmos Liberaes, nunca as Auctoridades por Officio Publico, chamavão Rei ao Senhor D. MIGUEL, como nós os *Portuguezes*, e já esta era voz Popular na *Hespanha*. E faz-se crime hoje aos *Portuguezes*, que, com os *Hespanhoes* agora emigrados em *Portugal*, sem que as Auctoridades para isso concorram, como de facto não concorrem, chamamos Rei ao Senhor D. Carlos? Se o deve ser, que o seja; não nos embaraçamos com essa Questão: somos civis com os *Hespanhoes*, como elles o forão para nós; não imos contra a sua opinião, não os affligimos com argumentos contra; lá se avenhão, e Deos nos ajude a todos como for justo. Nunca se fez crime d'esta civilidade! Se aqui estivessem emigrados os *Christinos*, tambem não haviamos de mortifical-os! Somos iguaes, como o forão para nós!

Na *Hespanha* ha Dons aos montes em *Portugal* ha *Senhorias*, e *Excellencias* a dar com um páo: nós lhes damos o tractamento de *Dom* como elles querem: elles nos dão a *Senhoria*, e a *Excellencia* como nós queremos; todos estamos contentes, que nem gaitas; todos somos civilizados. O caso pois de tractarmos particularmente por *Carlos V* ao Senhor D. Carlos, fallando como uma grande parte dos *Hespanhoes*, é caso de tractamento, e de civilidade; não é paridade de Direitos, não é communicação na Questão: a questão é lá para elles, e como nos deixarão sós na nossa demanda, sós os deixamos na sua.

Agora fallando em theoria com os Constitucioneiros de *Portugal*, com algumas Folhas Estrangeiras, e com o Governo de D. Pedro em *Lisboa*, que ao Senhor D. Carlos confiscou motu proprio varios effeitos que lá lhe ficarão, e o declarou *Infante Rebelde*, como se D. Pedro fosse o Julgador de todas as Questões *Europeas*, para lá vão esses tres Dilemmas, ou argumentos cornutos, e se os resolverem com boa Logica, serão o assombro dos *Peripateticos*.

1.º Ou a Monarchia *Hespanhola* se constituiu no Reinado dos *Godos*, e pela suas Leis, ou não. Se foi, e está constituida pelos *Godos* e pelas suas Leis, nunca o sexo *Feminino* foi chamado a succeder no *Throno*, antes é ahí clara, e terminantemente excluido de Reinar. Se a Monarchia *Hespanhola* não foi constituida pelos *Godos* nem pelas suas Leis, nos *Romanos*, e segundo as suas Leis o sexo *Feminino* não é lembrado.

2.º Ou a Monarchia *Hespanhola* estava constituida antes das *Leis da Partida*, ou não. Se estava constituida antes, como o estava, o Sexo *Feminino* está excluido do *Throno*. Se não estava constituida, as *Leis da Partida* não constituirão a Monarchia, porque não forão feitas em *Côrtes*, ou em *Assemblea Nacional*, como era preciso que o fossem para terem a força de *Lei Fundamental*; nem essa *Compilação de Leis* tem vigor de *Lei na Hespanha*, senão por supplemento ás *Leis do Reino*, nem a successão s'escreveo ahí com referencia directa ao *Throno* que tem as suas *Leis proprias*, e especialissimas, não equivocas com as outras regras de successões, ou de heranças particulares. Os casos allegados em contrario provierão da necessidade, não da *Lei*, forão contenciosos, terminarão-se por casamentos, ou pela paz depois de crua guerra, e essas excepções mais corroborão a *Lei* em contrario.

3.º Ou a *Dynastia dos Bourbons*, que se introduzio no *Throno da Hespanha* nos principios do seculo passado está ahí bem entronizada, ou não. Se o está, o *Sexo feminino* está excluido do *Throno*, e outra mudança não pôde fazer-se reinando a actual *Dynastia*, porque foi condição essencial do estabelecimento dos *Bourbons na Hespanha*, nem em *Côrtes* jámais se fez, porque essas que se allegão, se existirão, não se fizerão publicas no tempo conveniente, nem tiverão execução, nem o *Senhor D. Fernando VII* pôde por um acto proprio, sem chamamento de outras *Côrtes Formaes*, resuscital-as do silencio, do esquecimento, da nullidade, da inacção, em uma palavra, do pó. Se a *Dynastia dos Bourbons* não está ahí bem entronizada, então nem a proclamada *Joven Rainha*; renova-se então a guerra de um *Seculo!* Reproduzem-se as antigas pertensões de *Direitos!* Fluctuão todos os *Thronos da Europa!* E *Portugal*, a quem um *Sabio Hespanhol* nos primeiros annos do *Seculo* passado adjudicava os *Direitos* ao *Throno da Hespanha*, tambem agora quereria entrar na discordia. E o certo é que *D. Pedro* anda com a pedra no capato a este respeito, e como elle é a capa de todos os *Constitucionaes*, não tem duvida que tem seu *Partidete entre os Hespanhoes!*

Ora respondão a estes dilemmas os *Constitucionaes Portuguezes*, não fação argumento de paridade dos *Miguelistas* aos

*Carlistas*, pois cá o Throno pôde vir pelo sexo feminino, e lá na *Hespanha* dizem alguns que não, e quando outros querem argumentar que sim, então *Portugal* diz que tambem tinha seus Direitos quando ahí s'estabeleceo a Dynastia dos *Bourbons*. Ah! *Portugal*, e *Hespanha*! Como se vai minando a vossa Independencia! Em *Portugal* o que passa, está á vista! Em *Hespanha* dizem que vai pegando a tinha da revolução! Eu não sei senão que varias Potencias Estrangeiras protestarão contra a successão Feminina!

Mas estas cousas da *Hespanha* são theorias para os *Portuguezes*, que praticamente se não embaração com o que lá vai. Se o Senhor *D. Carlos* não tem Direitos, pejem os *Christinos*. Se o Senhor *D. Carlos* tem Direitos, sejam honrados os *Hespanhoes*, e não se fação titereteiros como alguns *Francezes*, e *Napolitanos*. Os *Portuguezes* cá imos ajudando pelo Senhor *D. MIGUEL*, pelejamos com muita justiça, como todo o Mundo conhece, e a nossa lide ha de acabar com muita honra nossa.

Porém a graça está em que o Partido de *D. Pedro* parece muito ligado com os *Christinos da Hespanha*! Que será isto? Pois o Governo Constitucional *Portuguez* de 1826 proclamou, que os *Hespanhoes* erão seus naturaes inimigos, e agora já são seus amigos! Que *Hespanhoes* e que *Portuguezes* são esses! Tambem temos a *metempsicose* revolucionaria! E não se torna palpavel a necessidade de reorganizar o Estado, e da maior urgencia que todos os *Portuguezes* se reunão á voz do Senhor *D. MIGUEL* Rei? *Portuguezes*! Olhai por vós, que o cahos está sobre vós! Querem subjugar-vos com o titulo de *D. Pedro*! viva *Portugal*! Viva o Senhor *D. MIGUEL* Rei!

A outra Condição, que *D. Pedro* exige para o casamento de sua Augusta Filha com o Senhor *D. MIGUEL*, é o estabelecimento da Carta Constitucional. Condição indecente, e impossivel! Estabelecer-se em *Portugal* a Carta Constitucional! Com estabilidade, e segurança, nem em toda a vida de *D. Pedro*, longa que ella fosse! Mas pôde *D. Pedro*, ainda que Rei fosse, dar uma Constituição contraria á Constituição, que, em hypothese, o chama ao Throno? Essa Constituição contraria á Lei Fundamental, e Organica da Monarchia *Portugueza* pôde ser dada á Monarchia *Portugueza* sem audiência, madura deliberação, e livre consenso do Reino representado nos Tres Estados segundo o seu Costume? Não. Logo *D. Pedro* não quer a paz, não quer a prosperidade de *Portugal*, não quer que o Senhor *D. MIGUEL* case com a Augusta Filha d'elle *D. Pedro*, não quer que a sua Filha reine, nem por cessão, nem por casamento, não quer senão para si com uma ambição que não conhece limi-

tes! Eis aqui pois outra vez a necessidade de que o Estado *Portuguez* se reorganize, de que todos os *Portuguezes* se reunão, e olhem por si, pela sua Independencia, e pelas suas fortunas. E o Partido da Opposição, pelejando pela Carta Constitucional, ou pela Constituição, condição sem a qual não pegaria em armas; não mostra que elle não se bate pela successão, nem por alguma Augusta Pessoa da Familia Real? Ah! Liberães! Nunca sereis consequentes? Para que arrastaes os povos á desgraça? Dizei que quereis Republica! Mas vós não o conseguireis. Fazeis Victimias, e sois Victimias! Eia! Basta! Reunão-se os *Portuguezes* em bem, que não em mal!

O Visconde de *Monte Alegre*, estando eu com elle na Villa de *Miranda do Ebro*, dirigio uma extensa Letra a sua Alteza Real, o Senhor *Duque de Angouleme*, sobre a natureza da Questão de *Portugal*, e ahi lhe ponderava como os *Realistas Emigrados na Hespanha* não se havião movido, nem movião sobre a pendencia de um Governo Representativo, quando em *Portugal* sempre o tinha havido pelas suas Leis Fundamentaes; e prouvera a Deos, que os Reis o tivessem conyocado mais frequentes vezes, que nem elles, nem seus Povos terião caído em tanta desgraça; que toda a discordia sim era sobre a successão, e que esta Questão era toda *Europea*; e que dizia respeito a todas as Dynastias Reinas, as quaes estavam em muito perigo, se o Throno do Senhor D. MIGUEL, que os *Emigrados* aclamavão, fosse abandonado. Ah! Estará lembrado esse Principe degradado do Throno, e da França? Quanto se perdem os Principes em não darem soccorro a tempo, e a horas aos outros Principes! Assim é que as Facções vão cavalgando os Thronos, e quando estes querem valer-lhe, já é tarde, já elles estão perdidos.

Sobre o caracter do Partido da Opposição uma longa e nervosa letra em supplica escrevi eu em nome de todos os *Emigrados na Hespanha* com data de 24 de Agosto de 1827, e dirigi ao Governo da Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, e ahi com toda a energia, mas com toda a dignidade, com todo o respeito, e sem faltar um só apice ás Leis de veneração, que se devia a uma Augusta Irmãa do proclamado Rei o Senhor D. MIGUEL, e com Elle Filha do Senhor D. João VI, se ventilava em todas as suas partes a delicadissima Questão da successão ao Throno, e da Regencia destes Reinos, e se mostrava com toda a evidencia de que lado estava a desaffeição á Augusta Familia de Bragança, e a todas as Pessoas Reaes. O Argumento era sem replica. Alguns meus conhecidos, e de peso em Discursos, tendo visto este longo Escripto, e sem que elles fossem *Emigrados*, disserão na minha ausencia, porque na presença podia ser lison-

já, ainda que nunca dependencia, que era o melhor Escripto que eu havia trabalhado.

Ora estas letras, de que eu fallo, são além d'outras muitas que se dirigirão com igual franqueza, e Verdade ao Senhor *D. Fernan-do VII.*; ao Senhor *D. Carlos*, á Serenissima Senhora Princeza da Beira, *Protectora de todos os Realistas Portuguezes*, ao Conselho d'Estado, aos Excellentissimos Senhores Duque do Infantado, Bispo de Leão, e outros Bispos, e a varios Senhores Capitães Generaes. Jámais se escreveo para outra cousa que para illustrar a Questão Portugueza! A verdade seja dicta, e descoberta de uma vez.

E não será já tempo de que o Estado *Portuguez* se reorganize, e de que todos os *Portuguezes* se reunão sobre o ponto solido e permamente — Viva ElRei, o Senhor *D. MIGUEL I.*?

Não se diga, que mudo de linguagem, ou que transijo com o partido da opposição. Quero sómente que este ceda á voz da Lei, da Razão, da Justiça, e da conveniencia sua, e de todos. A maioria de *Portugal* não cança; póde ainda mais tempo com o peso da lucta; mas *Portugal* vai cair no cahos! sáião, sáião do abysmo os *Portuguezes* pela sua reunião e concordia!

Outros mais successos notaveis ficão para o seguinte N.º, e são dignos de reflexão.

Coimbra 17 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

---

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 9.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. *Æneid.*

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACINE.

---

*Mais acontecimentos notaveis.*

**F**ORTE mangação! O Throno nas mãoszinhas de uma criancinha, que está no berço chorando pela mamma! Pois sim senhor; e se for menina muito melhor, porque a *Maçonaria* com esta vai ás mil maravilhas: se for menino, algumas duvidas póde ter, porém a *Maçonaria* vai-o embalando, e quando for taludo ha de andar ás ordens! Com que o Throno nas mãoszinhas de uma criancinha, ou por Testamento, ou por Abdicação? Sim, e uma Regencia governando em seu nome, como quem diz os *Triumviros*, ou os *Decemviros*! Deu *D. Pedro* nesta descoberta para si, e está prompto a admittir, e fazer *tractados* com todos os Soberanos *pequerruchinhos*! Se a cousa assim vai, não tarda que a *Europa* não esteja de pernas para o ar! E querem argumentar-nos com o Imperio dos *Romanos*, e com as suas *Leis*? Não me lembro de taes crianciees, ou parvoices, nem no *Codigo*, nem na *Instituta*, nem nas *Pandectas*, nem em toda a compilação de *Justiniano*. Os *Romanos* não erão taes que estivessem a embalar, e aturar crianças; e a pôr-lhes, e tirar-lhes os cueiros. Isso é bom para a *Propaganda Revolucionaria*, que em malicia, e manhas é pior que os Tigres, que a coberto das trevas da noute no espesso maço

esperão a presa, e a despedaçação, e devorão, algumas vezes mais por sua inclinação carnívora, que por necessidade.

E dizem, que não ha *Propaganda Revolucionaria*? Não sómente na *França*, e na *Inglaterra*, tambem na *Hespanha*, e em *Portugal*. Em *Lisboa* estava em no anno de 1832, e nos mezes de Agosto, e Setembro descobri, pelas minhas conferencias com alguns moicanos Nacionaes, e Estrangeiros, uns da Eschola do Chefe *José Balsamo*, vulgo *Conde Cagliostro*, outros da do *Duque de Sussex*, averigui, e como que vi todos esses seguidos acontecimentos da *Porta*, da *Polonia*, da *Dieta Germanica*, da *Hespanha*, e . . . . Se as minhas participações tiverão todas a direcção, e accitação conveniente, os principaes Gabinetes da *Europa* deverão estar sobre aviso do que agora lhes acontece, e vai ameaçando. A *Propaganda Revolucionaria* tem preparado uma revolução geral: já fuzilão seus raios, o horizonte está pardo, por toda a parte treveja com mais, ou menos estrondo, e em toda a parte vão descarregar golpes formidaveis, que depois de descarnarem a *Europa*, até os ossos lhe moerão, sem que restem nervos, com que possa outra vez compagnar-se.

A lerta, Soberanos da *Europa*, contra as revoluções! Em quanto os homens de Letras se occuparão tão sómente d'ellas, ou sómente guerrearão entre si, a Sociedade não estava em perigo! Em quanto elles sómente inventarão systemas meramente theoreticos, ou se dedicarão a abstracções, ou forjarão hypotheses, a bulha não passava para fóra da Republica Litteraria. Mas logo que, depois de mil controversias sobre todas as cousas, os homens de Letras assentarão em um absoluto *Scepticismo* Religioso, e Politico, e d'ahi passarão sem mascara a um *Assertismo* igualmente absoluto (invento esta palavra para designar um systema de afirmar de positivo todas as cousas) vendendo por certo tudo o que contraria os antigos, e venerandos principios Religiosos, e Politicos; d'ahi em diante sentio-se um rebolico geral em toda a Sociedade. De tantas, e tão interminaveis controversias litterarias, nasceu o *Scepticismo Filosofico*: de outras tantas controversias Religiosas veio o *Scepticismo Religioso*: passou-se logo ao *Assertismo* em sentido diametralmente opposto ás doutrinas, e ás praticas Religiosas, e Politicas: os homens de Letras, que assim pensavão, querendo estabelecer este systema, e temendo a perseguição, associarão-se para se protegerem, e coadjuvarem mutuamente, e pouco a pouco propagarão-se, e tomárão, e fizerão corpo, e corpo tal que já se atrevem com os *Thronos*, e com os *Imperios*.



Ora eis ahí está, sem eu querer de proposito, a origem, e o principio da *Maconaria*: em que tempo, em que lugar, e quaes forão os primeiros associados não é facil averiguar-se. Sei sómente, que a *Maconaria* teve seu comeco nos Paiszes Protestantés. Sei tambem, que *Cartesio*, esse Filosofo das duvidas, conheceo, e tractou um *Rosa-Cruz*, e que no seu tempo havia muito pouco d'essa gente. Porém não tardou muito em pegar a modinha, pois a *Maconaria* dentro em poucos annos conseguiu expulsar os *Jesuítas*, os educadores da Mocidade, que erão seus mais temiveis adversarios, e os que mais lhes embaraçãõ seus progressos, por maneira tal que Principe, ou Governo, que abertamente protege a *Maconaria*, esse mesmo traz guerra declarada com os *Jesuítas*. Trazendo estas cousas geraes para *Portugal*, estamos vendo nos acontecimentos notaveis dos nossos dias, que onde *D. Pedro* põe os pés, ahí é perseguida, e proscripta, e até com barbaridade, a *Companhia de Jesus*.

Em quanto o *Duque de Braganca* proscreeve os *Jesuítas* com tal desenhado, como se este acto fosse o mais glorioso do seu Throno, e a base do seu Governo, os *Duques de Cadaval*, e de *Lafões* promovem com todo affinco a conservação dos *Jesuítas*, prestão-lhes asilo, e toda a qualidade de soccorros no modo possível, e dão mais este exemplo do seu Catholicismo, e da sua adhesão ao Throno do Senhor *D. MIGUEL*, pois querem vel-o firmado sobre a educação Christã da Mocidade. A Grandeza do Reino em geral tem seguido esta mesma inclinação dispendendo generosas esmolos para a sustentação destes interessantissimos, e indispensaveis Religiosos. Os *Portuguezes* geralmente entrarão nestes mesmos sentimentos, e onde a voz dos *Jesuítas* é ouvida, dentro em pouco tempo apparecem menos escandalos, a devassidão é muito menos, os costumes são mais serios, ha mais gravidade nos Templos, frequentão-se mais os Sanctos Sacramentos, e geralmente sente-se mais gosto, e tendencia pelas cousas da Religião; por não fallar agora na maior instrucção na Doutrina Christã, e na recitação publica do Sanctissimo Rosario, omittindo tambem por ora o adiantamento da Mocidade, que frequenta as suas Aulas, a qual no espaço de tres annos sabe mais de *Grammatica Portugueza*, e *Latina*, de *Rhetorica*, e de *Poesia*, que muitos depois de concluida a sua formatura na Universidade; diga-se isto sem injuria, porém não se falte á verdade: o methodo dos *Jesuítas* tem mais de practico, que de theorico, é analytico, e synthetico á sua vez; em uma palavra os *Jesuítas* tomão uma assiduidade, um desvelo, e um interesse pelos seus

alumnos, qual os Pais não costumão tomar por seus filhos. Que differença de Filho a Filho do Senhor *D. João VI!* *D. Pedro* declara uma aversão estudada aos *Jesuitas*, e em geral a todas as Corporações, e Instituições Regulares, e Ecclesiasticas! O Senhor *D. MIGUEL* toma a peito conservar, e restaurar tudo que havia de Religioso, e de interessante no Reinado do Senhor *D. João IV!* Mas forte mangação! *D. Pedro* para ostentar de Catholico faz publicar pela Folha do seu Governo, que envia 200 Religiosos para as missões! Barbaro Governo! São 200 Regulares, que faz degradar por não serem afeiçoados ás innovações Religiosas, que se tem feito em *Lisboa!!!*

E ainda depois de tudo isto, e de outros mil procedimentos contrarios totalmente á Disciplina Ecclesiastica, practicados de mão absoluta, e prepotente pelo Governo de *D. Pedro*, e em nome d'este, profanados os Templos, os Vasos Sagrados, os Paramentos, os Conventos, e as Pessoas, tocando já visivelmente no mesmo *Sancta Sanctorum*, no mesmo Dogma, publicando-se Livros os mais impios, blasfemos, e obscenos, que descaradamente mostram o mais refinado Materialismo, e Atheismo; depois de tudo isto, tendo já levantado a sua voz em desapprovação, e anathema de taes attentados, e dos Seus Auctores, o Summo Pontifice Vigario de JESU CHRISTO, Pai Mestre, Juiz, e Pastor de toda a Igreja, que olhou compassivo, e cuidadoso pelos Catholicos *Portuguezes*: depois de tudo isto haverá algum Bispo, ou algum Prelado na Igreja de *Portugal*, que não segunde a voz Suprema do Summo Pontifice em desapprovação, e anathema de taes horrorosos attentados, e de seus sacrilegos Auctores, e em confirmação da sã Doutrina, e da Disciplina Ecclesiastica?!!! Haverá Parochos, haverá Sacerdotes, haverá Prelados de Communidades, e Communidades, que se fação complices em crimes tão criminosos, ou não levantando a sua voz, ou communicando voluntariamente com seus malvados Auctores, ou ficando livremente no terreno, que elles occupão, ou invadem, ou seguindo as suas pégadas, ou imitando os seus escandalos, ou louvando taes procedimentos, ou inculcando taes Doutrinas da impiedade?!!! E taes Ecclesiasticos, que assim fizessem, darião provas da sua adhesão, e união á Sancta Igreja Romana, do seu Catholicismo, e da sua instrucção nas Leis da Igreja, nas Censuras, e até no Evangelho, e na Doutrina Christã?!!! Não mostrariam antes, que ou são fracos, e pusillanimes, ou duvidosos na Fé, ou torpes ignorantes, ou só cuidadosos do seu ventre, e das suas paixões, ou indifferentes em assumpto de Religião, ou desprezadores da eternidade pelas commodidades

d'esta vida breve, ou acaso directamente impios, Apostatas da Igreja, Materialistas, e Atheos!!!! E que se não dirá dos Ecclesiasticos, felizmente poucos, que pegarão, e estão em armas em defesa d'esse Governo de *D. Pedro*!!!! Soldados de Satanaz! Guerrilheiros do Antichristo! Camaradas de Baccho, e de Venus! Infames satellites do Inferno!!!

Como estou no assumpto de acontecimentos notaveis, vou de corrida sobre alguns de outra natureza, para successivamente entrar em materias de maior peso.

Tendo algumas gentes feito reparo, em que eu dissesse que *Telles Jordão*, se não foi perito, foi honrado, foi bravo, como se eu o julgasse de imperito; devo dizer, que uma proposição condicional não annuncia um juizo absoluto: eu fingi-me ir com algumas gentes para desaffrontar por outra parte a memoria de uma victima da Patria. Eis o estado de *Almada*, quando lá chegou *Telles Jordão* pelas nove horas da manhã de terça feira 23 de Julho de 1833.

Estavão ahí fugidos de *Setubal* pouco mais de cem homens, restos dos Corpos de Milicias de *Setubal*, de *Alcacer de Sal*, de *Porto-Alegre*, de *Granadeiros de Milicias*, de *Voluntarios de Setubal*, etc.; em tal destroço estavão, como se fossem os vencidos na batalha de *Marengo*. As forças, que estavão de refresco, erão dous Esquadrões de Cavallaria, 300 Soldados de Infanteria de *Lagos*, 200 Caçadores recrutas do Batalhão do *Alemtéjo* os que receberão armas na vespera, e 150 Voluntarios d'*Evôra*. *Telles Jordão* não tinha dados alguns do inimigo, nem da sua força, nem das suas posições; apenas o Commandante, que alli se achava d'antes, lhe disse que elles não tinham avançado de *Azeitão*, quando poucas horas tinham passado depois do meio dia, o fogo se ouve, e erão os inimigos, que já ganharão as alturas da *Piedade*. Já havião fraqueado os Voluntarios de *Bragança*, que por aquelles sitios se achavão antes. Onde está aqui a impericia de *Telles Jordão*? Que podia elle já fazer com Tropas desalentadas contra as forças inimigas triumfantes, e mais poderosas em numero, e em disciplina? De que lhe servirão os reforços, que ao depois se lhe enviarão, se elles pela maior parte nem ganharão terra? *Telles Jordão* não foi victima da sua impericia, nem da sua fraqueza; foi victima da premeditada traição: elle mesmo o predisse indo no *Tejo* — *Querem sacrificar-me, porém eu no meio d'isto talvez faça serviços ao meu Rei; paciencia: acabemos com honra.* — Com effeito acabou com honra, como quem vivia com honra! Seja seu nome lembrado sempre com gloria por todos os bons *Portuguezes*. E destroçada aquella for-

ca, que restava ao Excellentissimo *Duque de Cadaval* para a defesa de *Lisboa*? Ah! Que o Directorio Militar conseguira já seus planos!!!

Não pôde dizer-se, que eu fallo assim depois dos successos: as minhas Publicações anteriores disserão tudo quanto então podia dizer-se. Não se via a Capital defecada de Tropas da primeira Linha, e essas poucas organizadas assim como Deus sabe? Não se via o Exercito sem reserva? Não se conhecião as Tropas sobre o *Porto* desmoralizadas, e indisciplinadas? Não se percebia, que quando alguma Divisão, ou forea era atacada, as outras ordinariamente não fazião um movimento de diversão sobre o inimigo a chamar-lhe a attenção? Não se observava, que quando tinhão chegado os Artilheiros, faltava a Artilharia; quando chegava esta, esperavão-se os projectis convenientes; quando havia estes, não havia Cavallaria; quando esta chegava, restavão os Caçadores; quando estes estavão, havia pouca Infantaria; quando havia tudo isto, ainda não estavão construidos todos os Fortes, e Baterias, e no fim de tudo ainda faltavão os aproches necessarios para dar o assalto? Não gastou o Exercito longos quatro mezes para se collocar sobre o *Porto*, sufficiente tempo para poder estar sobre *Paris*? Alguns Militares peritos não chegarão a duvidar, se as Tropas Realistas erão as bloqueadas, e sitiadas? Não se percebia maior demora em dar ao Exercito o fardamento, calçado, e roupas necessarias, que em apromptar-se? Não se suspeitava, que havia plano estudado em saquear a Nação, roubar os Póvos, e inanir o Exercito? Não falla ainda hoje a voz Popular contra os Exactores de donativos, e de generos, marcando alguns d'elles com um titulo, e labeo, de que não poderão lavar-os todas as agoas do *Douro*, do *Têjo*, e do *Mondego*? Sem duvida tem ElRei alguns Vassallos, que sómente servem para si mesmos! ElRei saindo de *Lisboa* ficou muito longe para ouvir verdades do maior interesse para o Seu Real Serviço, que muitas vezes não se percebem, quanto convem, entre o estrondo das Armas, e entre o buliço das multidões! Quantas vezes se desejou que os *Tribunaes*, o *Senado*, a *Grandeza da Corte* expozesse submissamente certas verdades do maior peso á cerca d'alguns Empregados! Que importava comprometter-se com elles, ou com os parentes, com tanto que o Throno, e a Patria fossem salvos? Uma supplica, ou representação respeitosa nunca foi considerada revolução em Paiz algum do Mundo, e muito menos em *Portugal*, onde os Senhores Reis se facilitão ás petições dos seus Póvos!!!

Voltando á impericia, e incapacidade de alguns Empregados, de que muitas vezes são arguidos pelos successos desgraçados, sendo que estes muitas vezes provêm de outras causas, que elles não podem evitar, não pôde deixar de conhecer-se impericia, e incapacidade no desastroso acontecimento, que acaba de passar em *Leiria*. Flanqueada, surpreendida uma força assaz consideravel, e que teve dous mezes de tempo para conhecer as avenidas, as travessias, e as ciladas!!! Debandar vergonhosamente sem desfechar uma espingarda só por vêr sobre si uma força de Cavallaria, e alguns Lanceiros!!! Que é das descargas á queima roupa? Que é da bayoneta calada? Que é dos Quadrados? Não pôde dizer-se hem do que é mal: ha alguns Officiaes, e Soldados, que em lugar da espada, e da espingarda, devião armar-se da Roca, e vestir uma saia!!! Possão merecer elles por mais relevantes provas de valor, e de pericia os louvores de um Escriptor, que votado á Defesa de *Portugal* se vê na dura, e vergonhosa precisão de reprehender faltas publicas, e perigosas! E que em *Leiria* estivessem Dinheiros Publicos, objectos da Fazenda, Bagagens peçadas, e riquezas dos particulares! A frente de inimigos piratas, e esfomeados é ignorancia de mais, ou confiança de mais!! Já na Villa do *Redondo* acaba de acontecer um grande roubo de Dinheiro Publico feito por guerrilhas inimigas, ás quaes o actual Governo *Hespanhol* faz a mercê de consentir armadas no seu Territorio, e de as deixar sair, e voltar a seu bel prazer!!! Essas Povoações á frente do inimigo, além dos revezes da guerra, não devem temer uma entrega, como acaba de soffrer a Praça de *Marvão*, e como com sobeja razão receia a Praça d'*Elvas*!!!! Porque os Dinheiros Publicos não darão immediatamente entrada no Erario, onde tão preciso é para os misteres do Estado, do Exercito, e dos Hospitaes!!!! Os inimigos não são ladrões por officio? Mas apprenda-se d'elles uma lição de cautela, pois estando no *Cartaxo* tem em caixotados todos os seus roubos, e presas de dinheiro, e de pratas nas Embarcações! Se os mesmos particulares cá usassem de semelhante prevenção, nem perderião seus cabedaes, nem perderião as suas vidas por acudir tarde a salval-os das mãos dos inimigos, como acaba de acontecer desgraçadamente ao Corregedor de *Leiria*, *Jose Guilherme Pereira Coutinho de Vilhena*, meu amigo, e Realista em todas as crises!!!

Mas por este desastre de *Leiria*, porque alguns Lanceiros estivessem uma hora em *Pombal*, era esse motivo para que alguns cobardes julgassem, que devia ser abandonada *Coimbra*? Tambem teremos de passar por esta desgraça, e

vergonha? Ainda bem, que o Commandante da Força aqui estacionada, e o Governador da Cidade tem outros espiritos em favor da Causa d'ElRei, e de *Portugal!* Em persuadindo-se os Officiaes de Voluntarios Realistas, e os Soldados, que não ha outra alternativa com o inimigo, que matar, ou morrer; em persuadindo-se os Officiaes de Milicias, e os Milicianos, que sendo apanhados pelo inimigo, todos elles passam para a primeira Linha, ou para os Battalhões Moveis; em persuadindo-se os Póvos, que ou hão de defender-se do inimigo, ou hão de ser roubados por elle; em persuadindo-se *Portugal*, que, se fosse vencido pelo inimigo, as Armas não hão de ter descanço por muitos annos, e que só gozará de paz triumphando o Senhor D. MIGUEL: então não haverá fracos, nem desertores, então todos cumprirão seu dever, as Povoações serão defendidas, o inimigo não será tão orgulhoso, e temerario, e por fim a Victoria coroará tantas fadigas dos Realistas *Portuguezes*. Seguem ainda outros acontecimentos notaveis.

Coimbra 20 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 10.

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang précieux du carnage.*

RAGIN.

*Ainda mais acontecimentos notavei-*

Quando eu tentei no anno de 1828, escrever o *Clarim dos Realistas Emigrados na Hespanha*, depois de publicado o primeiro Numero, disse-me o Chefe de Esquadra *José Joaquim da Rosa Coelho*. = *Afina muito, e se assim continúa, ou é assassinado em qualquer esquina, ou lhe tirão das mãos o Clarim*. Respondi-lhe = *Estou temperando: se escrever dez numeros, então a afinação será estrondosa: quanto a morrer, não sou rato, que tenha só um buraco, e por isso não temo; quanto a tirarem-me das mãos o Clarim, a Patria o sentirá. Citei bem de proposito, e ao caso presente o nome de Rosa Coelho, este bom Portuguez supplantado tambem pela intriga, e pela ignorancia, que, separado do seu cargo de Inspector da Ribeira, e desattendidas as suas instrucções, e advertencias, deixou um grande vacuo na *Marinha*, a ponto de se haver perdido a *Esquadra d'ElRei*, que tal vez se salvasse, ou ao menos não percesse á mingoa de honra, e de pericia, se *Rosa Coelho*, estivesse no seu lugar, *Rosa Coelho*, que no anno de 1823, e na Emigração na *Hespanha*, tantas, e tão evidentes provas dera da sua adhesão á causa da Legitimidade do Governo, e que jaz agora em duros ferros*

em Lisboa pelos inimigos, se é que já não morreo á força de tantos desgostos, como os Partidos lhe causarão. Vil intriga, grosseira ignorancia! E que não acabe a mania de procurar sómente na *Desembargatoria* os homens para todos os Empregos, quando muito poucos são capazes de alguns! Mas fique em paz o nome de *Rosa Coutinho*! O *Clarim* foi-me tirado das mãos: a Patria o sentio, e ainda sente: os gritos em favor da organização do Estado callarão-se; apenas o Padre *José Agostinho de Macedo* pôde d'ahi a pouco tempo esfolar a *besta*, mas logo a *besta* foi peiada por alguns *Desembargadores* do Paço travados com a Maçonaria: esta começou a fazer das suas, e são estas as que acabo de descobrir nestes dez numeros do *Verdadeiro Ecco de Portugal*, se chegão a imprimir-se, e correr. Seja ao menos desaffrontada a Patria, *Portugal*, a melhor Nação da *Europa*, o Povo mais heroico do Mundo; porém o mais traído, o mais enxovalhado, o mais roubado, o mais illudido por hypocritas, por Commissarios, por Commissões, e por Militares. Se a minha penna vinga *Portugal*, já que a Justiça não castiga a canalha, que o tem atraicoado, perecendo acabarei contente. Dez numeros livrarão aos *Portuguezes* dos affrontamentos que lhes tem causado a traição mais descarada: permitta-se-me esta liberdade, já que em 1828 se me tirou a de mostrar a necessidade de organizar o Estado, e de remover da sua organização aquellos homens, que havião servido a todas as revoluções!

Pois quem não vio, que então se commettia o maior despropósito em não aproveitar o enthusiasmo dos Póvos das Provincias, que tanto havião concorrido para bater a revolução de 16 de Maio; em dar de mão aos mais relevantes, e assignalados serviços; em desattender, ou desprezar os maiores feitos do Seculo presente? Quem não extranhava, que o Reinoado do Senhor D. MIGUEL se contasse de Direito do anno de 1828, devendo contar-se de Direito do anno de 1826? Não se conhecia por esse facto uma severa reprehensão á todos os *Portuguezes*, que nos annos de 1826, e 1827, havião levantado o grito, e pelejado pelo Senhor D. MIGUEL? Era mui visivel a generosidade d'ElRei para com os Vassallos, que mais se havião distinguido no seu amor, e serviço: mas quantas vezes não se retardou, e desviou a Sua Real Munificencia?!!! Era tambem mui visivel a generosidade d'ElRei em perdoar aos criminosos, quanto fosse compativel com a dignidade do Seu Augusto Character, e com a segurança do Throno, e da Monarchia: mas quantas vezes com pretextos de Lei não foi retardada e desviada a Sua Real Clemencia?!!! Por que forão esses Fidalgos



Portuguezes a França, e a Inglaterra representar o papel de desgraçados, de pobretões, e de tumultuarios? Por que se pintou a ElRei com um caracter summamente austero, sendo seu coração igualmente justiceiro que piedoso? Por que forão animadas as paixões populares? Torne o Publico a vêr a *Defesa de Portugal*, e o *Procurador dos Povos*, e ali achará as maximas Politicas sobre que estou retalcitrando: veja ali o *Manifesto do Marquez de Chaves* no anno de 1826! Bella lição para o anno de 1828! Se houvesse corrido o N.º 20, que já ficava impresso em Lisboa na Typografia Regia, ali na Carta do *Visconde da Azenha* ao *Marquez de Chaves* no mez de *Fevereiro* do anno de 1827, reconhecer-se-hia um bom commentario ao Estado Maior, e ao estado do Exercito, e da Nação no mez de *Julho* do anno de 1832 sem outra differença do mez de *Fevereiro* do anno de 1827, que existir, e estar presente agora o Senhor D. MIGUEL, amor, delicias, e attracção dos Povos. Mas continue, e acabe neste Numero a desaffronta do melhor Povo do Mundo.

Quem não conheceo o plano Militar dos annos de 1828, e 1829? Incorporar no Exercito Soldados rebeldes, que forão feitos prisioneiros, e que se conhecia haverem servido a rebelião de seu bom grado!!! Qual foi o resultado, senão uma continua agitação, desconfiança, discordia, e por fim a passagem para as fileiras do inimigo em occasião opportuna!!!! Supprimir oito Corpos de Infantaria, oito de Caçadores, e quatro de Cavallaria; diminuir, reduzir, e defecar o Exercito de Soldados, em quanto o inimigo se organizava, e formava seus planos na *Ilha Terceira* de combinação com *D. Pedro*, se isso não era dar as mãos ao inimigo muito de proposito, e caso pensado, fui sem duvida o summo da ignorancia, e da impolitica!!!

Quem não conbrço, que no plano Militar foi altamente espelhada a Provincia de *Tras-os-montes*, supprimindo-lhe dous Corpos de Cavallaria com grave prejuizo do seu Commercio, e dos interesses das Praças de *Chaves*, e de *Bragança*, e até da Fazenda Real, e com imminente perigo da Patria? Não sente agora o Reino todo esta falta? Seguirão outro plano n'esta parte os inimigos do Senhor D. MIGUEL? Quando a Praça, e Cidade de *Bragança* se vio esbulhada do seu Corpo de Cavallaria, fallarão muito aquelles Povos em representarem ao Governo contra essa medida, fundando-se nas razões seguintes: 1.º Porque os generos ficavão muito mais em conta ao Estado: 2.º Pela utilidade dos Lavradores venderem melhor os seus generos: 3.º Pela conveniencia dos habitantes da Cidade tira-

rem mais interesses; pois que o Regimento consumia alli todos os seus vencimentos. Os *Bragancezes*, sem differença de partidos, nem de opiniões, todos se apromptavão então a concorrer com quanto podessem, cada um segundo as suas forças, para forniar alli o Regimento de Cavallaria. Quanto é certo, que o interesse concilia, e liga os differentes partidos, e faz abraçar até os mesmos inimigos! Oh! se esta maxima não esquecesse! Se o Estado se reorganizasse sobre bases solidas! Que bom seria a certas gentes, que tornassem a lêr com reflexão o N.º 11 do *Procurador dos Povos*! Um homem por si só, quero dizer, um Funcionario Publico de qualquer categoria, e capacidade, que elle seja, por si só não pôde vêr tudo, conhecer tudo, acertar em tudo: é preciso que elle ouça muito, consulte muito, e medite muito; que elle não seja teimoso, obstinado, indocil, orgulhoso, e infatuado; que elle faça com que todos tomem interesse no Estado, e com que todos achem gosto em servir ao Estado; porque do contrario, se o Funcionario Publico se diviniza, qualquer que elle seja, o Estado vai perdido, porque ninguem se interessa em que elle seja salvo: a acção do Estado deve ser geral, e não parcial: convém muito dirigir bem o amor proprio de todos para despertar o amor Nacional, esse amor sem o qual a Patria periga sempre, e muito especialmente nas concussões civis. Oh! Se os *Portuguezes* accordassem um dia com juizo! Se elles se unissem, se tomassem, e tivessem uma boa direcção, os inimigos, ou deixarião de o ser pela politica, ou acabarião pela força. É bem certo, que os Partidos podem aproveitar-se: que os mesmos inimigos podem ser uteis, tirando-lhes as occasiões de serem nocivos; em uma palavra é bem certo, que *guerras de opinião melhor acabão convencendo, persuadindo, e interessando, que batalhando no Campo, onde muitas vezes, sendo vencidos os partidarios, a opinião todavia ganha, augmenta, e se reforça*. Sobre esta base forão iniciadas as minhas propostas ao Grande Conde de Bourmont, até lhe indiquei, segundo os meus conhecimentos, as pessoas, que podião dar pelos seus talentos, e pelo seu amor Nacional este impulso, e direcção: como os nomei convenientemente, vou proferir aqui seus nomes sem susto de ser taxado de parcialidade, porque a esse tempo nem solicitava, nem tivera dos propostos favor, ou dependencia: ali vão sem tractamento; não procuro a sua gratidão; veja sim o Publico se a minha lembrança n'aquellas circumstancias era muito desacertada — Senhores *Duques, Arcebispo d'Evora, Antonio José Guião, José Acursio das Neves, Francisco José Vieira, Candido Roiz Alvares de Figueiredo e Lima, José Manoel Ferreira de Castro e Sousa, e Antonio de Azevedo Lopes*

*Serrá*. Entenda-se, que esta indicação era feita convenientemente. Militarmente fiz tambem a minha proposta convenientemente: um só Militar Realista, que podesse dar a sua figura, escapou á minha lembrança; todos estão hoje attendidos, e vejo que acertei, ou que as minhas ideas, e as do Senhor *Galvão*, sem se tocarem, ou saberem umas das outras, seguirão a mesma direcção: em bem fallei de muitos, em mal de alguns, não deixando de metter na conta destes um certo *Emigrado na Hespanha*: pouco mais falta a fazer no Directorio Militar: se os resultados não forem prosperos, será porque a mudança foi tarde, será porque a traição, e a ignorancia esteve montada muito tempo. Tambem fallei da Organização do Commissariado; mas aqui fallaráo os desgraçados Póvos, e serão ouvidos!!!!!!

Outra affronta se fez a *Portugal*, e outro erro se commetteo á cerca dos *Voluntarios Realistas*. Tão mal se aproveitou o entusiasmo dos Póvos, que podendo haver em todo o Reino com muita facilidade, e suavidade o melhor de oitenta mil Voluntarios, pois que todos os *Portuguezes* ardião em amor pelo Senhor D. MIGUEL, veio a haver muito poucos comparativamente, impedindo-se, retardando-se, difficultando-se, e tolhendo-se-lhe ao Senhor *Duque do Cadaval* o fomento, augmento, e acrescmentamento destes corpos sob pretextos frivolos, e estudadas e grosseiras calumnias. Elles além disso forão organizados com muita demora, armados com muita difficultade, e disciplinados mui tarde! Alguns se formárão em 1832, e 1833! Tudo prova o ronceiro andamento do Directorio Militar, e do mesmo passo a inaudita constancia e fidelidade dos Póvos! Erro se commetteo, e não pequeno em não metter nestes Corpos uma ametade de Officiaes da primeira Linha, com o que virião a ser invenciveis; e todavia com todos estes defeitos elles derão uma grande força moral, e numerica ao Exercito, defesa e gloria ao Reino!!!

Não menor falta se commetteo com as Milicias. De proposito, ou por fatalidade se faltou ao necessario recrutamento para estes Corpos em certos Destrictos mui diminutos em forças, e em todos carregados de homens inútis pela sua avançada idade, e pelos seus muitos annos de serviço, havendo muitos Milicianos com 25 annos de praça! Prometterão-se-lhes Baixas aos que segundo a Lei correspondia; até para as obterem se lhes extorquiu dinheiro, e tudo ficou em promessas, e em lograções; e todavia com todos estes defeitos as Milicias fizerão grandes serviços, e derão grande gloria á Nação. Tenho por certo sobre informações havidas de Militares conhecedores da segunda Linha, que as Milicias estão reduzidas á quarta parte, e talvez a menos. Pa-

rece pois, que, se estes Corpos fossem para as suas Praças, dando cada um d'elles uma terça parte da sua força em contingentes rendidos, e revezados cada tres mezes, poderia *Portugal* ter o melhor de vinte mil homens da segunda Linha no Exército, e quarenta mil nas Provincias, para guarnições, para a sua defesa local, e para metter em respeito os inimigos domesticos, e estranhos. Era d'esperar com este andamento, que os Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados por gratidão a este beneficio de os deixar mais de meio anno nas suas Praças perto das suas familias, das suas casas, e dos seus campos, cedessem de todos os seus soldos a beneficio das urgencias do Estado, não accettassem os que vencessem nas reuniões, que não excedessem de tres mezes, se animassem a sopportar o pezo, os trabalhos, e os perigos da guerra, e que não caissem em defeição, deserção, ou *manicão*, como tem caído em certos Districtos, concorrendo também muito para isso a prigação civil, e Militar fundada, e fantasiada em tantos revezes, e fadigas. Se este parecer se adoptasse proporcionalmente aos *Voluntarios Realistas*, outro gallo cantaria a *Portugal*. Haverá Provincia, em que se contem tres mil desertores de Milicias? Fortes Capitaes Mores ha lá para algumas terras de *Tras-os-montes*, e do *Minho*! Fartem-se de dinheiro, de teias de linho, de vitellas, de presuntos, e de lombos de porco, e vão pingando lá para cima; pois se os inimigos dominassem, a chuchadeira acabava-se-lhes, e nem pelos serviços indirectos, que prestão á rebellião, hão de escapar á demissão, á prisão, ao sequestro, e a que finalmente lhes vão ao cachaco! O Senhor D. MIGUEL não mandará enforcar um Capitão Mór por caridade, e exemplo para os outros? Responderão alguns d'esses Mores, que os desertores andão em quadrilhas com armas, e cartuchame, e que até resistem ás Auctoridades nos sequestros, que estas lhes fazem! Seja assim; porém de chuchadeira vai muita cousa! Eu não tomo informações com os superiores; porque estes por não dizerem mal de si, por honra sua, dizem bem dos seus governados, ou inferiores. Assim é que o Governo anda sempre enganado, e os Póvos enganados vão. Diz um Magistrado, que o seu Districto está em grande entusiasmo; porém alguns mentem a este respeito: talvez esses Póvos vivão em muito desgosto, e descontentamento, acaso estejam inãtidos pelos roubos, pelas privações, pelas injustiças que se lhes fazem, e pelos sermões civis que ouvem! Se o Governo marchasse inquisitorialmente nas suas indagações; elle não seria enganado; elle acertaria melhor a sua marcha! Em *Espanha*, e em *Portugal* tenho vivido quasi igual espaço de tempo; averiguó a verdade por mim mesmo, ou por outros *aus*;

ouço os que padecem, e os que soffrom, e vejo que as cousas não são como se dizem, nem como se escrevem por ali n'essas Folhas Periodicas! Repetirei ainda, que se o que accuson, ou fez accusar ao Governô de Lisboa o N. 11 do *Procurador dos Povos*, soubesse ler, e entender, *Portugal* não estaria reduzido á tristissima situação em que se vê, posição de que ha de sair-se bem, ou por um prodigio, ou por mudança de direcção. Todavia em bem se diga: os desertores de *Milicias*, e de *Voluntarios Realistas* não vão, nem hão de hir nunca para o Partido de *D. Pedro*, nem da Carta Constitucional!!!!!!

Pensão tambem alguns Militares conhecedores da segunda Linha, que o recrutamento para *Milicias* não devia admittir privilegio algum em nenhuma classe, nem mesmo n'esse paralizado *Contracto do Tabaco*, onde em tempo algum forão precisos tantos administrantes, fiscalizantes, vigilantes, e executantes com prejuizo do mesmo *Contracto*, da *Fazenda Real*, e dos *Póvos*, com o que as *Milicias* virião a ter muito maior força, e sem que as classes pouco abastadas soffressem tanto. Até consentindo-se aos homens ricos, e poderosos o darem um homem, que servisse por elles, com obrigação de o fardarem, e de lhe darem 160 reis por dia, poderião formar-se mais Batalhões da primeira Linha. Cartas vi de Militar intelligente estacionado em *Chaves*, que adoptado este plano, se offrece a recrutar em aquelle *Districto*, fardar, e pagar sem violencia um Batalhão de 600 praças, e ficando a mesma força nas *Milicias*: outro Batalhão da mesma força poderia formar-se em *Villa-Real de Trás-os-montes*, e pouco mais, ou menos em outros *Districtos* populosos, e ricos. O certo é que urge muito, que *Portugal* todo se arme, não só em defesa da sua *Religião*, e do seu *Rei*, como das suas fortunas, tudo invadido por uma *Facção Estrangeira*, e tudo ameaçado de novas invasões! Não, não esmoreçam os *Portuguezes*, que isso seria muito em mingoa sua, e muito em sua perda, e ruina! Defendão-se os *Póvos*, se querem ser salvos! Não consiga a traição passada inutilizar tantos sacrificios, e tantos esforços, de que o *Mundo* não tem exemplo! Outro exemplo mais dem os *Póvos de Portugal* ao *Mundo* inteiro, de que sabem sair-se triunfantes, e gloriosos de extremos, em que ainda nenhum *Povo* tem estado! Armas não faltão, porque além das que devem ter, e pelas que devem responder os desertores, são mui poucos os *Portuguezes*, que não tenham uma espingarda ao menos! Até a *Artilharia* não escasseia! *Portugal* todo é um *Arsenal*! No *Districto de Figueiró dos Vinhos* acabão de descobrir-se e desenterrar-se tres bôccas de fogo de *Artilharia* de posição, que alli ficãrão do tempo dos *Francezes*! Siga o *Reino* todo o exemplo dos

Veteranos, dos Magistrados, e dos Paizanos do *Alentejo*, e do *Algarvê*! Feitos heroicos dignos de versos ainda mais sublimes, que os de *Camões*! Lá é desaffrontada a Patria, lá é vingada, lá os inimigos são batidos, e destroçados! Não se occulte o louvor, não se diminua a gloria da terceira Linha, dessa Ordenança, de que dizem alguns *Portuguezes* — *Bicha brava, indomita; morrer sim, domar-se não: não se compra, nem se vende.* — Esse é um Exercito invencivel; com elle não pôde a Maçonaria, nem a traição. Um Magistrado valoroso dirigindo, e commandando os Povos obra prodigios, que espantão: as duas Provincias meridionaes de *Portugal* assas o tem mostrado, e mostrão: para quem do *Têjo* o Corregedor de *Thomar*, e os Juizes de Fôra de *Torres-Novas*, e de *Pombal* tambem tem obrado prodigios á sua vez. Que as participações Militares não occultem os nomes dos Valerosos, a quem *Marte* igualmente, que *Minerva*, dá genio, dá gloria!

Defendão-se pois os *Portuguezes* de todas as classes, tornem estereis os fructos da traição; os mesmos Sacerdotes conduzão os Póvos, do que já tem dado optimo exemplo o Padre Cura de *Condeixa*, e fação mais um esforço á espera de que a estação da Primavera possa conceder livre movimento á nova *Esquadra d'ElRei*, já preparada, uma vez que a *Esquadra antiga* foi impedida de bater a *Esquadra do inimigo*, antes que pudesse desembarcar as Tropas da sua expedição! Brilhem os *Portuguezes*, como os seus Progenitores, e fação esquecer pelo seu soffrimento, pela sua constancia, e pelo seu heroismo tanto erro, tanta ignorancia, tanta imprevidencia, tanta impolitica, tanta incuria, e tanta traição! Dez Numeros do *Eccô* desaffrontarão a causa dos *Realistas Portuguezes* dignos da admiração, e da estima de todos os *Realistas da Europa*! Basta; vou entrar em materia mais aprazivel; porém ha de ter seu sal, e pimenta em retoques accidentaes. *Vivão os Portuguezes, que não esmorecem! Viva ElRei, que a todos alenta!*

Coimbra 22 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º II.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit aperitis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang précimes du carnage.*

RACIN.

---

*Portugal pôde vencer.*

**P**ersuadindo-se os Realistas *Portuguezes*, que podem triunfar, e obrando unidos, e bem dirigidos segundo os seus desejos, é impossivel que seus inimigos triunfem, porque tem os Realistas muitos meios para conseguirem a Victoria. A causa é a mais justa, a mais necessaria, e a mais bella; a mais justa, porque os inimigos ferem o essencial da Religião, e das Leis Fundamentaes da Monarchia, ainda que alguns Militares, d'esses contra quem tenho esgrimido a penna, e que abandonarão a causa, ou a trairão, ou já estão retirados d'ella, dizião, que *não era bem lido a quem pertencia o Throno*; (Pedreiros com capa de Realistas!); a mais necessaria, porque os inimigos perseguem as fortunas da maioria dos *Portuguezes*, e as vidas de muitos; a mais bella, porque é de honra, e de brio, e seria muito feio o perder-se.

Essa mesma mediação, que os Gabinetes de *Inglaterra*, e *Hespanha*, offerecerão, ainda que descripta calumniosamente segundo o costume pelas Folhas Constitucionaes, para terminar quanto antes a contenda *Portugueza*, afiança a justiça da Causa do Senhor D. MIGUEL: não que essa mediação queira protege-la de boa fé, ou sómente por ser de Direito, mas porque é de conveniencia para *Inglaterra*, e *Hespanha*, que *D. Pedro*

deixe a Peninsula para mais não voltar a ella; convem á *Hespanha*, porque o Governo estabelecido não pôde avançar bem ao seu fim, nem consolidar-se, em quanto houver contenda em *Portugal*; convem á *Inglaterra*, porque a continuação da contenda *Portugueza* lhe multiplica as suas successivas quebrás no Commercio: outras muitas razões ha de conveniencia para os dous Paizes, das quaes estão bem convencidos os *Christinos* de uma parte, e os *Radicaes* de outra, e essas suas razões são outras tantas condições injustas, indecentes, e injuriosas para *Portugal*, e até repugnantes para *D. Pedro*, que nada quer menos, que sair da Peninsula, e por isso elle á sua vez exige condições injustissimas, e inexequiveis, quaes a de manter os Direitos de Sua Augusta Filha, sendo que os Gabinetes não reconhecem Direitos alguns no Pai; e a Carta Constitucional, sendo que esta prostra todos os interesses Religiosos, moraes, Politicos, e individuaes da maioria da Nação *Portugueza*! Longe pôis de *D. Pedro* desejar a paz dos *Portuguezes*, como dizem as Folhas de *Lisboa*, e do *Porto*: elle quer vivamente a continuação da guerra, não porque elle se importe muito com a Carta Constitucional, pois é mais que Despota, e muito menos se importe com sua Augusta Filha, á qual deseja declarar inhabil, incapaz, e inepta para o Governo; só porque elle cheio de uma ambição desmarcada, e capacitado pelas Facções, quer adquirir um grande nome no Mundo, ainda que para isso faça perecer a Patria, em que nasceu, como *Nero* se fez celebre pelo incendio de *Roma*, pelo parricidio de sua Mãe, e pelo assassinato de seu Mestre, o Grande *Seneca*! *D. Pedro* peior que tudo isto faz, e tem feito, só por se adquirir um nome, que as idades futuras terãõ por mais odioso que o dos *Neros*, dos *Dionysios*, e de quantos monstros coroados contão as Historias de todos os Imperios! É pois *D. Pedro* o unico responsavel pelo sangue, que se tem derramado, e que vai derramar-se, em quanto este conflicto não tiver o seu termo, ou pela reorganização do Estado, e reunião de todos os *Portuguezes* debaixo da Governança do Senhor D. MIGUEL, ou pelo total terminio de uma Facção, que só tem sido poderosa pelos auxilios estrangeiros! É *D. Pedro* o que tem endurecido seu coração a todos os sentimentos de humanidade, e de justiça, pois quer comprimir a vontade Nacional opposta em massa ás suas pertencções, e que desde o anno de 1826 tem feito frente aos enredos da Diplomacia, e á cabala dos revolucionarios! É *D. Pedro* o que não quer a paz, a união, e a fortuna de toda a Familia *Portugueza*, como que veio invadil-a, estando unida, pacifica, tranquilla, e em geral contente da sua situação! Os procedimentos pois de *D. Pedro* merecerãõ sempre a censura, e reprovação de todos os



Governos illustrados, e que sigão de boa fé os Principios Monarchicos, e nunca terá em seu favor a cooperação effectiva, e directa de nenhuma Potencia, sem que se transtorne a paz da *Europa*, que em tal cooperação directa, e effectiva veria minados todos os Thronos, e todos os Direitos!

Reconhecida pois, mais, ou menos claramente, a justiça, a necessidade, e a belleza da Causa, que os Realistas de *Portugal* defendem, elles podem vencer, ou não podem perecer, se unidos, e bem estreitados os Tres Braços aproveitarem todos os meios, que tem ao seu dispor. Fallo da união mais estreita dos Tres Braços do Reino; porque a ignorancia, a intriga, e a *Maconaria* quiz fazer uma separação da Nobreza, com o que, se o conseguisse, os Realistas, e os Revolucionarios terião já concordado no que é um dos primeiros principios da questão — *Nada de Aristocracia* — o que viria a ser o grão immediato para concordar no outro final — *Nada de Soberania* — passando logo para o — *Viva a Republica*. A Fidalguia, ou Nobreza de *Portugal*, a Grandeza do Reino, sem ter pezar do que tenho dito da pequena fracção, que por fatalidade foi arrastada, e induzida a encostar-se ao nome de *D. Pedro* para apoiar a Demagogia, que já lhe deu o pago do costume, a Grandeza do Reino, ainda que tem tido seu dedo mão, em geral tem-se sacrificado, e posto em campo em defesa do Senhor D. MIGUL; tem-se arriscado a todos os trabalhos da Campanha, tem soffrido privações, passado por incommodos, e luctado com todas as difficuldades proporcionalmente como os outros dous Braços do Reino: a Grandeza em geral, quanto o Seculo o permite, tem correspondido á sua Jerarchia não menos, que os seus ascendentes, e os tem excedido em soffrimento: no conflicto, distinguio-se, quando teve occasião, poz o peito ás balas, e não furtou o corpo aos perigos da vida: seu nome appareceu nas relações dos feridos, dos contusos, dos intrepidos, e dos valerosos: na epidemia não arredou pé donde grassava com maior força; na penuria, na pobreza, na fome, na sede, na cama dura, no calor, no frio, na chuva accompanhou, e fez companhia ao Soldado, e ao Povo: seão lembrados com bom nome os Condes de *Castro Marim*, e da *Bahia*, arrebatados em *Santarém* para a eternidade por força da molestia, ou antes d'esta attenuação, que sempre resulta dos trabalhos, e incommodos de uma guerra prolongada, e desastrosa: mais victimas ainda causarão á Grandeza os successos presentes; até o Sexo Feminino bebeo tambem as amarguras d'esta contenda. Este sequito da Grandeza pelo Senhor D. MIGUEL tem desahonado muito a causa de *D. Pedro* nos Gabinetes da *Europa*, e tem honrado, e ennobrecido a grande empresa do Reino. Permaneca pois, cou-

solide-se, estreite-se mais, e mais a união dos Tres Bracos do Estado, e *Portugal* não será vencido — *Funiculus triplex difficile rumpitur*. Não é preciso repetir, para acabar de uma vez com a ignorancia, e com a intriga, armas de que muito se serve a *Maconaria*, que os Palacios, propriedades, e fazendas dos Grandes, que seguem a Causa do Senhor D. MIGUEL, soffrêrão, e soffrem a invasão, o roubo, o esbulho, e o sequestro, e por fim arremação-se, e vendem-se por ordem do Governo de *D. Pedro* para pagamento da divida, que elle contrahio para poder effeituvar, e continuar a invasão de *Portugal*: algumas Casas dos Fidalgos da Côrte, servem de Quarteis para os Soldados de *D. Pedro*: a do *Marquez de Soudos* serve de Hospital de Sangue: este Portuguez veio a pé desde *Lisboa* até *Coimbra*, voltou a pé até o *Lumiar*, e a pé veio a *Santarém*, e corre para o fogo com a sua espingarda como um simples Soldado, collocando-se sempre nos postos avançados; tem dado um filho, e um sobrinho para as Fileiras, e anima a muitos, que sigão o mesmo exemplo. Por tanto a Grandeza do Reino, que segue a Causa do Senhor D. MIGUEL tem caído em todo o odio do Governo de *D. Pedro*, e soffre toda a desapiedada vingança, que elle pôde commetter sem cumprimento, nem cerimonia. Nem outro valor tem todas as amnistias, promessas, e invitacões de *D. Pedro* inimigo velho, e irreconciliavel da Fidalguia *Portuguesa*, se bem elle é capcioso, astuto, e sagaz, como que outra arte não conhece, que a de enganar, prometter, e faltar, cumprir em quanto precisa e depende, despedir e tractar mal depois que se acha servido.

Dada pois esta união estreita, e reciproca de todos os Realistas *Portuguezes*, a victoria é assequivel, se acabar a irrosolução, a indecisão, e a demencia de algumas gentes, que sem embargo de estarem bem convencidas da justiça da Causa do Senhor D. MIGUEL, como não sabem para que lado se inclinará a victoria, torcem-se, e destorcem-se, e dão mil voltas de sarilho, para ficarem bem com o vencedor. Miseraveis! Fracos! A victoria pende sempre para o lado dos muitos, sendo bem dirigidos, estando unidos, e obrando valorosos; e nós somos muitos se formos todos, e todos decididos, e resolutos. Os inimigos occupão *Lisboa*, e uma parte da *Extremadura*, o *Porto*, e os seus suburbios, e tres Povoacões no Reino do *Algarve*: o Senhor D. MIGUEL, tem ás suas ordens uma boa parte da *Extremadura*, quasi todo o Partido do *Porto*, quasi todo o Reino do *Algarve*, e por inteiro o *Alem-tejo*, a *Beira-Baixa*, e a *Beira-Alta*, *Tras-os-Montes*, e o *Minho*. E não somos nós infinitamente os muitos, se formos todos os que podermos e devermos hir? E não somos nós os valorosos, os invenciveis, o espanto dos inimigos? Embora (ou

antes em má hora) occupem elles toda a região litoral, ainda que, se isto foi previsto a tempo, todos os que na região litoral, erão capazes de pegar em armas, deverão ser mettidos nas fileiras do Exército do Senhor D. MIGUEL, para não deixar a *D. Pedro* tanta gente, com que sempre tem em força, e engrossa as suas fileiras, se é que tambem n'esta parte não houve traição, como eu suspeitei nos annos de 1831, e 1832, alliviando do recrutamento a Cidade do *Porto*; e tive esta suspeita com o mesmo fundamento, com que em *Ponnafiel*, e no *Porto*, disse nesses annos — *Em quanto Fuão, Fuão, e Fuão estiverem á testa, o Throno do Senhor D. MIGUEL estará em muito perigo* — com o mesmo fundamento, com que no mez de Maio do anno de 1830 ao Senhor *Arcebispo de Lacedemonia*, mostrando a sua satisfação pela minha saída de Encomendado da Igreja de Sancta *Marinha de Lisboa* para Abbade Collado da Igreja de *S. Miguel de Rebordosa*, respondi com todo o despejo — *Tambem vou para encomendado da Rebordosa, porque o Senhor D. MIGUEL, que me fez a Mercê, não é Rei de propriedade, em quanto conservar ao seu lado, e em seu serviço umas tantas figuras, que pertencem á Carta, e a D. Pedro originariamente. A mesma cousa repetia eu a certos Parochos da minha amizade, dizendo-lhes. — Não se chamem Parochos, chamem-se Encomendados. O certo é que D. Pedro disse muito tempo, e muitas vezes. — Tenho espadas, que pago, no Exército de meu Irmão!!!!*

Como a traição militarmente acabou, e civilmente parece que sim (e *Deos sobre tudo*, que é o melhor Juiz que vem nos Reportorios, mas nós ve-lo-hemos, senão morreremos); os inimigos ainda que occupão maior extensão de terreno, e tem onde conservem, augmentem, e engrossem as suas fileiras, por meio de um violentissimo recrutamento de 15 até 50 annos sem excepções, sem privilegios de Casados, Viuvos, Empregados, e Nobres, todavia longe de augmentarem em força moral, diminuirão muito consideravelmente, carregarão as suas finanças de um peso insupportavel, com que já não podem, apesar de todos os seus roubos, e depredações assim ao Clero Secular e Regular, como á Nobreza, ao Commercio, e ao Povo, paralizado e amortecido o Commercio, e tornada em nullidade a Alfandega, sem receber Direitos de entrada, e saída por não haver importação, e exportação em razão da falta de confiança, e segurança publica, e de credito Nacional; e não escaparão ás difficuldades da sua empresa, antes cairão em muito maiores; e muito maiores experementarião, se chegassem a occupar todo o litoral do Reino, porque então as Montanhas cairião em peso sobre elles, e serião abysmados, conhecendo bem os inimigos, que é muito

mais facil, segundo a Arte da Guerra, defender uma Cidade maritima fortificada no seu interior, e defendida exteriormente por uma força Naval, que defender uma extensão aberta de muitas legoas, contra a maioria de um Reino, que não quer ser conquistado, e que pejeja pela sua Religião, pelo seu Rei, pelas suas Leis, e praticas, pela sua Honra, pela sua Liberdade, pela sua Independencia, pela sua conservação, e conservação das suas Familias, das suas fortunas, das suas propriedades, e das suas Vidas. Ainda pois os inimigos não chegarão, onde lhes ha de doer de veras, a chamar por Deos, e por Sancta Maria: elles já o virão, e vêm no *Algarve*; lá não escapa á morte um só inimigo, que seja: elles já o virão, e vêm no *Alemtejo*; que se lembrem de *Beja*, e de *Estremós*, e nunca lhes esqueça *Alcacer do Sal*, essa memoravel victoria, com a qual não podem entrar em paralelo todas as suas *africas*, nem essa mesma celebrada de *Leiria*, onde sómente diminuimos em força, pouco mais de cem homens, que não tardão cá em comparecerem, e voltarem ao Campo com maior coragem para vingarem os insultos, que recebem quando tem a desgraça de ficar prisioneiros em poder de inimigos barbaros, deshumanos, e mais desapiedados que os *Leopardos*, que não é outra a filantropia dos Constitucionaes de *Portugal*, ou d'esse mixtiforio de facções sordidas, que estão nas fileiras de *D. Pedro*!!!

Ora se aos inimigos assim lhes fazem a barba, e por tal feito os tosquião no *Algarve*, e no *Alemtejo*: que é o que não tem elles a temer das Provincias do Norte? A *Beira-Alta*, *Traz-os-Montes*, e o *Minho*, estes Póvos indomaveis, e invenciveis, costumados nos primeiros seculos da Monarchia a brigar com os Ursos, e com os Lobos, e a despedaçal-os, ardem em desejos de vir ás mãos com os inimigos de *Portugal*, com essas quadrilhas de *D. Pedro*. Não, assim não acabão os Realistas de *Portugal*, e muito menos os Póvos do Norte, os Valorosos *Tirolezes* das Provincias. A causa não só é de justiça, é de absoluta necessidade. Os inimigos perseguem, e atacam as fortunas de todos os bons *Portuguezes*; esbulhão de toda a sua subsistencia a todo o Clero Secular, e Regular; queimão os Conventos, profanão as Igrejas, calcão aos pés as Sagradas Especies Eucharisticas, escavação as Sanetas Imagens, fazem violencias, e brutalidades inauditas com as mulheres, Solteiras, Casadas, Viuvvas, e Virgens consagradas a Deos; roubão, saqueião, e levão quanto podem, e o que não podem levar, estragão, e desperdição, a ponto de deixarem abertos os toneis ou vasilhas do vinho, e as pipas do azeite, e da agoardente; põe fogo ás casas, aos celleiros, e ás searas, e palhas; fazem pegar em armas a todos os homens para

conduzil-os para o *Brasil*, e para outros fins que elles lá sabem; exercem á descripção, e á vontade uma carnagem barbara, e tumultuaria; envião para a *Africa* os Ecclesiasticos mais conspicuos com o titulo de missões, mas com o verdadeiro fim de darem cabo d'elles; promettem felicidades no papel quando escrevem, e entornão de facto os mais espantosos males, quando dominão. Que podem pois esperar esses monstros? Que os Póvos estejam mão sobre mão, deixando-se insultar, zombar, violentar, roubar, e matar? Não, assim não acabão os Realistas de *Portugal*: elles conhecem, que estão na alternativa de ou acabar com os inimigos, ou morrer ás suas mãos. *Portugal* não foge para a *Hespanha*: é uma Nação em peso, esbulhada dos seus empregos, das suas fortunas, da sua honra, e da sua subsistencia: somos muitos os compromettidos em todo o sentido pelo Throno do Senhor D. MIGUEL, o Clero em geral, a Nobreza, os Officiaes das Ordenanças, os Officiaes de Milicias, todos os Voluntarios Realistas, a primeira Linha, e os Póvos: a todos querem os inimigos perder, a muitos na vida, a muitos mais nos bens, na liberdade, e na segerança, ainda a muito mais nas suas fortunas, e a todos na honra, e no seu modo de viver!

Não é pois justo, não é necessario, não é decente, não é brioso, não é possível, e até não é conveniente, que tantos, tantos, e tantos milhares de *Portuguezes* de todas as classes, e condições, de todo sexo, e idade, vamos procurar na *Hespanha* um asilo, e refugio momentaneo, que por fim viria a parar em ruina, em morte, em perder tudo! Nem os Realistas de *Portugal* são capazes de tal infamia, baixeza, e corbardia, nem os Realistas da *Hespanha* podem agora dar segurança, e bom agasão aos Realistas de *Portugal*!!! O fogo da revolução ateou-se em toda a *Europa*: é pois indispensavel aos amantes e defensores da Legitimidade dos Principios Monarchicos, e da Igreja Catholica, ou combater, ou perecer: é indispensavel, ou defender-se, ou succumbir á mais terrivel catastrophe. Não é só *Portugal* o Paiz, que está n'esta dura, violenta, e cruel alternativa: são quasi todos os Paizes da *Europa*; são quasi todos os Paizes do Mundo. Corramos pois ás armas, e corramos todos unidos, bem dirigidos, resolutos, e destemidos, que a Victoria é certa: Vamos a elles, e então são elles os que perecem: não se diga, que são elles os que vem, porque então o terror, o medo, o susto, e o desalento se apossa de certas gentes, que erradamente pensão poder salvar-se na fuga, quando é certo, e mais que certo, que não ha outra alternativa que a de ou combater, ou perecer. A lide é não sómente de opinião, e de theorias; não é simplesmente de Constituição, e de Realeza; é guerra de Religião, é guer-

ra de interesses, é guerra de fortunas, é guerra de morte, e de carnagem: é pois necessario ou pelejar, ou acabar; pelejar por dever, por honra, e por precisão; acabar barbara, cruel, e vergonhosamente. Accordem os *Portuguezes* um dia com juizo. Vejam os Realistas, vejam os verdadeiros Catholicos os perigos, em que estão mettidos, se não se defendem: logo que esta evidencia entre no coração dos *Portuguezes*, logo que elles se persuadão, que não ha outra alternativa, que a de ou combater, ou perecer, então *Portugal* pôde vencer. Vejam os Póvos de *Portugal*, que não pelejam somente pelo Senhor D. MIGUEL, ainda que esta só razão é de sobejo para *Portuguezes* honrados, e animosos: os *Portuguezes* pelejam pela sua religião, pelejam por seu proprio interesse, pela sua honra, pelas suas familias, pelas suas fortunas, pela sua vida. Vamos pois a elles!

Esta mesma lição é para todos os Póvos da *Europa*; pois quasi todos elles, muito principalmente os da Comunhão Catholica, estão na mesma terrivel posição dos Realistas de *Portugal*, e passado mais algum tempo não haverá excepção alguma. A transmigração já não pôde remediar estes males, antes os augmenta a um ponto irremediavel! Estejam os *Portuguezes* sobre aviso a este respeito, e então *Portugal* pôde vencer, ou não pôde perecer, ainda que seus inimigos por alguma fatalidade venhão a occupar momentaneamente toda a região litoral. Temos os Realistas *Portuguezes* um Rei mais valente, que as mesmas armas. Se o seu heroico valor, se o Ceo nol-o roubar, resta-nos a Serenissima Senhora *Princesa da Beira*, e a Serenissima Senhora *Infanta*; se Deos nos privasse destas Augustas Fiadoras do Throno, temos na Linha Transversal quem o occupe, e nos defenda: e se a tanto abysmo nos levarem os insondaveis Decretos da Suprema, e Arbitra Providencia, os Realistas *Portuguezes*, que a tantas calamidades sobrevivessem, poderião fazer causa commum com os Realistas *Hespanhoes*, que defendem a verdadeira, e legitima successão do seu Throno. Em duas palavras. — *Portugal pôde vencer* — D. Pedro não tem de triunfar dos Realistas *Portuguezes*.

Coimbra 24 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

---

COIMBRA: NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

---

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 12.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Dèsà couloit le sang prémisses du carnage.*

RACIN.

---

*Finanças dos Realistas Portuguezes.*

Quando ouço dizer que os Realistas não tem meios para continuarem a guerra, parece-me ouvir uma verdade, e todavia é um paradoxo incrível. Qual é o estado de finanças do inimigo? Elle não tem credito Nacional, nem Estrangeiro: elle não tem pago a sua grande divida, nem esperanças dá disso: elle não paga aos seus Empregados, nem ás suas mesmas Tropas. Como pois faz a guerra? Como, e de que subsiste? Allivion os Póvos da solução dos Dizimos, e de outras prestações Ecclesiasticas, e ao depois obriga esses mesmos Póvos a fardar-se, armar-se, e geralmente servir á sua custa: tirou aos Parochos, e ás Collegiadas a sua subsistencia, privou a todo o Clero Secular dos meios de se arranjar, com o que o Culto carece de Ministros; esbulhou ao Eminentissimo Cardial Patriarcha de todo o seu estado, não lhe deixando rendimento algum, dando-lhe sómente oito moedas mensaes, que lhe pagão em promettimentos nunca satisfeitos; amorteceo todos os Tribunaes, Juntas, e Empregos anteriores, e deixou por portas a quasi toda a gente, que é *uma boa lição* para os que se deixárão ficar com o inimigo, para os que lhe fizerão alguma qualidade de serviço, e para os que se accreditárão n'elle. Ora o inimigo com todas estas lindas economias, com os rou-

bos feitos ás Igrejas, e aos Conventos, com o saque dado aos Realistas, com os sequestros, e arrematações, e com frequentísimos, e exorbitantes impostos, e contribuições ao Commercio, e aos Proprietarios, faz a guerra, e continúa a guerra, pagando somente por igual um cruzado diario a todos os seus empregados Civis, e Militares, ainda que Brigadeiros, ou Generaes sejam. Por tal fórma vão estas cousas entre o inimigo, que elle acostumou os seus governados ás armas, e á frugalidade, grande bem para qualquer Nação, se elles não ficassem do mesmo passo afeitos á irreligião, á pilhagem, e ao assassinato. Ora eis aqui todas as suas finanças, sendo mui poucos os seus financeiros, e a dizei os seus Empregados na cobrança, com o que poupão muito na sua despesa. Verdade é que pela maior parte vivem de contentes, e em estado de violencia; mas vão vivendo, e servindo, uns pela força, outros por medo, e muitos por esperança de melhorar, que é consolo dos tolos. Muito melhor vai a cousa entre os Realistas, porque os seus Empregados Civis, e Militares, pela maior parte, recebendo quatro mezes no anno os seus ordenados, ou Soldos, percebem mais, e tem maior interesse que os inimigos recebendo em dia e sempre, pois só percebem um cruzado: é esta uma differença bem sensivel, e para melhor, a qual devem entender alguns Realistas Empregados Civis, e Militares, para não andarem com tanta lamuria pelo atrazo dos seus vencimentos.

Dizer-se que os Povos estão exauridos, e que já não podem concorrer mais para a manutenção do Exercito, e do Estado, parece uma verdade; mas tem um desconto maior, que o que davão em Lisboa no Governo do Senhor B. MIGUEL os Cambistas, e Rebatedores, já hoje bem pezarosos como quebrados com o Governo de D. Pedro. Nos mesmos gritos dos Róvos sobre os roubos e extorsões, que dizem se lhes tem feito, e fazem, descobro eu um manancial de dinheiro para sustentar, e pagar ao Exercito um bom par de mezes. Vamos a essas mataduras, se todas tem cura. Quanto é o dinheiro, que entrou no Erario desde o anno de 1828 até Julho de 1833, assim por Donativos, e por empréstimo gratuito, e voluntario, como por empréstimo forçado? Como esse dinheiro foi negociado, quanto somma ao todo? Todo esse dinheiro despendeo-se no Estado, e no Exercito? Não fallarei agora da injustiça, da parcialidade, e da malicia, com que obrarão muitos Collectadores carregando com mão pesada sobre os Realistas, e pondo a mão na cara aos que visivelmente pertencião ao inimigo, o que foi um desaforo, e uma pouca vergonha. Ora como o caso é achar dinheiro para sustentar, e pagar o Exercito, e a conversã vai recaindo sobre os ladrões, é preciso que se lhes diga, e faça o que dizem, e



fazem os d'estrada — *Ou a bolca, ou a vida.* Não devia escapar a isto, se fosse apanhado o maldito *Rapozo*, que em todas as Repartições da sua inspecção, fez todo o mal que pôde ao Exército, e ao Estado. Que em nenhum Paiz tenha sido enforcado um ladrão do Estado?!!! Pois são bem muitos, e ao menos o dizimo, podia tomar conta d'elle a Justiça, se é que ella não fugio para o Ceo. Que é do dinheiro que receberão essas Commissões dos Capotes? Bom Capote acharão muitos com essas Commissões, que ainda em 1833 negociavão com esses dinheiros, em quanto muitos Corpos, se quizerão Capotes, comprarão-nos á sua custa pela sua Caixa Militar, descontando aos Soldados no seu pret. Applique-se-lhes outra vez o dos ladrões d'estrada — *Ou a bolsa, ou a vida.* Que se fez a tantos donativos de paños, de fardamentos, de capatos, de roupas de cama, ou de eamas, de cereaes, de palhas, de outros mil objectos para a sustentação, e equipo do Exército? Torne a sentença dos ladrões d'estrada. — *Ou a bolca, ou a vida.* Por que preço forão comprados aos Póvos os generos que se pagarão? E comprarão-se effectivamente, ou erão generos sequestrados aos rebeldes, ou tomados ao inimigo? E effectivamente forão pagos? E esses generos comprados, e pagos em que preço, e conta se derão ao Estado? E fez-se a conta, e entrega ao Estado pelo mesmo peso, e medida, por que forão comprados, tomados, ou embargados? Ou ha peso e peso, e medida e medida? *Ladrões, ou a bolca, ou a vida.* Que é o que tem produzido ao Estado os sequestros, e as arrematações? Ou foi-se todo o producto em concertar as casas aos inimigos ausentes, para as acharem em bem estado no seu regresso? Quanto enriquecêrão em todas as terras do Reino os Ministros sequestrantes, os Escrivães, os Sollicitadores, e mais Camara Optica do Fisco, ou antes do cisco? Em Lisboa houve algum tempo um Medico, que a todos os doentes receitava quina: ora quina para a Fazenda Real não serve; a esses ladrões, *ou a bolca, ou a vida.* Que nas arrematações lançassem, e ou apparecessem sós, ou tivessem preferencia os parentes, ou agentes dos mesmos sequestrados?!!! Nunca tantas maroteiras houve no Fisco. Quanto derão pela sua absolvição, ou pela diminuição das suas hem merecidas penas, ou pela sua inculpação de crimes atrocissimos e publicissimos os réos, os processados, os não processados? Bons cavallos, fortes parrelhas de machos, barrigudas teias de linho atadas com grossas cadeias d'anro, Faixellas de prata, ricas peças de ouro! As Folhas Constitucionaes do Porto disserão essas cousas todas, e fallarão mais que verdade: as mulheres, as amasias, as barragãs encherão-se! *Tão calvas, ou tão carecas,* este Seculo não as teve. *Ladrões, ou a bolca, ou a vida.* Quanto dinheiro en-

trou nas saccolas de certas gentes por certos despachos, por certas Graças e Mercês? Civil, Ecclesiastica, e Militarmente, tem hido muita chuchadeira, ainda que sem lisonja entendo, que sem culpa propria dos Escrivães da Puridade; mas o Sancto Rei David pedia a Deos, que lhe perdoasse as culpas alheias. — *Ab alienis parvo servo tuo.* Quanto dinheiro não deo certa *Facção* para desviar do Ministerio a um certo Candidato desejado, e preconizado pela opinião publica? Foi um grande par de contos de reis, e um Clerigo tambem comeo, já todos sabem que é aquelle de quem muito pouco fallou a *Defesa de Portugal!* Quanto dinheiro se tem recebido para dar Baixas a varios Officiaes da segunda Linha, para disfarçar Soldados, para licenciar Milicianos, e Voluntarios? Oh! Que *maxima chuchadeira!* Quanto dinheiro tem recebido os Senhores Chuços por livrar do recrutamento a muita gente, que devia ir para as Armas? Oh! Que escandalosissima ladroeira? Estou com os *ladroes mores*; por não prenderem desertores, só por essa omissão tem-se farto os Senhores dos Chuços! Vá a sentença, ou a *bolca*, ou a *vida*.

Ora eu não fallo de todos os Capitães Mores, e muito menos d'alguns Ecclesiasticos Regulares, que muito se tem distinguido, e distinguem na Causa da Realeza, não só pela sua muita fidelidade em tudo o que diz respeito ao serviço d'ElRei e da Patria, mas pela sua limpeza de mãos no exercicio dos seus cargos; mas não posso deixar de fallar em muitos Senhores Chuços, das que a voz do Povo diz que são *ladroes*, e o são, porque são a *capa dos ladroes*, dos desertores, e até dos inimigos da Nação, e tudo isto pelo muito que se lhes dá, e pelo muito mais que elles extorquem.

Fallarei eu d'alguns *Mores Commandantes* de Guerrilhas? Os Póvos fallão altamente, em que são *ladroes* em pessoa, e no numero dos *ladroes*, pessoa ha que fazendo a guerra aos inimigos d'ElRei, tambem a faz, e bem crua aos Póvo que defendem a ElRei! Dão guias por dinheiro para passarem livremente alguns generos para os territorios occupados pelo inimigo, e logo mais abaixo, ou mais acima tomão, e fazem tomar os mesmos generos, como que vão para o inimigo; procedem, ou fazem proceder a arrematações, ficão com o seu importe, ficão com o dinheiro das guias, prendem, ou fazem prender os conductores dos generos, e não os soltão sem elles darem mais dinheiro, e são peores que *Judas*, pois levão mais de trinta dinheiros: outras vezes tomão os generos vindos dos territorios occupados pelos inimigos, como chá, café, assucar, e rapé que vem para os Póvos do interior, e para Realistas conhecidos, fazem vender esses generos, ficão com o dinheiro, não repartem com os apprehensores, e chamão a essas

tomadias Direitos seus, e a Fazenda Real a perder, e os Povos, a gritar! Esta é a ladroeira em pessoa. Venha a sentença dos d'estrada — *Ou a bolsa, ou a vida.*

Os Superintendentes por esta vez, em quanto durarem as actuaes circumstancias, tem um passe: antes havia muito a dizer, e tanto, que os callamaços da *Encyclopedia* não chegavão para n'elles se publicarem tão grosseiras, tão porcas, tão escandalosas ladroeiras! Furtavão alguns de todos os feitos, e tinhão o descaramento de querearem cobrir seus roubos com pretextos da Fazenda Real, e a fazenda era para elles.

Quanto dinheiro se tom recibilo nas Alfandegas, para se não pagarem os Direitos de importação, e exportação? Aqui vai *ladroeira Real*, e de tal vulto, que poucos são os Empregados, que não mereçam ter a cabeça pregada a um madeiro!

Quanto dinheiro recebem em metal em pequenas parcelas, os Cobradores das Decimas, das Sizas, e de outras contribuições velhas e novas, e depois reunindo grandes sommas, entrão no Erario com esses dinheiros na Lei? Esta é ladroeira *Imperial e Real*. Não precisava o Padre *Vieira* de compor a *Arte de Furtar*: para *Portugal* não se carecia, nem carece; rouba-se, e rouba-se muito bem sem Arte, e sem sciencia, rouba-se á escancara, rouba-se a torto e a direito, e para roubar, e ser roubado não é preciso ir á Estrada: é meter-se nas *Alfandegas*, no *Commisariado*, no *Exercito*, nos *Hospitales*, na *Fazenda*, nos *Chucos*, em fim em qualquer Officio, Cargo, Posto, ou Emprego, porque para certas gentes, parece que essas occupações não forão criadas senão para roubar! Vamos á ladroeira *Politica*, *Diplomatica*, e *Militar*.

Quanto dinheiro tem recebido certos Diplomaticos, para escurecer a Questão *Portugueza*? Tres milhões de cruzados gastou *Portugal* para conseguir auctoritativamente a expulsão dos Sabios, Virtuosos, Innocentes, e Indispensaveis *Jesuítas*! Quanto se gastou em Diplomacia para enredar a Questão de *Portugal*, a Historia Occulta de certos Gabinetes o dirá tal vez depois de terminada a Questão. Agentes se empregarão, que erão conhecidamente revolucionarios, e descarados sem disfarce contra os Principios Monarchicos, e contra a Augusta Pessoa do Senhor D. MIGUEL. Esta foi ladroeira mais que *Imperial e Real*.

Quanto dinheiro receberão certas pessoas para influirem em certa direcção, que se deu á Esquadra d'El-Rei? Esta foi uma ladroeira, que fica em segredo por ora por motivos muito attendiveis!!!

Quanto dinheiro derão os inimigos domesticos, para obterem a prohibição ou suspensão dos caetes, que erão indispensa-

veis em certas circumstanejas? Neste caso houve grande como-deira, e consta até de recibos! Que maldade! Que vergonha!

Quanto dinheiro davão os inimigos, quando escavão encerrallados no *Porto*, porque se lhes permitisse a passagem, ou introduccão de um hó? Houve tempo de darem uma moeda, duas, tres e quatro. Que taes Realistinhas erão certos Militares!!! *E o Directorio Militar a promover alguns, e a capear outros!!!* Pois se essa ladroeira não fosse, o *Porto* sucumbiria a pesar dos pezares! Não sei se lhes chame ladroens, se traidores: porém de todas as fórmãs, *ou a bolça, ou a vida.*

Quanto dinheiro gastou a Maçonaria, e o Radicalismo, para conseguir, que a Esquadra d'ElEei não batesse a Esquadra inimiga, logo que saio das *Ilhas*; para obter que se desse livre entrada no *Porto* á Expedição de *D. Pedro*, para alcançar, que um golpe de gente tivesse livre passagem no *Algarve*, e no *Alentejo*, e impunemente se approximasse a *Lisboa*? Oh! Os recebedores forão ladrões de primeira classe.

Quanto dinheiro se deu ao Almirante *Prégo*, por todas as suas malfetorias? Quanto se deu pela revolução do extincto Regimento de Infantaria N.º 4? Quanto se recebeu por conseguir que o infame *Taborda* torcasse a entrar nas Fileiras Realistas? Oh! Que escandalosas e perfidas ladroeiras!

Mais não posso dizer, e ainda tenho mais. Eis aqui porque se não queria, que eu escrevesse; porque depois da evacuação de *Lisboa* o verdadeiro *Ecco de Portugal* não podia menos desaffrontar ElRei, e a Patria de tantos insultos, zombarias, perfidias, e lograções, como se lhe tem feito. Os Póvos fallão, gritão, e se queixão amargamente.

Bom remedio, ainda que é farte, e heróico. Diga-se, e faça-se a todos esses ladrões do Estado, do Exercito, e dos Póvos, o que dizem, e fazem os ladrões d'estrada — *Ou a bolça, ou a vida; ou restituir ou morrer.*

Que se não veja um Magistrado, um Commissario, um Desembargador, um Escrivão, um Medico, um Coronel, ou Brigadeiro, ou General, um Capitão Mór, um Guerrilheiro, um Empregado na Fazenda, em uma palavra um ladrão do Estado, do Exercito, e dos Póvos, que se não veja enforcado? *Castigue-os esta pena, já que a espada, ou a corda não servem!!!*

Não pensem alguns Empregados na Companhia do *Alto-Douro*, que m'esquecerão: vivo já mais perto d'elles, e sempre os tive na minha lembrança: aquella de levarem os Provadores duas, tres e quatro moedas em pipa pelo seu approve, é ladroeira, que na *Azambuja*, ou na *Falperra*, ou no *Marão* não tem igual: porém eu esqueço-me de outros muitos ladrões, porque não vem agora ao meu proposito.

Em todas as Campanhas se rouba muito; porém nas civis não tem conto, e se forem tão desastrosas, e atraçoadas como esta de *Portugal*, é incalculavel: mas no computo mais baixo ajustarei esta conta. Longos cinco annos tem de Reinado o Senhor D. MIGUEL; e cinco Seennos contasse *Portugal* com este Rei o melhor do Mundo: mil e seiscentos ladrões ao menos tem havido nas Repartições de que fiz menção: dando a cada um ladrão um conto de reis por anno, que é o menos, de que podem ser arguidos, pois se ha quem roube menos, ha quem roube muitissimo mais, somma em cada anno quatro milhões de cruzados, nos cinco annos vinte milhões. Logo; ladrões, ou a bolça, ou a vida; ou mover, ou restituir.

Mas áque d'ElRei! Ladrões sobre o Padre *Alvito*! Quem me acode, que elles são muitos? Porém ElRei protege-me; os Póvos defendem-me porque eu dei com um thesouro de vinte milhões de cruzados, com que o Exercito, e o Estado sem vexação dos Póvos podem sustentar-se, manter-se, e continuar a guerra um anno, tempo de sobejo para acabar com o inimigo, ou *Política*, ou *Militarmente*.

Porém os ladrões não restituem. *Morrão*, e seus bens, tomadas as contas, para o Estado, e nas mãos de outros, que não sejam ladrões como elles; e com isto os Póvos ficão vingados, e satisfeitos.

De todas as cousas, que *D. Pedro* tem feito, e mandado fazer, só a uma tenho achado razão e justiça; a saber, a abolição da força. Pois que fazia ella alli *viuva*, *sósinha*, *ão sol* e *á chuva*, sem haver quem a consolasse? Já que estava ociosa, parece que não foi muito desarrazoado o fazer uma fogueira com ella! Se não servia para enforcar tantos, e tantos ladrões do Exercito, do Estado, e dos Póvos; e tantos, e tantos traidores, para maldita a cousa prestava; porque os *ladrões pequenos*, ou *malhadinhos de cacaracá* esses vão a páu em toda a parte: o de que se precisa, é d'enforcar os ladrões *móres*, os *traidores*, para que o Exercito ande contente; e seja valoroso, para que os Póvos vivão tranquillos e satisfeitos, e para que o Estado aügmente e prospere. Este é n'esta parte o *grande e verdadeiro Ecco de Portugal*.

Casa de S. Domingos 27 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

COIMBRA; NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1834.

Com Licença.



O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 13.

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémisses du carnage.*

RACIN.

*Erario Realista.*

FORTES gargalhadas hão de dar os inimigos ao verem esta Epigrafe, antes de lerem o seu desenvolvimento, que é a maneira como elles julgão de todas as coisas vendo-as sómente pelo seu exterior: mas a essas gargalhadas eu respondo com as estrondosas saudações, com que aquelle Estudante maganão, representando o papel de Embaixador da *Russia*, cumprimentava as Freiras de *Villa do Conde*, e quer dizer, que os inimigos perdendo a limitação d'estes meus obsequios, em quanto o orgão se não afina, para o que se precisa de que elles peguem nos canudos, como se fez na mesma *Villa*, e assim estejam á espera, que a volta, e a viravolta eu lha darei, e não falto.

Que não ha numerario entre os Realistas, dizem os inimigos; que não ha fundos; que não ha commercio; que não ha credito; e consequentemente, que se não póde sustentar o Exercito, e o Estado. Ora vão ouvindo, e tomem sentido.

Quando estive em *Lisboa* pela primeira vez notei, que *Portugal*, separando-se do *Brasil* pelas tenções do Patriarcha dos Burros Pedreiros, *Fernandes Thomaz*, e mais sucia burrico-pedreiral: ficava com uma cabeça de sete bichas, e o corpo muito pequeno, e diminuto, do que viria a succeder, ou a perda de todo o Reino, ou a diminuição e redução da cabeçorra em proporção ao corpo. Não se perdeu o Reino, porque tem a sua estabilidade nas cinco Sacratissimas Chugas de JESU CHRISTO, ainda que os inimigos bem trabalharão, e trabalharão pelo perderem; mas a cabeça vai-se reduzindo á devida proporção pelas manobras dos Burros Pedreiros, não que elles trabalhem com esse fim, nem por justos meios, sim porque *Deos escreve direito*

por linhas tortas. *D. Pedro*, genio destruidor, tem cerceado a cabeça, aluindo-lhe muitos edificios, inutilizando muitas propriedades de casas, e concorrendo para a extincção de muitas familias, ou porque as desgraçou, engajando-as no sequito da rebelião, ou porque as supprimio, tirando-lhes os meios de subsistencia, e o seu modo de vida: a guerra, a peste e a fome puzeram a Capital no justo estado de proporção com o corpo: parece um mal, mas era necessario e conveniente, e por isso é um bem. *Portugal* não podia sustentar Capital de tanto vulto; não se podia com tanta Côrte, com tantos Empregados, com tantos inuteis e ociosos, com tanto fausto; as Provincias inanião-se na Côrte; ellas não podião com tanto: aproveitem-se os bens das revoluções, que d'ellas alguns resultão nos estragos, que produzem, como as grandes alluviões nos campos, e os extravios do mar nas terras. A Côrte de *Lisboa* para *Braga*; de *Lisboa* para *Coimbra*; de *Braga*, e de *Coimbra* para o *Lumiar*, para *Santarém*, e em varias terras do Reino adquirio habitos economicos, vio as precisões dos Póvos, e conheceo que a Capital de qualquer Reino deve ser talhada pela bitola do mesmo Reino, porque do contrario o Reino corre risco de se perder, ou pelas revoluções, ou pela sua pobreza e penuria. Quem não conhecesse *Portugal*, e visse *Lisboa*, julgaria que era a Capital do Imperio da *China*; se entrasse pelo *Porto* imaginaria que era a Capital de toda a Peninsula. Era pois de absoluta necessidade, e conveniencia para *Portugal*, que fossem attenuadas as Cidades de *Lisboa*, e do *Porto*; essa attenuação fel-a *D. Pedro* pela guerra, e pela fome; a peste auxiliou esse genio destruidor, que, qual outro *Nero* no incendio e castigo de *Roma*, servio em *Portugal* e no *Brasil* de açoute do Deos das Vinganças.

Digão agora os Estrangeiros, e com especialidade os *Inglezes*, qual foi o seu commercio com *Portugal* desde o mez de Julho do anno de 1832? Melhorarão? Augmentou o seu Commercio em *Lisboa* desde Julho de 1833? Qual é pois o Erario Constitucional, se as Alfandegas de *Lisboa* e do *Porto* derão em fangas? Com quanta difficuldade pois os habitantes de *Lisboa*, e do *Porto*, não acodem a *D. Pedro* com as Decimas, e com os outros Impostos ordinarios e extraordinarios, não podendo exportar para o interior, donde lhes vinha a sua fortuna real? Convenha-se pois em uma cousa, que em quanto *Portugal* foi senhor absoluto do Commercio do *Brasil*, da *Asia* e da *Africa*, uma grande Capital como *Lisboa* lhe era conveniente; e em quanto as Provincias do Norte fazião grandes exportações para a *Inglaterra*, e para o *Brasil*, uma Cidade grande como a do *Porto* não era muito impropria: mas agora que *Portugal* tem perdido quasi tudo, agora que a sua exportação é pequena, agora que não vende e compra, agora que o seu Commercio é passivo com os Estrangeiros, convém muito, é preciso reduzir, diminuir as Cidades de *Lisboa* e do *Porto*, e as mais Povoações litoraes, que para pouco mais podem servir, que para abrigo de



vadios, habitação de pescadores, e Colonias de Estrangeiros, que roubão a *Portugal* o dinheiro, os costumes e a tranquillidade; convém, é preciso voltar aos campos, lançar mão do arado, da enxada e da foice; estabelecer o Commercio interior, seguir o trilho da *Hespanha*, e adquirir uma independencia, grandeza e solidez continental. Tem *Portugal*, e póde ter tudo, e ainda para mais e melhor, quanto a *Hespanha* tem, sem dependencia do-mar. Segue-se pois, que o *Erario Constitucional* se constitue não do que vem, mas do que já havia, de capitaes atrazados, de empréstimos com hypothecas sobre os bens Ecclesiasticos, bens da Corôa e Ordens, e bens dos Realistas, dos quaes todos ainda os inimigos occupão muito poucos, e esses mesmos sem segurança, e dos roubos feitos ás Igrejas, ao Commercio, e aos Proprietarios: não tem outra base o *Erario Constitucional*, ainda que trazendo em activo giro esse dinheiro, tem conseguido o poder subsistir de algum modo, sem embargo de que uma boa parte dos capitaes, que d'antes existião, e que entrárão no dicto *Erario* por empréstimo forçado, ou por contribuições, ou mesmo pelos roubos, e por algumas tomadias, tem-se evaporado, e vai-se evaporando para Paizes Estrangeiros, donde os inimigos tem comprado quasi todo o preciso para a subsistencia, e conservação do seu Exercito, e dos Póvos que occupão. Pobre pois e pobrissimo está o *Erario* inimigo, e virá a esgotar-se de tudo por não ter base solida, certa, e permanente. Quanto em verdade não são desgraçadas as duas Cidades de *Lisboa* e do *Porto* por causa de *D. Pedro*, e da Facção assolapada com o seu nome!!!


Privados os habitantes de *Lisboa* e do *Porto* de commercia-rem com o interior do Reino, elles se esgotão, e esvaecem, fazem interesses aos Estrangeiros no que lhes comprão, e cavão mui rapidamente a sua ruina pela evaporação dos seus fundos, e capitaes, que nunca mais reverterão ao seu poder. Estas desgraçadas consequencias são da primeira intuição: ellas já pesão muito sobre os Capitalistas, e Proprietarios de *Lisboa* e do *Porto*, e sobre os Cambistas, e Rebatedores, que já entendem, que da contenda tem tudo a perder, como que tem perdido a maior parte, e nada tem positivamente a ganhar. Quanto não estão já desenganados os mesmos, que as theorias Politicas, e a Maçonaria não servem senão para empobrecer a quem tem, e para enriquecer a quem não tem? A lição tem sido boa, se não for perdida!

Dirão os inimigos, que tambem nós os Realistas soffremos muitas privações, e que nada temos a ganhar na contenda! Arguição falsissima! Ella tem duas partes, e assim vou contestal-a.

Os Realistas pela maior parte já perderão o costume do Chá e Manteiga, do Café, e d'outras bebidas do anterior uso; tambem não sentem a escassez do arroz, nem a falta de pannos, e d'outras produções Estrangeiras: a assorda, o presunto, o carneiro, a vacca, os legumes e hortaliças, o vinho, a agoa-ardente, todo o comer, e o beber é do Paiz, e os que lhe comem e bebem bem, com boa saude, tem o cachaço mais gordo, que o dos Guardiões

dos Capuchos. Calçados, vestidos, cobertos e arroupados com o que se fabrica no Reino, e fabricão *Portuguezes*, os Realistas parecem-se no seu trajo aos *Cossacos*, e já lhes não lembra cousa alguma dos Estrangeiros, só quando dizem: *Temos sido uns asnos: nós temos tudo, e de sobejo: em que precisamos nós dos Estrangeiros?* Em geral, salvas as molestias estacionarias, ha melhor sande, anda-se quente, e bem contente, e até se adquirio maior força de corpo, e d'espírito. Resta sómente, que se impetre Bulla de sua Sanctidade para dispensa de abstinência em todo o Reino, com as mesmas condições, com que se usa no Reino da *Hespanha*, pois as razões são as mesmas, e agora mais urgentes e certas, que as que a *Hespanha* allegou para obter a sua dispensa, e com esta concessão o mesmo usadissimo bacalhão não seria mais lembrado em *Portugal*. Que respondem a isto os inimigos? *E que respondem os Estrangeiros?* O dinheiro fica no Reino, e de fóra do Reino os *Portuguezes* não queremos, senão que nos deixem em paz: o vinho, o azeite, a laranja, as passas, os passos e outros fructos, de que temos muitos sobejos, cá os virá buscar quem d'elles precisa, e seja muito, ou pouco o dinheiro, que por elles derem, chega bem para o de que se precisa; como se demonstrará. Ora quem está de peor partido? Os *Portuguezes*, os *verdadeiros Portuguezes*, já tem juizo, comem e bebem do que tem, vivem do que ha no Paiz; o dinheiro cá fica, e já todos conhecem, que o de que havia muita falta no Reino era de juizo, de sobriedade, de olhar cada um pela sua fortuna solida, e duradoura, em fim *de amor Nacional, de Orgulho Patrio!* Que dizem os inimigos? *Que dizem os Estrangeiros?!!!*

Os Realistas tem tudo a ganhar na contenda, vencendo-a, e tem tudo a perder, perdendo-a: elles ganhão a conservação das suas propriedades, e das suas fortunas, em parte já invadidas, e todas ameaçadas pelos inimigos; ganhão a sua liberdade, a sua segurança, a sua tranquillidade, e a paz publica, sem a qual tudo está perdido, prescindindo dos outros interesses de honra, de independência, e os Religiosos, e Politicos, que são da mais alta estima, e consideração: elles perdem tudo, perdendo a contenda; a vida muitos, e muitos, porque os inimigos assassinão tumultuaria e indistinctamente, e cada um d'elles vingam-se de quem quer, e como quer, e para matar basta-lhes a causal de que é Realista, sem que os seus Juizes ponhão, ou queirão, ou possam pôr cobro no massacre, antes o promovem, ou o permitem; a liberdade muitos mais a perdem, porque para hir para a cadeia basta qualquer causa, e ter um vintem que seja, e para um degredo a vontade do Juiz é razão de sobejo; as suas propriedades, e fortunas todos; os Militares, e Empregados Publicos o direito aos seus vencimentos; os Capitalistas, os Proprietarios, os Cambistas, os Rebatedores, e todos os Credores ao Estado a sua acção pelo que emprestarão, pelo que venderão, pelo que contractarão, e todos, todos perdem tudo, tudo; porque Lei, ou Decreto promulgou *D. Pedro*, pelo qual os Constitucionaes podem ia-



dennizar-se de todos os seus damnos e perdas pelos bens dos Realistas, e esses damnos, e perdas contadas, e provadas por elles mesmos a seu bel-prazer; e está igualmente legislado, e decretado que todas as despesas d'esta contenda, desde o Regresso do Senhor D. MIGUEL até o fim da lucta, as que forão feitas em defesa do Senhor D. MIGUEL não sejam abonadas, sejam perdidas, e as que forão feitas em defesa da Carta desde 16 de Maio de 1828 até o fim da lucta, se saísse em seu favor, sejam abonadas, e pagas por todos os *Portuguezes*, com excepção dos Constitucionaes, em quanto aos outros ficar alguma cousa por onde paguem. *Politica a mais exotica de nenhum Governo do Mundo!* O transtorno mais ruizoso de todo o Reino! Quem tem mais a ganhar?!!! Quem tem mais a perder?!!! Respondão os inimigos, respondão os Estrangeiros: até elles mesmos perdem, e perdem muito, se a contenda fosse terminada em favor de *D. Pedro!*!!! Que diz a isto a Grandeza, e a Fidalguia do Reino, o Clero Secular e Regular, e os Póvos? *D. Pedro* não offerece segurança individual, nem conservação de propriedades, e fortunas a ninguém!!! O Senhor D. MIGUEL a todos offerece segurança, e a ninguém despoja da sua propriedade, das suas Casas, e dos seus rendimentos!!! *Portuguezes! Que perdesdes?* Ou reuni-vos ao Throno do Senhor D. MIGUEL, e reorganize-se o Estado, ou então peleje cada um pelo interesse que tem na contenda! Pelejai pois Grandes e Nobres do Reino, Generaes, Officiaes e Soldados, Sacerdotes Seculares e Regulares, Povos; pelejemos todos por nosso dever na defesa da nossa Sancta Religião, do nosso Rei, e Senhor D. MIGUEL, e das nossas Leis Fundamentaes; pelejemos todos, pois por nós pelejamos, pelas nossas vidas, pelas nossas terras, e haveres, e até por tudo quanto esperamos, e amamos; pelejemos todos, porque se não continuarmos a guerra, todos perdemos, e tudo perdemos até as proprias vidas.

Porém que é do Erario? Aqui está: *No interesse de nós todos;* gastemos tudo para alcançar a Victoria, já que tudo perdemos, se o inimigo nos vence. Ha maior Erario, que este? Em que se póde comparar o dos inimigos com o nosso, sendo nós infinitamente mais em comparação, muito mais poderosos em todo o sentido, até porque na Victoria temos muito a ganhar, e vencendo elles temos tudo a perder? Os meios de formar este *Erario Realista* eu os lembro, hem que da restituição, se fosse possível, de tudo quanto se tem roubado ao Estado, ao Exercito, e aos Póvos, grande Thesouro podia ajuntar-se, ainda que, como a ladroeira tem sido muita, passou-me por alto no anterior Numero a grande, que se commette com os transportes, a que em algumas partes chamão brigadas, embargando carros, e desembargando carros, tomando cavalgadas, e devolvendo cavalgadas, e o acto de desembargar, e de devolver faz-se no mesmo acto de receber os tantos cruzados, roubo este que tambem se fazia antes da guerra. Mas *deixem os ladrões á infamia publica*, já que o carrasco os não acha.

Um Povò Heroico, e que na sua defesa dá esperanças bem fundadas de Victoria, tem sempre quem o soccorra em todo o sentido. Esta é a base, que tomò para lembrar os meios de formar um Erario. Conste ás Potencias Estrangeiras, faça-se entender no mesmo interior do Reino, que *Portugal* se defende heroicamente, e que ha de vencer, e vêr-se-há logo como os Capitalistas Estrangeiros e Nacionaes offerecem seus dinheiros com um premio razoavel. A esperança é a hypotheca melhor, que pôde offerecer-se, especialmente no interior: ha ainda no Reino muito numerario; ha muitos fundos nos Capitalistas, e nos Proprietarios, que vivem nas Praças de Commercio, Cidades e Villas do interior: offerecendo-lhes hypothecas seguras, mercês, honras e privilegios estaveis, ha muita gente, que tem coração movivel a todas essas impressões, sensivel aos males da Patria, e tocados *do amor Nacional*. Tendo-se previsto o quanto poderia aturar esta contenda, e que ella não terminava na evacuação de *Lisboa*, visto o caracter Nacional, e a popularidade do Senhor D. MIGUEL, podéra haver-se formado uma Junta do Contrato do Sabão, pois não faltarião empresários, nem fabricantes, e podia proporcionar-se aos Póvos muito mais barato, que antes, com interesse de todos, e da Fazenda Real: podéra haver-se animado as Fabricas da polvora, e fazer-se um razoavel negocio com a *Hespanha*: podéra lançar-se um imposto suave sobre as Cartas de jogar, sobre o papel commum, sobre o vinho, e agoa-ardente atavernado: não ha artificio algum, de qualquer natureza que elle seja, que não possa soffrer um imposto suave, suave na cobrança, e suave na exacção: as Cartas do Correio, os Seguros do dinheiro, e de encommendas tambem podião ter a sua multa razoavel.

É nas publicas necessidades, onde a acção do Estado se apura, e aperfeicõa, e onde apparecem os talentos heroicos, e altamente proficuos. As minas de ferro, de prata, e de ouro, em que o interior do Reino abunda muito, e é fecundo, podião ter-se dado a Capitalistas *Portuguezes*, ou a Estrangeiros com vantagens mutuas, e reciprocas para o Estado, e para elles.

Fabricas ha no Reino e modos, com que suavemente possão em todas as cousas estabelecer-se Direitos moderados com interesse geral, havendo boa administração, de fórma que os Póvos sejam animados, que elles conhêção vantagem para si, e boa applicação para as necessidades do Estado. *Nas proussas é onde muitas vezes sobeja o tempo*, e no vagar, ou descanço, falta muitas vezes o tempo. Eu não sei que financeiro teve *Portugal* nestes dous Seculos, mas acaso seja este o tempo, de que appareça um; não que os Póvos não paguem assás de impostos, mas pela maior parte servem de proveito para os infinitos exactores, de carga ao Publico, e não augmentão um ceutil ao Erario.

Os mesmos Prélos, ou Typografias poderão ser uteis ao Estado, e aos Póvos: uma reforma de edição de Breviarios, e de Missaes segundo certo plano, podia ser mui util ao Estado

obrigando ao Clero futuro a compra-los, e ficando por um preço muito mais razoavel, que os que até aqui se imprimião no Reino, e ainda mais commodo, que os que vem de fóra. As lembranças em geral estão apontadas, e bastará; pois não tenho missão, nem profissão de abrir todas as portas por onde pôde entrar muito dinheiro no Erario sem muito gravame dos Póvos, fazendo que o muito numerario, e os muitos fundos, que ainda ha na parte de *Portugal*, que obedece ao Senhor D. MIGUEL, ou que está livre da invasão, andem em giro no interior do Reino, e que não se vão evaporando para fóra. Vamos a outros meios mais summarios.

Como a primeira, e reguladora Lei do Estado seja a sua Salvação, lembro os fundos, ou todos os Dinheiros da *Companhia do Alto-Douro*, administrados, e negociados pelo Estado como um Depositario interino, até que o Reino todo se restaure, tomando conta á face dos Livros, e Registos, e obrando com tanta rapidez, e ainda com impenetravel segredo, como se obrou na injusta, e barbara expulsão dos *Jesuítas*, e na apprehensão de todas as suas riquezas, e dos seus titulos. Não se pergunte á *Companhia*, se quer, ou se pôde: ha dinheiro, vá elle para o Erario, salve-se o Estado, que depois da sua restauração não faltarão *Companhias*, e os *Commerciantes*, e os *Proprietarios* serão proporcionalmente mais bem attendidos, e felizes do que tem sido depois que os *Funcionarios Publicos* tem sido agentes dos seus interesses, e não dos do Estado, nem dos Póvos!!!

A Bulla de dispensa da abstinencia, podia produzir proporcionalmente ao Governo *Portuguez* o mesmo que produz ao Governo *Hespanhol*.

A Bulla da Sancta Cruzada podia soffrer um pequeno augmento na sua praestação, ou diminuir-se adiantando a data da esmola um anno, com o que *Portugal* podia remir-se da oppressão que soffre, na verdade muito mais impia, e cruel, que a dos *Christãos Captivos* pelos *Infieis*. A difficuldade, ou antes a delongas, que tem a *Comunicação da Igreja Portugueza* com o Summo Pontifice poderia auctorizar, e mover os Senhores Bispos, e Prelados d'estes Reinos, como interpretes natos da vontade do Supremo Pastor da Igreja, em casos de tanto peso, e difficuldade (muito mais sendo bem clara, e conhecida a vontade da Sancta Sé de *Roma*; e em assumpto de mera *Disciplina accidental*, e temporaria) a cada um declarar aos Seus Subditos, que a Bulla subsiste em todo o seu vigor e força, e que para que ella suffrague, e aproveite não é de essencia, que se tome o seu Titulo, ou Summario, sendo só preciso, que se dê a esmola da taxa, e bastando, que o tal Titulo, ou Summario se tome quando o Estado possa administral-o na antiga fórmula. Em um caso semelhante na *Hespanha* os Senhores Bispos fizeram esta declaração, e os Fieis obedecerão contentes, e satisfeitos: digo que obedecerão, porque na *Hespanha* todos são obrigados a tomar, e ter a Bulla, e de tal fórmula se procede, que ninguém se exime, nem pôde eximir.

d'este onus piedoso, e utilisissimo para os Fieis para a Igreja, e para o Estado, o que não succede em *Portugal*, onde o *Estado* e a *Igreja* não olhão pelo seu bem Espiritual, e temporal, quanto convem. Esta declaração Episcopal é urgentissima por todas as considerações, e especialmente em attenção ao Sancto Sacramento da Penitencia, em que na falta da Bulla ha de haver muitos embaraços, tropeços, e erros de grandes, e fatalissimas consequencias por ignorancia, e pelo desuso. Ah! *Que D. Pedro, e a sua Facção vão dando cabo do Catholicismo Portuguez!*

As pensões Ecclesiasticas, que em todas os Provincias de *Portugal* se pagão a Corporações, e a pessoas, que existem em terreno occupado pelos inimigos, devião já ser embargadas pelo Governo, e entrar immediatamente no Erario, ou por via de emprestimo, ou de Deposito, e nunca por sequestro, porque é odioso em Politica nas actuaes circumstancias, e porque pôde ser injusto, ou porque essas Corporações estão extinctas pelo Governo intruso, ou porque essas pessoas não estão visivelmente engajadas na Facção inimiga.

Os Bens da Corôa e Ordens podem tambem entrar no Erario, ou por via d'emprestimo, ou de Deposito, constituindo-se o Erario devedor. Quando o Governo obra de boa fé por necessidade da sua Salvação, e por interesse dos seus Governados, e cumpre religiosamente a sua palavra, todos os meios indicados, e outros de similhante natureza lhe são permittidos, licitos, honestos, decentes e airosos.

Que direi das Decimas Ecclesiasticas Extraordinarias, do anno de morto, e dos caídos de todas as Igrejas do Reino?

Direi alguma cousa das pratas dos Conventos, das Igrejas, Capellas, Irmandades, e Confrarias de todo o Reino? O Summo Pontifice já levantou a sua voz. *A causa que se defende em nome do Senhor D. MIGUEL é causa de Religião.* A Igreja de *Portugal* está perseguida espirital, e temporalmente por *D. Pedro*, e pela sua Facção. *Gaste pois a Igreja em sua propria defesa tudo o que lhe não é absolutamente indispensavel para o Altar.* Gastem os *Portuguezes* todos tudo o que de certo perdem, se forem vencidos por *D. Pedro*. Salve-se a Igreja, Salve-se a Grandeza, Salvem-se os Povos! *No interesse de todos está um grande, e inexaurivel Erario!* Sejão accites os titulos do Governo como o Papel Moeda! *Um Povo Heroico, e que na sua defesa dá bem fundadas esperanças de Victoria*, tem credito Nacional, e Estrangeiro, tem soccorros de toda a parte, sobejão-lhe empresarios, sobejão-lhe hypothecas, basta-lhe a sua palavra para achar tudo o de que precisa. *Eis o Erario Realista sem vexame dos Povos!* *Portugal está salvo, se escutar bem este Verdadeiro Ecco!!!*

Casa de S. Domingos 29 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 14.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

---

*A Culpa sem desculpa.*

**D**Ebaixo d'esta Epigrafe, que abrangerá mais de um Numero, parece que vou proseguir no meu officio de ralhar de todos, e de querer ensinar e convencer a todos. Os de cá, bem s'entende, os mordidos, queixão-se dizendo, que dou azos aos de lá para desfazerem na Causa d'ElRei e dos Realistas. Os de lá aproveitão as minhas redarguições aos de cá, e por ellas pertendem mostrar ao povo, que é má a Causa d'ElRei e dos Realistas. *Fortè bandallice Logica!* Ou antes refinada maldade! Os ladrões de cá são como os de lá, com a differença, que os de cá não commettem sacrilegios, nem desacatos á Igreja, nem violencias e barbaridades ás pessoas, como fazem os de lá. Os mãos de cá tem muitos defeitos, porém não obrão por systema, não são *directamente* impios, nem ferozes e brutos *ex professo*, como os de lá. Ora os Pedreiros de cá são como os de lá, com estas differenças: os de lá obrão como quem são, ainda que fallão, escrevem como não são: os de cá obrão publicamente como quem não são, fallão, escrevem publicamente como Realistas, e occultamente procedem; escrevem e fallão como quem são. Quaes são peiores, não pronuncio; quaes mais acautelados, sim, porque os de cá navegão com todos os ventos, e ou sempre lhes vai bem, ou nunca lhes vai muito mal: mas o certo é que senão fossem os Pedreiros, os credulos, e os ignorantes de cá, os Pedrei-

ros, e os asnos de lá, nem cá virião, nem cá poderião permanecer. O argumento, que os malvados de cá e lá formão, é o seguinte: *Alvito* ralha de muitos que estão na Causa do Senhor D. MIGUEL; logo a Causa não é justa. Ora este argumento é *aquartilhado*. A Causa do Senhor D. MIGUEL é justissima; mas alguns, que por cá andão, não obrão com justiça. Outro argumento formão os taes. *Alvito* diz que ha desunião entre os Realistas, e que não trabalhão todos pelo mesmo fim; logo os Constitucionaes são melhor gente. Este argumento é tão bom como este — Os Diabos trabalhão pelo mesmo fim; os Pedreiros tambem; logo os Diabos, e os Pedreiros são melhores que os Catholicos. Porém eu lhes deduzo a consequencia em regra: *Logo os Diabos, e os Pedreiros são uma mesma cousa*: E são com esta differença, que os Diabos já estão no Inferno, e os Pedreiros vão caminhando, e hão de ir para lá. Os hypocritas, e os malvados de cá formão tambem em seu favor este argumento. — As Folhas Constitucionaes ralhão de nós; logo nós somos bons Realistas. Olha que diabo de engodo para gentes credulas: as Folhas Constitucionaes ralhão dos taes de cá, porque ainda não passarão para lá; estão a chamal-os, e a enganar os menos avisados: *Qual é o Constitucional, que algum tempo não finja de Realista?*

*Operibus credite.*

Outro tanto se não pôde dizer dos Realistas, porque ha bem muitos, que nunca affectarão de Constitucionaes, e dos taes Realistas é de quem mais vivamente ralhão muitas gentes, por odio e por inveja, publicando-lhes outros defeitos, como se os homens não estivessem sujeitos a ter algum, ou exaggerando-os muito, ou assacando-lhes aleives: os taes Realistas, de que vou fallando, ou são os menos attendidos nas suas pertencões, ou são perseguidos, porque é muita a gente, que se conjura em que não subão, e em que descão: precisão pois os taes Realistas de viver com muita cautela, de fallar muito pouco, de se não declarar contra todos os grandes defeituosos Religiosos e Politicos, porque tem de luctar com muitos inimigos de toda a qualidade, e os muitos podem com os poucos. Ora aqui eston com os Realistas exaltados, e, como sou Ecclesiastico, eston com os olhos no Padre Mestre *Fr. Francisco Moreira Braga*, bem conhecido pelo seu nome em *Portugal*, e até na *Hespanha*. Este Religioso é uma polvora contra todos aquelles, que elle julga Pedreiros e Malhados, e os Pedreiros e Malhados são um raio contra elle: este odio já vem do tempo da guerra Peninsular, em que aquelle Religioso tanto se declarou contra os denominados *Jacobinos*; e, ainda que nem todos elles o fossem, todavia nenhum dos assittir



appellidados deu ao depois classicas provas de que tialha sido um bom *Portuguez* ! Onde quer que haja *Pedreiros* e *Malhados*, estando ahi o *Padre Braga*, eil-o sobre elles, e elles sobre elle; na *Hespanha* apalparão-no, em *Lisboa* degradarão-no, na *Figueira* retirarão-no, em *Braga* bigodearão-no, e tudo isto se fez, e se faz sob pretexto de *Lui*, e á sombra de defeitos, que se lhe assacão, não podendo jámais attribuir-se-lhe o de máo *Portuguez*: da sua perseguição tenho sido testemunha por vezes, e vi varios documentos: um só conservo, e é justo que o Publico o veja, para tirar certas consequencias. Ahi vai:

Reverendissimo Senhor. — Julgo não só prudente, mas necessario, que o *Padre Mestre Braga* não saia d'esse Convento durante o actual estado de cousas, e Vossa Reverendissima será responsavel pelos successos, a que possa dar occasião a falta de satisfacção, que houver n'esta minha requisição. Deos guarde a Vossa Reverendissima. *Figueira* 9 de Julho de 1832. — Reverendissimo Senhor Guardião do Convento de S. Antonio da *Figueira*. — *José Pedro de Mello*, Tenente Coronel Graduado, Governador de *Buarcos* e *Figueira*.

Bem lembrado estará o Publico de como n'essa data já os rebeldes estavam no *Porto*. E porque era então necessario, que o *Padre Mestre Braga* não saísse do Convento? Seria porque não tramasse uma revolução contra o Senhor D. MIGUEL?!!! Ou seria para que não declamasse contra uma traição tão manifesta, como de consentir-se ao inimigo, que tomasse posse do *Porto*, como quem entra em sua Casa?!!! Foi sem duvida por esse genio declamador, com que o *Padre Mestre Braga* se leva impetuosamente contra traidores, *Pedreiros*, *Malhados*, malfeitosores, ladrões, salteadores, tunantes, e contra os vis apadrinhadores de toda esta canalha, á qual se lhe póde cantar aquella:

*Ande em grilheta e grilhão,*  
*Quebrem-lhe pernas e braços;*  
*Quem a fizer em pedacos*  
*Faz bem, tem Religião.*

Ora como o nome do *Padre Mestre Braga* é odioso a toda esta canalha, e a sua perseguição venha mui de alto, como ainda farei publico por documentos; e como traidores, *Pedreiros*, *Malhados*, malfeitosores, ladrões, salteadores, tunantes, e apadrinhadores de toda esta matilha, haja em todas as classes; eis o porque mil vezes se fórmão contra elle, porque elle a todos chama pelos seus proprios nomes, e nunca s'engana, senão alguma outra vez com o *Padre* em razão de haver muitos, que se cobrem com a magta de *Realistas*, e não se ter ainda estabelecido o criterio para os conhecer exactamente, e não confundil-os com

os bons, nem outros máos de outra qualidade. Desgraçado aquelle Ecclesiastico, que não conhece senão a sua Folhinha; dando com outra não a entende, e não sabe rezar. Cada Bispado, cada Ordem Regular tem a sua Folhinha peculiar, e cada uma d'estas Folhinhas tem os seus Breves, que só entendem aquelles, que estão na combinação, ou que lêião, ouvirão, ou apprenderão a sua explicação: todos os Bispados, todas as Ordens Regulares, ainda que rezão por diversa Folhinha, tem um fim commum, que é dar louvor a Deos, e fazer bem a toda a Igreja. Temos a comparação do optimo para o pessimo: assim tambem cada uma Logea Maconica tem os seus breves, tem os seus sinaes diversos, que são difficeis d'entender sem explicação, e todas tem um fim commum, que é *beijar no rabo ao Demónio*, e fazer mal a todo o Catholicismo: assim tambem a canalha dos malfeitores, ladrões, salteadores, tunantes, e dos seus apadrinhadores, ainda que empregão diversos meios, todos produzem os mesmos effeitos, que são enriquecer-se a si mesmos, empobrecer os outros, aniquillar o Estado, descontentar os póvos, e levar a todos ao ultimo desespero. Ora o Padre Mestre *Braga*, que vê estas cousas, não podendo como bom Realista, Christão e Sacerdote, encobrir tantas traficancias, bota-se aos seus auctores como *Sant-Iago aos Mouros*, ou elles sejam Ecclesiasticos, que tambem os ha comedores de primeira classe e ordem, maxime tendo uma auctoridade vai não vai como Episcopal; ou elles sejam Militares de qualquer graduacão, maxime sendo mandões de Provincia, ou de Guerrilhas, que os ha caloteiros, malfeitores, e passadores de contrabandos, que é um desesperar; ou elles sejam Auctoridades Civis, que as ha que não fazem justiça, mas vendem-na, e sem dinheiro não se movem, e por dinheiro movem os presos para a rua, e deixão os réos mover-se livremente; ou elles sejam mandarins da Ordenança, que os ha taes, que encobrem os desertores, e até em suas mesmas casas tem gentes *rés* de opiniões Politicas, e tudo isto, já se sabe, pela maldita chuchadeira: pois a todas estas boas almas, e não de Deos, como tantos desservicos fazem a Deos e a ElRei, o Padre Mestre *Braga* anathematiza-as no pulpito, em conversas particulares, e em cartas; e eis toda a causa, porque os tratantes não o deixão socegar, como elle não cessa de lhes pôr a calva á mostra; e quem não quer ser lobo, não lhe vista a pelle. Outro juizo porém, outra consideração e estima tem merecido e merece o mencionado Religioso aos bons *Portuguzes*, aos Empregados, que são limpos de mãos, ás Auctoridades, que não tem *rabo de palha*, em uma palavra aos verdadeiros amigos d'ElRei e da Patria: disto relevantes documentos tem elle de todos os tempos; eu pude haver ás mãos sem seu conhecimento o seguinte:

O Doutor *José Manoel Ferreira de Sousa e Castro*, Fidalgo da Casa Real, Desembargador da Relação do Porto, com exercicio de Juiz Conservador da Universidade, Delegado da Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, nas tres Comarcas de Coimbra, Aveiro e Feira, etc. Faço saber que em execução de Ordens Superiores, que me forão communicadas, parte desta Cidade *Fr. Francisco Moreira Braga*, com-direcção á Provincia do Minho, seguindo a estrada que julgar mais conveniente, e vai encarregado de uma Commissão importante do serviço d'El-Rei Nosso Senhor, o Senhor D. MIGUEL. Pelo que rogo a todas as Auctoridades, assim Militares como Civis, lhe prestem o auxilio necessario para desempenho da dita Commissão, que por ser confidencial, se não declara n'esta parte. Coimbra 12 de Julho de 1832. *José Moreira Dias*, Escrivão das armas da Universidade e da Policia o escrevi. — *José Manoel Ferreira de Sousa e Castro.*

Que os asselvajados tripeiros representassem o Padre Mestre *Braga* montado em um burro Capitaneando a sua Guerrilha, não faz espanto pela grande osca, que lhe tomárão por haver desmontado Pedreiros bem montados, que no mez de Agosto de 1833 pertenderão revolucionar a Cidade de *Braga*, e toda a Provincia do *Minho*: a todas essas erupções tripeiraes responde o Padre Mestre *Braga* com amiudados cumprimentos Russianos: mas que os que se chamão amigos d'ElRei e da Patria, lhe ponhão o nome de esturrado para o perseguirem, ou ao menos desacreditarem, é culpa que não tem desculpa, porque o dito Religioso ralhando diz as verdades, e com imposturas, mentiras e tratantices não se serve a Deos, a ElRei e á Patria. Clamando e tornando a clamar, grandes miadas tem elle desenredado em todos os tempos, e crua guerra tem feito aos mãos *Portuguezes*: por ventura se dêva em parte á força dos seus brados a perseguição dos Malhados, ladrões e desertores, que armados e com *munições Inglezas* infestavão a *Povoza de Lanhoso*, e outras terras do *Minho*; como o Publico lhe deve pela sua correspondencia a certeza de que os dous *Batalhões Belgas*, que o trapalhão *Chronico do Porto* disse haverem alli desembarcado, erão sómente oitenta *Francezes*, que *D. Pedro* mandou de *Lisboa* por não quererem mais andar na sua causa. Tambem o Publico deve á sua assiduidade em buscar, e dar noticias consoladoras, a certeza de que o *Almirante Eliot* se appresenta na primavera com a Esquadra d'ElRei, da qual Esquadra duvidavão certas gentes que de tudo duvidão, sem quererem dar-se ao trabalho de ler as Folhas Estrangeirãs, onde acharião, como eu, toda a certeza de que o Senhor D. MIGUEL tem em seu favor, e as suas or-

dens uma Esquadra forte, que se o Exercito cumprir seus deveres, e tiver um pouco mais de espera, ha de acabar com o essencial das forças de *D. Pedro*. Que differença pois do Padre Mestre *Braga* a outros Ecclesiasticos, e especialmente ao já tanguido na minha primeira Publicação, que em vez de ser agente do Senhor *D. MIGUEL* foi um fiel servidor de uma certa Facção, que atraçouu o Throno e a Patria!!! Porém o *Braga* tem má lingua, dizem certos Realistinhas, e má lingua se chama hoje a quem diz as verdades; como chamão boa lingua a quem mente, adula, lisongeia e incensa: esses são os bem succedidos, os bem informados, os que se mettem á cara, em quanto aos outros nem uma *sêde de agoa*, e muito regateada. Que nos valha Deos: eu estou de volta com todos os Realistas esturrados, e a dizer, puros, ou que nunca dobrarão o joelho ao idolo da revolução, e tomei o Padre Mestre *Braga* por paradigma, e elle declina por ai além sem anomalias, e dará muito em que entender. Ha bastantes chamados Realistas, que se parecem com os Pedreiros, e não o são, e ha alguns Pedreiros, que se parecem com os Realistas, e não o são: os Realistas puros tem dous RR, *Religião e Rei*: os Pedreiros tem dous PP, *Patifaria e Podridão*; patifaria, porque em materias politicas, são capazes de oompor-se, e fingir-se; podridão, porque em conversas Religiosas escorregão, não podem deixar d'escorregar, vão-se por si sem que se sintão, e a um bom olfacto Catholico lanção um fedor insopportavel: esta é a minha pedra de toque, com ella fui sempre o contraste, e nunca me enganei; se a este bordão se apegar o Padre Mestre *Braga*, e todos os seus semelhantes, jámais s'enganarão com os Pedreiros por muito que se componhão e finjão em materias politicas (pois nas Religiosas manquejão sem falta), como se não enganão com os ladrões, salteadores, tunantes, malfeitores, e seus apadrinhadores.

Mas eu, que nunca para mim soube procurar *la buena dicha*, quero lel-a ao Padre Mestre *Braga*, e a milhares de *Portuguezes* da mesma declinação. *Incensa, Compadre, incensa*, direi a todos os meus amigos, que desejarem conservar-se, augmentar a sua fortuna, e viver tranquillos, bem entendido, esquecendo-se da consciencia e da honra, que é cousa que pouco lembra ás gentes, que olhão mais para esta vida, que para a eterna, onde as cousas hão de apparecer com aquella verdade, que tanto desagrada aos filhos do seculo, e muito mais d'este seculo das petas.

Se alguém tiver negocio com certos Militares, entenda que não ha melhor cunha, que a do mesmo pão, reis e mais reis, porque muito, e bem ha pouco quem, e mesmo aquella cozinheira do Evangelho, *Martha* por nome, devia querer cunha

para assegurar as panellas, e de reis tanto podia precisar quanto chegasse para os guizamentos por tal fórma, que cunha do mesmo pão pouco serve, mas *cunha de reis*, ou de dinheiros serve, ou Ecclesiastica ou Militarmente. *Incensa, Compadre, incensa*, mas incensa com dinheiro, que dinheiro tudo val, e tudo faz com quem tem honra de gato, e vergonha de cão.

Se alguém tiver cousa com um Vigario, ainda que este seja Capitular, chegue-lhe azeite e mais azeite, porque as *Corujas* são amas que tudo aproveitam, e se não morrem nas agoas como as *Narcisas*, também perecem como as *bonitas*, e de todo o feitiço *incensa, Compadre, incensa*, que amigos te não faltarão, porque a honra já lá vai, e quem nasceo vendendo sardinhas, não quer na Igreja andorinhas.

Se alguém tiver negocios com certos mandões da guerra, *incensa, Compadre, incensa*, se outra cousa não pôde ser, ou o melhor e mais seguro, metta a *Fragata Liberia* pelo Estreito dos *Dardanelios*, carregue-a bem de prata e ouro, e vá para o seralho, que se lá não for favorecido pelo trovão do Ceo, não será incommodado pelo raio do mundo, e val quem tem, pois *quem não tem, não val nada*.

Se alguém tiver consa com Desembargador, *incensa, Compadre, incensa*, ou se calle, ou envie-lhe, ainda que pela mulher seja, os casaes de perús, as teias de linho, e se forem franzidas de prata, ou ouro, melhor é muito melhor.

Oh! Que muita gente não sabe levar a vida, e eu não posso fallar! Muita cousa tenho visto, *algo* tenho ouvido, e protesto, que *ser homem de bem custa muito*. A regra de viver é assoldadar, porque gente assoldada, ainda que serve para nada, todavia falla, escreve e informa bem de quem lhe paga, em quanto *João de la Cruz* anda, que é um bom moço de recados, e dá contas do que lhe encarregão, e despacha canastras de vinagre para o *Norte de Portugal*.

Ora onde irá dar esta lenga lenga? É o desempenho do thema. — *A culpa sem desculpa*: lá o dirão os queixosos, e o Commissariado não s'esquecerá de botar-se a mim como gato aos boches. Callem-se, e sigão meus conselhos todos os que querem fazer fortuna, pois quem quer *anda e manda*; e a *candeia*, que *vai diante allumia melhor*: mas eu que não quero, nem posso esperar outra fortuna, que a de que meu Rei e Senhor D. MIGUEL vença e triunfe, sou peor que o Padre Mestre *Bragá*; corro todos os cantos do Reino, em todos acho peor, e descarregando em *Santarém*, acho pouco pão para os Soldados, e como que vejo vender-se muito nos fornos, além do que em farinha e em grão se vende, se tira, e cerceia, e muitos Empregados vão

bem no negocio: das rezes mal me lembro, porque estou em Sexta Feira. Porem irão de *Santarém* para os rebeldes? Ah! *Bom Braga em Santarém!* Eu para fallar não sirvo, para escrever menos mal. Viva ElRei! Mas se o Commissariado não é capaz de conservar o Exercito, então direi que a traição está ali, e que a Esquadra não chega a tempo, porque o Commissariado perde o tempo concorrendo para a defeição, diminuição e deserção do Exercito, que tendo um pouco mais d'espera, segura está a *Victoria*: está é *culpa sem desculpa*. Meu Rei! O Exercito e os Póvos não faltão; mas elles querem comer! Olhai, meu Rei, pelo Commissariado, e acabai com os traidores e com os ladrões, que ainda são bem muitos.

Casa de S. Domingos 31 de Janeiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buella Pereira de Miranda*.

---

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

*Com Licença.*

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 15.



*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolae, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

*A Culpa sem desculpa.*

DE quanto o nojento *Gandara* tem dito e disser de mim, nada me offende tanto como dizer, que sou Escriptor assoldadado. Dize vil: Porque premio? De preterito, de presente, ou de futuro? De preterito deu-se-me o Beneficio mais tenue do Padroado Real, e nenhum Sacerdote obteve Despacho menor que o meu, ainda que ElRei desejou que fosse grande. De presente sollicitei no mez de Junho de 1832 o Beneficio de S. Eulalia de *Gondoriz*, uma vez sómente fallei n'este negocio, e elle não subio á Presença Real senão no mez de Outubro de 1833, quando a Palavra d'ElRei já estava empenhada. De futuro, deduzindo pelos antecedentes, só posso esperar *imediatamente* d'ElRei. Onde pois está a soldada? Estará na venda dos meus Escriptos? Ainda não accitei, nem exigi um real, salvo em quanto estive em *Lisboa* em razão de não ser sufficiente alli a Congrua de *Rebordosa* de duzentos mil reis, pagando d'elles a Decima ordinaria e extraordinaria: estas são cousas bem publicas, e todavia vivo contente, não faço lama nas Secretarias, não importuno, não incenso, não faço a Côte, não adulo, antes com todo o despejo digo pão pão, queijo queijo. Onde está a soldada? Ah! *Gandara*, ou *Chronico* fementido! Por ali além para se obter um Despacho, sacrificou-se a propria mulher; as irmãas, as filhas. . . Conheco-vos, e insinuo verdades, para repellir a calumnia de assoldadado. Se eu

escrevesse com outro fim, que o de advogar a Causa de Deos, dos Reis e dos Póvos, não teria esgalhado tanto a penna contra umas tantas figuras poderosas em tramas e calunias! Teria feito elogios d'encommenda, que ainda pouco ha se me pedirão, e eu mouta! Não: eu escrevo seguindo a minha convicção, e segundo as precisões do Exercito e dos Póvos: tomara eu que ElRei nie desse liberdade de dizer mal, e então sairia á rua o rol da roupa enja de certos Pedreiros, Ladrões e Traficantes: eu não apprendi a incensar se não na Igreja. *Qual Escriptor de qualquer Partido se tem ardisado tanto na sua defesa como eu?* Franqueza, desinteresse, candura e ingenuidade, igual não é facil achar-se; os Constitucionaes despidendo-se das prevenções de partido, e os Realistas de bom senso reconhecem que escrevo sem ambição, pois quem corta não endireita, e eu corto, e tenho cortado, e vou cortando, que é um louvar a Deos como os Realistas puros, saltão de contentes vendo que ainda ha verdade na penna! Coussa rara! Pois hoje escrever e mentir são synonymos. Vejo essas Folhas Estrangeiras, ou esses lençóes de dous e meio, tres e quatro ramos: mentiras tão porcas nunca tanto enjirão o papel. Fallão em *Tratados*, e são *Tratadas*, e grandes tratadas; em não-intervenções, e são verdadeiras *conspirações*; em paz, e é a guerra mais crua: até a sensata *Hespanha* perdeo já a cabeça, muda de lingoagem, e seus Folheteiros são outros tantos Almoreves das petas: dizem que a *Successão Femea* foi estabelecida em Côrtes legitimas, e ellas nem ao menos tiverão a Sanção Real; que a dita *Successão* foi jurada livre, e unanimemente; e tal liberdade não houve, e muito menos unanimidade, pois muitos dos chamados para prestarem juramento o fizeram com restricção *sem prejuizo de terceiro, sem lesão de mais fortes Direitos*; que a Sancta Religião é tractada com o mesmo anterior respeito, e a auctoridade dos Bispos é coarctada, e os prélos já suão com o peso de invectivas contra o Episcopado e Sacerdocio; que os Póvos estão tranquilllos e accommodados com o Governo *Christino*; e as Cadeias de toda a *Hespanha* tão entulhadas se achão de *Carlistas*, que o Governo *Christino* se vio precisado de lançar mão de muitos edificios para cadeias; que o Governo *Christino* sustenta a Monarchia Pura, e o dito Governo desarmou os Voluntarios Realistas, e armou os *Voluntarios Constitucionaes*, ou *Civicos*, com o nome de *Christinos*; que em poucas Terras da *Hespanha* soou o grito de *D. Carlos V.*, e não houve alguma, em que se não dessem vivas a ElRei *D. Carlos V.*; que os *Carlistas* forão completamente destroçados, e todos os dias ha batalhas entre elles e os *Christinos*, sem que estes cantem ainda o triunfo da femea, antes andão em papos de aranha, e



temem levar pelas ventas. Eis aqui como as cousas vão, e como as mentiras voão; mas eu não como araras, e a taes fanfarronadas *Christinas* respondo — *q otro perro con ese hueso*. E senão, porque são essas lamurias em *Paris* e em *Londres*? Porque o Ministerio e todos os maiores cargos passarão para os Deputados, e Constitucionaes de antanho? Porque disse o Ministro *Francez*, que o Governo *Christino*, e o *Throno Femea* era analogo ao Governo e ao *Throno da Franca*? Que querem dizer todas essas arengas? Temol-a tramada; mas eu sou Vassalo *Portuguez*, e entretenho-me mais com as Folhas Constitucionaes, que tambem defendem o *Throno Femea*, e todo o caso é a Carta, a Constituição, e por fim a Republica: ora mentir como mentem os Constitucioneiros de *Portugal* é cousa nunca vista, e é de pasmar o que elles são de velhacos, e o que são de tolos os que os acreditão: o rabo é o mais máo d'esfolar, e os inimigos ainda que vão deitando as mãos de fóra das duas Cidades, para tomarem o Corpo do Reino, tem de suar, e de certo ficão fazendo cruces sem levarem a sua avante.

Tudo são vantagens dos Constitucionaes na penna d'elles. Ora digão peteiros do diabo: não estiverão nas fileiras do *Duque de Bragança trinta mil Estrangeiros*? E que é d'elles? E com todos esses auxilios, que vantagens terião elles conseguido, se a traição não os tivesse favorecido? Sim, occuparão *Lisboa*, e de *Portugal* esqueceo-se a *Alliança Europea*, devendo saber que o Senhor D. MIGUEL não tinha afazeres com os seus Vassallos, mas com os Revolucionarios de toda a *Europa*, que assopravão n'esta parte do Mundo a revolução geral. *Portugal* foi esquecido, mas nem por isso será vencido! Que adiantarão as poucas Familias *Portuguezas*, que julgando estar a victoria do lado de *D. Pedro* ficarão com elle, e andarão no seu serviço? As Virgens Vestaes do *Porto* forão as primeiras que ficarão em *netas* pela brutalidade dos Estrangeiros! Nunca as *Portuguezas* passarão por tal enxovalho e indignidade! O desaforo do *Porto* repetio-se em toda a parte, onde entrarão os Estrangeiros assoladados da revolução. Já não prestão em *Portugal* as Folhas Constitucionaes; obras desmentem papeis; os Póvos do *Algarve* e do *Alemtejo* levantão as mãos ao Ceo em accção de graças, quando as Tropas do Senhor D. MIGUEL ali chegão; então cessa o roubo, a brutalidade, a violencia e a carnagem, que em *Lisboa* e no *Porto* se assoalhão com a maior impunidade, e com o mais inaudito descaramento. Onde estão os triunfos Militares dos inimigos, quando não são auxiliados por Forças Estrangeiras? Tem elles que respingar a Accção de *Alcacer do Sal*? Tiverão elles outra, que se lhe pareça em quasi dous annos de campanha? Ora

que prazer completo tem elles tido em tanto tempo? Embora sejam para elles algumas Festas Bacchanaes; as de *Venus* serão todas para os Estrangeiros com vergonhoso acclinalho das mesmas familias Constitucionaes! *Junot* não enxovalhou tanto o sexo feminino! Ah! *Gandara* vil, baixo, torpe e mentiroso! Elle na linha dos bandalhos e dos abandalhados está na primeira classe! Mas sem vergonha, sem pejo, sem pudor, muito mais despresivel que um burro *podre* deitado a uma esterqueira, elle se tornou insensivel a todos os estímulos de honra, sentimentos e decencia: mente por officio, natureza, profissão e habito: e ainda ha quem o acredite? É culpa que não tem desculpa! Porém o Governo, que os Constitucionaes defendem, ou invocão, elle é o que fôrnia a vanguarda dos embusteiros. Eu fallo sómente com o Governo Carteiro de *Portugal*; porque os representativos dos outros Paizes, como são de *tuengas tierras, mas tuengas son sus mentiras!*

Que as Fôlhas Constitucionaes mintão, quando transcrevem os Artigos Officiaes, não admira, ainda que trasladar mentiras conhecidas é mentir por bocca propria. Ali está á testa d'esses Offícios o primeiro impostor *Zé do Chapelorio*; esse ridiculo, e abjecto Maçon, que outr'ora quando foi a tripeirada do anno de 1820 não despachava Magistrado algum que não fosse por uma Simonia Maçonica, não conhecida pelo *Larraga*, é a saber, pela Sodomia, ou por baizezas de mão. Se estará lembrado esse torpe e patife Pedreiro de quando sendo Ministro d'Estado foi chamado pelas Lojes, e por ellas reprehendido e castigado a ponto de beijar os pés aos da Sucia, só por um mesquinho favor que fez *pela mão* ao Mosteiro onde vivia o vilissimo *João Victô de São Boaventura*? Se elle estará recordado do vergonhosissimo papel, que teve de fazer, quando foi obrigado a lançar mão do Padre *José Agostinho de Macedo* para remendar os descompostos Offícios de *Luiz do Rego*? Tanta miseria, tanta ignorancia, tanta burricada só podia caber nos Constitucionaes de *Portugal*! Que é o que hoje acontece? Como descrevem elles os heroicos feitos do immortal Conde d'*Almer*? Com que côres pintão elles os brilhantes successos do *Alemtejo* dirigidos pelo Heroe de *Alcacer do Sal*? Como representam as audacissimas e extraordinarias empresas do *Camacho*, de *Estevens* e dos outros Campeões do *Algarve*? Que Magistrados tem elles que ao mesmo tempo, que administrão justiça aos Póvos, desembainhão heroicamente a Espada em sua defesa? Parecem-se os Constitucionaes de *Portugal* a uma recua de machos guiados e precedidos de um burro; em quanto este vai com o seu juízo asneiral, aquelles vão acertando o passo, sobem e descem as costas menos mal, as

cargas vão directas, e parecem machos expertos; vai quando não dá a mosca no burro, começa a correr, correm os machos, descompõe-se as cargas, escangalhão-se uns com os outros, e lá vai burro, machos e canastras: ora os burros conductores dos Constitucionaes são os seus Ministros d'Estado e os seus Escriptores, os machos de carga são os que vão em seu seguimento; precipitação-se os conductores, e tudo vai de foz em foz! Tal é o estado em que se achão actualmente os Constitucionaes de *Portugal*: se a precipitação e a maldade é a sua fôrma intrinseca, a burricada e a mentira é o que apparece exteriormente: se ainda alguém os acredita é por culpa que não tem desculpa.

Mas onde apparece mais a mentira e a burricada das Folhas Constitucionaes é nos artigos, que são da sua lavra. Dizem ellas, que *D. Pedro* mandou para as *Costas d'África* e *d'Asia* tantos e tantos centenares de Ecclesiasticos a Evangelisarem aquelles Povos, e elles são Ecclesiasticos degradados, que pela maior parte acabão a sua vida antes de chegarem ao seu destino. Dizem ellas, que chegarão ao *Porto* tantos Batalhões de reforço que *D. Pedro* mandou de *Lisboa*, e que a *Lisboa* chegarão tantos Batalhões do *Porto*, como se *D. Pedro* pudesse dispensar alguma força em algum dos pontos que occupa, sendo que elle nunca em tanto apuro esteve, ainda que faz os ultimos esforços de um desesperado, antes que chegue o mez de Abril, que de todo lhe ha de tolher as esperanças de triumphar, e o certo é que esses reforços, que vem para o *Porto* são dos Moveis e Fixos de *Lisboa*, que lá não fazem conta a *D. Pedro*, e os reforços que vão para *Lisboa* são dos Moveis e Fixos do *Porto*, que já estão cançados do peso das armas, e não se havião offerecido senão para defesa de suas Casas, que hoje vêm ronbadas e invadidas por barbaros Estrangeiros, que acolhêrão. Onde não chega a mentira e a burricada, e ao mesmo tempo a sua miseria e pobreza, que já não podem viver e subsistir, senão, ou roubando, ou guerreando? *Eis a recua dos machos guiada e precedida pelo burro*. Porém para me livrar por uma vez da impertinencia de tantas mentiras e imposturas dos Constitucionaes, com as quaes ainda se illudem alguns tolos, como dos reconhecimentos da *França* e da *Inglatterra*, Nações, que vivem em maiores cuidados que os dos ignorantísimos e vilísimos Constitucionaes de *Portugal*, eu devo vir ao exame de duas imposturas, uma Politica, outra Religiosa. A primeira diz-me respeito.

Como eu escrevesse no *Correio do Porto*, que o artigo Finanças entre os Constitucionaes dêra em droga, o grande Financieiro *Gandara*, que nunca soube governar a sua casa, nem a sua familia, fôrma um paralelo da exportação de vinhos no *Porto*.

no ultimo anno, em que ahi governava o Senhor D. MIGUEL, e no anno seguinte, em que governou a intrusão, e faz este argumento. Tantas mil pipas mais s'exportarão no Governo de *D. Pedro*; logo as suas Finanças são maiores, e estão em melhor conceito, que as do Senhor D. MIGUEL. Tem o *Gandara* alguma cousa de manhoso: tire-se-lhe a albarda, e ver-se-lhe-hão as mataduras porcas e asquerosas. Tantas mil pipas de vinho do *Porto* forão dadas a alguns Capitalistas *Inglezes* em principio de pagamento da grande divida, que ha contrahido com elles a Faccão *D. Pedro*! Ora vem cá tunante *Gandara*: isso é exportação? Isso é Commercio? Embora se pagassem os Direitos de saída; mas o meu caso é com os Direitos d'entrada, que é o que alguma cousa deixa accidentalmente ao Estado, ainda que essencialmente o desfalca. Pagarão alguns Direitos tantos fardamentos, armamentos e petrechos de guerra de toda a qualidade, que entrarão pelas barras de *Lisboa* e do *Porto*, para o serviço da rebellião? Pois essa é a maior importação que tem havido, porque todos os outros artigos Estrangeiros, que tanto consumo tinham em *Portugal* antes da rebellião, depois quase nenhum tiveram. Os Realistas, ou por amor Nacional, ou por outras circumstancias, accomodarão-se quanto foi possível com as producções e manufacturas do Reino, e este bom gosto continúa: os Pedristas tambem pouco gasto derão aos artigos Estrangeiros, salvo o que pertence ao seu Exercito; as Collectas de parte a parte a todos fustigarão; *Portugal fica pobre á direita e á esquerda*; a invasão deu um grande saque a toda a Nação. Qual pois pôde ser o estado das Finanças nas Cidades de *Lisboa* e do *Porto* depois de governadas pelos inimigos, e quasi sem communicação com o corpo do Reino, e com os portos seccos da *Hespanha*, se mesmo antes da invasão era comparativamente mui pouco o que se despachava nas Alfandegas pelas razões allegadas, além do máo regime e da má fé, que havia em uma Administracão recheada de traficantes e de Pedreiros d'alto cothurno? Póde o burro velho do *Gandara* responder a esta demonstração? Mas cesse o exame d'estas imposturas sem entrar nas politicas á cerca do bom acolhimento, que dá o Governo de *D. Pedro* aos que se passam para o seu bando, ou que se deixão ficar por lá: dos Ecclesiasticos já todos o sabem, e *não fossem elles tolos*, pois devião conhecer a fundo, que o character da Faccão *D. Pedro* é todo perseguidor da Igreja e dos seus Ministros: os outros Realistas bem caro tem pago o engano: mas os Officiaes, esses são bem tractados alguns dias, presos d'ahi a pouco, e admittidos a serviço em tempo nenhum: estes são factos, e bem devião conhecer esses Officiaes de duas caras, que a Faccão *D. Pedro* tem Officiaes, que farte, e que o de

que ella precisa, e o que pertende é desfazer o grande Exercito do Senhor D. MIGUEL, humilhar os Povos, e escravisar a Nação, o que de certo hão de conseguir *quando as rans tiverem barbas. Tolos! Asnos! Burros!* E ainda alguém os aceredita? Essa é culpa sem desculpa.

Outra impostura Religiosa apparece nas Folhas Constitucionaes, e essa é de *Decreto* mandando o *Zé do Chapelorio* em nome de *D. Pedro* ao seu Juiz de Fóra de *Oeiras* hir tomar posse do Convento dos Religiosos Brunos de *Laveiras*, e ao Parocho d'este sitio consumir o Sanctissimo Sacramento. Lá foi o Parocho, e que achou no Sagrado Vaso? Nada: O Sanctissimo Sacramento já fóra consumido por um dos dictos Religiosos antes de se retirarem: *a sua pobreza mais que Franciscana, elles lá a deixarão*, e vierão com as mãos lavadas *tamquam nihil possidentes*; mas vierão regalados com JESU CHRISTO *tamquam omnia habentes*: bem sabião os Sanctos Religiosos, que o Sanctissimo Sacramento, se o não consumissem, hia ser desacatado, profanado e conculcado pelos impios sequazes de *D. Pedro*, que de tão horroroso sacrilegio, ou Deicidio tem dado e repetido amudados exemplos. Mas que vem ao caso aquelle *Decreto do Zé do Chapelorio*? Impostura e mais impostura: affectar zelo pela Religião, e desaccreditar aquelles Sanctos Religiosos da *Cartuxa* por descuidados no seu Ministerio, tendo elles dado exuberantes provas da sua perfeição Ecclesiastica e Regular, e da sua Virtude: elles deixarão o Mundo por amor de JESU CHRISTO, elles deixarão o seu saudoso Claustro por amor do Rei Ungido de JESU CHRISTO, mas nunca deixarão a JESU CHRISTO; vierão com elle, peregrinarão com elle, fugirão dos impios, e não abandonarão a Deos; assim Deos os ampara, consola e fortalece no seu degrado, na sua pobreza, e nos seus penosissimos trabalhos. Que? Querião que elles lá ficassem na bocca do lobo? Para que? Para hirem para bordo d'alguma embarcação podre como tem hido a *Communidade de Mafra*, e a dos *Capuchos da Alameda*?!!! Ou para lhes ser extinto e profanado o seu Convento pelo Consistorio Ecclesiastico do Padre *Marcos*, Conego *Lima* (Loio!!!), e mais tunantes Scismaticos, Apostatas Religiosos e Politicos?!!! Qual será o Regular, ou Ecclesiastico, que ainda espere a *D. Pedro*? Tão bem os tem elle tractado, e a sua Governilha e Soldadesca?!!! Ecclesiastico, assim Regular como Secular, que, podendo sair, se deixa ficar com os Pedristas, ou é tolo, ou é traidor ao seu Ministerio, a ElRei e á Patria: como tolos já muitos tem pago a sua asneira; como impios não estão longe de pagarem a sua traição Religiosa e Politica.

Dar a Collecta por *D. Pedro*, e por sua Augusta Filha é fazer na liturgia sagrada uma novidade, que vai muito contra as declarações do Summo Pontifice, e contra o Rito Ecclesiastico. Tanto Pedreiro, tanto Jansenista, tanto Indifferentista, *tanto tolo, nunca o Clero Portuguez teve!* Cumprir ordens e determinações de Prelados e de Parochos intrusos, acceitar d'elles cargos e administrações de Igrejas, commetter mil nullidades e sacrilegios em materia de Sacramentos, isto não é só tolice, é maldade, é desaforo, são crimes que demandão de prompto o restabelecimento da Sancta Inquisição, e que se arvore o estandarte da Fé! Obedecer voluntariamente a *D. Pedro* é uma traição manifesta ao Senhor D. MIGUEL, e traição que em Ecclesiasticos não deve ter perdão: *São culpas que não tem desculpa*; va-se-lhes ás costas todos os dias com boas disciplinas, reclusão perpetna em Conventos austeros, e pão e agoa tres dias na Semana por toda a vida: não haja contemplos. Mas ah! Que ainda ha moderadores com o nome de Realistas. Meu Rei! *A Ecclesiasticos traidores não perdosis, porque Deos ha de tomar-vos conta, se tal fizerdes.*

Casa de S. Domingos 3 de Fevereiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda.*

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

Com Licença.

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 16.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

---

## *A Culpa sem desculpa.*

QUE o homem duvide de muitas cousas, que nem o tocão de perto, nem lhe dizem respeito, pôde ser admissivel, quando elle é indolente em dezejos de descobrir a verdade, ou quando a escassez dos seus talentos lhe não permite abalançar-se além da sua esfera. Que importa ao Lavrador saber, se é o Sol, ou a terra, quem se move, se ella nunca lhe foge debaixo do arado, e o Sol a fecunda, ou elle ande, ou desande, ou esteja parado? Que importa ao Viajante saber, que distancia ha da Terra a *Saturno*, ou a *Mercurio*, e o tamanho que elles tem, se este conhecimento nem lhe diminue o caminho, nem lhe poupa o cansasso? Se aquelle duvidar de uma, e este disser que não pôde conhecer a outra, porque não interessão na affirmativa, ou negativa, nem possuem talentos para disputar classicamente, e toleravel, não é reprehensivel: nada pôde admirar em um rustico sobre taes objectos, quando tem havido homens, que se jactão de indagadores da verdade, e de Corifêos dos apuros da razão humana; isto é, Filósofos, que estabelecêrão por these não haver verdade conhecida debaixo da evasiva resposta — *pôde ser que sim, e pôde ser que não* — a tudo que se lhes propunha: mas estes mesmos acerrimos discipulos de uma Seita, que provoca o riso, cedião da sua ridicula teima, quando ao estallo de um desalmado bofetão, que se lhes pespegava, se queixavão de o terem levado. O

soffrimento e a experiencia propria tem milhares de vezes pateado a verdade, que a malicia, ou a ignorancia tem regeitado: os mesmos Escolasticos tiverão o pão, ou cacete por um especifico tira-teimas, e um chicote desfaz duvidas, corta razões e vence mais difficuldades em Sciencias, que a espada de *Alexandre* em Armas. Nunca poderá persuadir-se a um homem, que o fogo não queima, e que a neve não é fria, e que o vivente não morre, verdades da primeira intuição, e que tocão muito de perto a sua sensibilidade: negar estas e outras verdades que s'experimentão, que se soffrem, seria uma culpa a que nunca poderia admitir-se outra desculpa, que a de tolice, loucura, fatuidade, parvoice, ou demencia: quem tal fizesse deveria ser classificado, não na especie dos burros, mas no predicamento dos loucos, e então a Orates com elle, e chicote sobre os homoplatos, ou pelas orelhas.

Se o homem o mais estúpido, viajando por uma estrada na companhia de muitos homens, encontrasse no caminho um terrivel precipicio, e visse que os que marchavão na dianteira seguião uma vareda, da qual todos se tñhãõ despenhado, e elle mesmo cahisse, e se escalavrasse desde os pés até á cabeça, e escapasse d'aquella; se lhe succedesse ser-lhe necessario intentar a mesma viagem, duvidaria elle de que era máo o caminho que antes o havia despenhado? Seguiria elle aquella vareda segunda vez, ainda que os companheiros lhe pintassem com as mais vivas cores, que não havia que recar, que o caminho era bom, era excellenté, e outras imposturas d'este genero? Não certamente; porque um irracional faria outro tanto, e não havia desculpa, se practicasse o contrario em culpa tão manifesta. Logo em que classe se devem collocar aquelles *Portuguezes*, que não só uma, mas duas e tres vezes, se tem deixado enganar das imposturas Maçonicas, quando uma verdade terrivel nascida de uma experiencia, que tão de perto tem tocado a sua existencia fisica e moral, lhes tem mostrado, que ellas não tem variado, que sempre são as mesmas, e que os resultados da sua credulidade tem feito, fazem e farão a sua desgraça e a de suas familias? Ninguém lhes poderá assignar classe, porque a sua estupidéz não admite comparação. Vou entrar em materia, e verei se por esta maneira sou ainda util á Patria em que vivo, ao Rei que adoro, e á mesma humanidade: não é só a espada quem faz grandes serviços á Sociedade, ainda que ella é indispensavel para debellar os inimigos: a penna convem muito, e é indispensavel em todo o tempo. Que serviços não tem feito a Poesia, a Historia, e sobre tudo a Filosofia, quando s'empregão dextramente sobre assumptos uteis?



Porém, depois que as verdadeiras Sciencias forão substituídas pelo delirio dos Sabios modernos; isto é, depois que a luz da razão humana foi substituída pelas trevas do curso livre das paixões e dos crimes; postergado o temor da Divindade; a verdade abotida pelas pompas da mentira, horrores e desventuras forão a partilha do malfadado Mundo. Os homens aberrarão do caminho, que o Mundo trilhára por mais de cinco mil annos, e a mais horrorosa confusão e desordem veio pairar sobre a ordem social para destruir seus fundamentos e alicerces. Eu não tractarei da impossibilidade da duração de um systema tão absurdo, em que a incredulidade Religiosa é tão grande como a credulidade ás innovações, uma vez que se admitta sociedade entre os homens; porque qualquer homem da mais mediocre reflexão conhecerá, que é incompativel com a existencia da mesma sociedade uma liberdade illimitada, que posta em acção destrua a segurança dos membros d'aquella sociedade; que é incompativel com a dependencia mutua, que de necessidade deve haver entre estes membros, e com as qualidades tanto moraes como fisicas, e ordem mundana, uma igualdade indefinida; em fim que tal systema é o sonho de um enfermo atacado de uma inflammacão cerebral. Procurarei pois unicamente atacar a ninia credulidade dos illudidos por mais de uma vez pelas fallases propostas, e promessas dos insidiosos Mações; credulidade, que demonstra uma culpa, que não póde desculpar-se, quando os effeitos dos embustes tem levado tantos homens pelo caminho do precipicio, e que vendo cair outros, e a si mesmos escalavrados pela queda, ainda duvidão d'estes sofismas matadores, absolutamente contrarios á experiencia propria, e visivelmente encaminhados á desgraça e destruição da sociedade humana.

Prende a Sabedoria moderna com as que chamão Sciencias naturaes fez esquecer a applicação ás Sciencias moraes, em que os antigos camparão reunindo o util e o agradável: e todavia a pesar do orgulho dos Sabios modernos, ainda um d'elles não escreveu com a magestade de *Thucydides*, nem com a arte e energia de *Lucrecio*, nem com a facundia de *Cicero*, nem com a galantaria de *Horacio*, nem com alguma das bellezas desses, que se propõe por modelos: nos seus vicios, nas suas virtudes affectadas, em todas as suas ridicularias, elles não mostrão amor á Patria, nem á Sociedade: elles estão dominados inteiramente por costumes oppostos aos antigos, por opiniões politicas totalmente contrarias, por ideas contradictorias, e assim vão caminhando de erro em erro, ainda que esses erros pareçam ás vezes modificados e alterados: fallão nos *Gregos*, nos *Romanos*, nos *Finicios*, nos *Carthaginetes*, nos *Egyptios*, de todos os Povos de

mais nomeada fallão, como se d'elles tomassêem as suas ideas, os seus costumes e os seus exemplos, e elles não tomárão outra cõsa que os seus prejuizos, os seus vicios, seus erros, seus ridiculos, seus absurdos, e tudo o que é impiedade, desmoralização e incredulidade: do Barbaro, do Pagão e do Judeo tomarão os Sabios modernos seus mais proconizados usos e systemas, com que pretendem illustrar e reformar a Sociedade: de *Epicuro* tomarão elles o materialismo, a incredulidade e o Atheismo: quanto elles tem escripto em contrario da Religião, fundando-o sobre planos Filosoficos, tudo se acha em *Lucrecio*, e com muito maior arte, energia, e apparatus de erudição e persuasão. Os Sabios modernos appresentão infinitos argumentos, mas nenhuma prova; falladores e disputadores como os antigos *Academicos*, fallão muito, argumentão sempre, porém uma só verdade não dizem, uma só razão não dão. Prescindindo do que tem de particular a Sancta Religião de JESU CHRISTO, todos quantos argumentos tenho lido em favor do materialismo e do Atheismo nos mais Classicos Corifêos da impiedade, como por exemplo em *Bayle*, *Espinosa*, *Voltaire*, *Dupuis*, e outra caterva de semelhantes, que me andárão nas mãos depois de bem enfarinhado na Fé Catholica, e bem fundado, e firmado sobre a auctoridade infallivel da Igreja Romana, todos esses argumentos vi e examinei no dito *Lucrecio*, que os ideou, e expendeo com maior profundeza, engenho e arte: o que os Sabios modernos tem acrescentado para persuadir o materialismo e o Atheismo, tem sido o sarcasmo, o ridiculo, o ironico, o satyrico e principalmente o obsceno: comparações toscas, grosseiras, porcas e abrutalhadas são os seus mais bellos enfeites: razão nem uma só. E que razão pôde haver contra a Divindade, contra a espiritualidade, immortalidade e eternidade? Ora estabelecidos estes quatro pontos de crença commum e universal entre todos os Povos do mundo, que todos elles forão ensinados d'estas verdades por Deos, nem d'outro poderião aprendel-as, que tambem por essa mesma razão não podem desaprender, nem ser desensinados, nem despersuadidos, por muito que forcejem os Sabios modernos, tudo o que tem de especial a Sancta Religião de JESU CHRISTO, os Mystérios da Redempção, os Sacramentos da reconciliação, a Lei da Graça, tem taes caracteres de veracidade, de certeza e de persuasibilidade, que só pôde deixar de lhes dar firme e inteiro assenso e credito aquelle, a quem Deos tenha negado a sua misericordia. A *Historia Christã* é ainda muito mais certa com certeza humana que a *Historia Romana*. Que objecções pois podem oppor-se-lhe, que mereção algum credito e conceito a quem não tenha perdido o senso commum, ou que se não tenha embrutecido com as pai-

xões, ou com uma leitura continuada de brochuras proprias de um serrallo? Pôr no papel os nomes de ladrões, impostores, fanaticos, bebados, Sodomitas, Onanistas, Concubinarios, matadores, hypocritas, etc. é cousa que não tem difficuldade, nem sabença alguma, e todavia não fez outra cousa o vil, torpe, impio e ignorante, o novo Escripitor da *Historia dos Papas* impressa em Lisboa nos fins do anno ultimo, e dedicada ao nojentissimo *Zé do Chapelorio*: fallar mal e muito, e nunca dizer verdade, nem provar cousa alguma, é o essencial da *estrategia* dos Sabios Modernos: apoiar as suas proposições, e os seus absurdos com outros livrecos, que s'escreverão com a mesma impiedade, e com as mesmas calumnias é toda a auctoridade, de que se prevalecem os actuaes Escriptores do materialismo e Atheismo.

E doutrinas que se oppõem ás da Sancta Religião, podem ser toleradas e acréditadas, e seguidas? E pessoas que as propagaõ, que as escrevem, que as seguem, e que se nutrem d'ellas, podem, ou devem ser ouvidas, escutadas e admittidas a Postos, Cargos e Empregos? E governo, que siga esta marcha de tolerancia, de approvaçãõ, de connivencia, de amalgamaçãõ e de favor, é Governo Christão? Tal Governo quer a segurança do Throno, a Salvaçãõ do Estado, a Defesa da Patria, a Paz dos Povos, a Conservaçãõ da Igreja? Oh! Que grande culpa sem nenhuma desculpa!!! O Systema da Sancta Religião Catholica é certo, é verdadeiro, é incontestavel, é Divino. Logo o Systema Politico do Estado, que se firma e regula sobre aquelle Systema, é acertado, é solido, é duradouro, e faz, promove, conserva e aperfeicoa a prosperidade publica, firma, estabelece e assegura o Throno, e torna amavel a vida e a Sociedade quanto o pôde ser. Logo o Systema Politico do Estado, que se não firma e regula sobre o Systema da Sancta Religião Catholica, é errado, é incerto, é voluvel, causa, produz, fomenta e promove a desgraça publica; enfraquece, debilita e perde o Throno, e converte em odiosa e insupportavel a vida e a Sociedade. Logo o Systema Politico do Estado que tolera, consente, approva e apadrinha os que seguem, escrevem, propagaõ e advogaõ as doutrinas oppostas ao Systema da Sancta Religião Catholica, é perigoso, põe em convulsão a prosperidade publica, em risco o Throno, e em premura a vida e a Sociedade. Ah! Que Governo que assim procéde commette uma grande culpa, que não tem alguma desculpa depois de tantas e tão tristes experiencias. Estou de volta com os Pedreiros Livres. *Pedreiro Livre não tem Religião; logo não tem honra: vai para onde o levão os ligames dos seus juramentos, as ordens da sua Sociedade, e as suas paixões*; assim ouvi uma vez dizer ao Excellentissimo Senhor Duque do Ca-

*daval* por occasião de eu afirmar, que no Exército Realista no mez de *Julho* de 1832 havia alguns *Pedreiros Livres*, e alguns *nomiei*, e com todo o fundamento, porque jámais disse d'alguem, que era, ou que é *Pedreiro Livre*, sem ter disso uma quaze certeza. *E querem que eu lhes faça elogios? Arreda: este é o Verdadeiro Ecco de Portugal*; nas outras Publicações havia um meio passe, porque jámais julguei, que certos figurinos se atrevião a tanto, atraçoar um Rei tão amavel, ainda que ao mesmo tempo que çujei dous, ou tres *Numeros*, dava parte a quem convinha, para que houvesse cautela e vigilancia. Agora é outro o caso: triste experiencia me desenganou: *Pedreiro na Causa d'ElRei sempre dá couce no Throno! Pedreiro na Causa d'ElRei nunca é apressado, nunca valente, nunca se arrisca! Pedreiro na Causa d'ElRei aconselha mal, obra mal e protege os mãos! Pedreiro na Causa d'ElRei desvia os Realistas, e podendo dá uma no cravo, e o resto na ferradura! Pedreiro na Causa d'ElRei, estando aos pés do Throno, como para ali não vai, torna-se um asno!* Eu temeria infinito se ainda andassem *Pedreiros* na Causa d'ElRei, e ao lado d'ElRei: temeria humanamente; mas como vejo com a maior evidencia, que Deos protege a Causa d'ElRei, não temo, não receio, antes tudo espero, tudo confio da misericordia de Deos. Lembrão-me sempre as palavras do Excellentissimo *Senhor Duque do Cadaval* no dia 7 de *Julho* de 1832, unica vez em que tive a honra de fallar-lhe depois que sai de Rebordosa. — *Quando sai no anno de 1823 offerecendo meu prestimo ao Senhor D. MIGUEL em defesa da Monarchia pura, vi-O cercado de uma porção de homens tiidados de Pedreiros Livres, hoje... mas Deos ha de ajudar os Catholicos.* — Esta esperanza é a que me anima e consola no meio d'esta guerra desastrosa.

Porém a *Maçonaria* trabalha; uma populaça ignorante cahe nos laços que se lhe armão; a *Democracia* quer empoleirar-se; conjuração surda menoscaba a *Grandeza fiel* do Reino; tudo caminha para a *Republica*. Por ventura a *Grandeza Fiel* do Reino deixou de corresponder segundo a educação d'este Seculo á fidelidade dos seus *Ascendentes*? Não. A *Grandeza* do Reino por ventura não é digna de compaixão pelos seus trabalhos, pelos seus padecimentos, e pelos seus sacrificios? Desenganem-se os conjurados: o *Senhor D. MIGUEL* é *Chefe* da *Aristocracia* e da *Democracia*; *Tres braços compõe o Estado Portuguez*: só *D. Pedro* é *chefe* da *Republica*. *Portuguezes* Realistas puros, e sensatos! A *Grandeza Fiel* é *benemerita* da *Patria*! Os poucos *traidores* não entrão na conta da *Grandeza*, de que eu fallo. Mas como a *perversidade* e a *ignorancia* me tem desafiado com certas letras, ainda que ellas merecem o desprezo, e o tem no destino que lhes

don, provoço a todos os perversos e ignorantes a que satisfação aos quesitos seguintes, sobre que os desafio formalmente, sobpena de que, não satisfazendo, conto que elles fazem causa commum com todos os revolucionarios, e com os burros.

1.º Quanta era a força, ou divisão, que se confiou a *Telles Jordão* para a Defesa de *Lisboa*? Menos de quatro mil Infantes e quatrocentos Cavallos, e não havia mais de que dispor fóra das Milicias e da Guarda Real da Policia: *Telles Jordão* mostrou-me o Mappa!

2.º Como oito mil combatentes Realistas ás ordens do *Visconde de Mollelos* deixarão livre passagem ás forças do inimigo por espaço de quasi quarenta legoas, sem que o sentissem, sem que o impedissem, sem que o desbaratassem, sem que o demorassem? Não sei responder!

3.º Quando, e por quem soube o Excellentissimo Senhor *Duque do Cadaval*, que o inimigo tinha chegado a *Alcacer do Sal*? Pelo *Visconde do Peso da Regoa*; e já o inimigo caminhava para *Setubal*!

4.º Quanta força foi para *Almada*, e ahi perdida, ou desalentada, ou inutilizada? Uma grande parte da Infantaria.

5.º Que Força ficou em *Lisboa*? De Tropa da primeira Linha um Batalhão, não contando com as Milicias, que não formavão parte da Divisão, nem com a Policia!!!

6.º A Guarda Real da Policia queria tomar parte na Defesa de *Lisboa*, ou sómente se responsabilisava pela tranquillidade interior, ou na occasião do perigo nem uma, nem outra cousa querião cumprir? Respondão lá!!!!!!

7.º Quaes forão os arrufos, os protestos, os ameaços, as evasivas, as mangações, ou a indirecta, manhosa e perfida intervenção do *Almirante*, e do *Consul Inglez*? Fallem os Documentos, diga o Gabinete de *Londres*!!!

8.º Quanta era a Força, com que o inimigo ameaçava *Lisboa* além da sua reforçada Esquadra acobertada, ou alcovitada pela *Ingleza*? De tres a quatro mil homens oufãos, triunfantes e animados.

9.º Com que Generaes, Marechaes de Campo e Brigadeiros *Valentões*, e com que Força podia contar o Excellentissimo Senhor *Duque do Cadaval* na manhã do dia 24 de *Julho*? Com papos de vento! Se lá estivesse um genio creador e conhecedor como o Senhor *Galvão*, que em um momento sabe pôr uma Divisão na ordem conveniente, outro gallo cantaria a ElRei, ao Reino, a *Lisboa* e ao Excellentissimo Senhor *Duque do Cadaval*.

10.º Que resposta pois se deve dar aos detractores? Aos ignorantes instrução, aos perversos castigo, chicote aos Deme-

cratas, e eu que sou consequente, que sou imparcial, que não faço lama com os validos, que não fermento com Pedreiros, que dezejo que o Estado se reorganise, que não dependo senão *imediatamente* d'ElRei, que aborreço Republicanos emmascarados com o aspecto de Realistas, a todos esses detractores perversos e ignorantes respondendo com toda a metralhada Russiana na fórma dos cumprimentos de *Villa do Conde*, e se não se callão lá vão mais quesitos, porque, depois d'ElRei e de toda a Familia Real Portugueza, honra e hom nome, e respeito guardarei, cumprirei e defenderei aos unicos e verdadeiros *Duques de Portugal*. Ora esperem os adversarios por outra carga.

Casa de S. Domingos 5 de Fevereiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

GOIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1834.

*Com Licença.*

---

# O VERDADEIRO ECCO DE PORTUGAL.

---

N.º 17.

---

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolaë, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang préinices du carnage.*

RACIN.

---

## *A Culpa sem desculpa.*

**D**izia eu a um certo Funcionario, que parece podia e devia remediar alguns males = *Fuão é Pedreiro Livre.* = Sim, me respondia, *porém não é traidor.* Isto foi de varias pessoas, e vai quando não um irmão dos taes lá se metteo no *Porto*, e nenhum dos por mim apontados deixou de dar couce, e sabe Deos o que está por vir! Foge de *Lisboa* para o *Porto* o filho de um Desembargador. Vai o Pai a casa de dous Funcionarios carpindo magoas e derramando lagrimas justificando a sua inculpação, e eil-o lá em *Lisboa* com toda a sucia republicana de *D. Pedro*. Vai outro Pai Desembargador, muito Realista era elle como o mesmo diabo, seu Filho foi apanhado com armas na acção de *Alcacer do Sal!* A Causa do Senhor *D. MIGUEL* está identificada com a do Catholicismo, e só a maioria dos Christãos Portuguezes é quem a sustenta. A Causa de *D. Pedro* está identificada com a da Maçonaria: Onde pois se inclinará qualquer Pedreiro Livre? *Oh! Que grande culpa sem desculpa!*

Ora vem cá, homem Portuguez e Christão, que ainda conservas algumas luzes da Religião de teus Pais e Avós: que te disserão os Pedreiros Livres sobre esta Religião para te illudirem? Não te disserão, que a Seita Maçonica nada tinha com a tua Religião? Se o duvidas, lê as Folhas do tempo, e vel-o-has escripto e escarrado em suas paginas. E praticarão-no elles assim? Será isto verdade? Se duvidas de que não praticarão o que di-

são, olha para a triste historia da *Revolução Franceza*; vê os escriptos do inconsequente *Voltaire*, do impio *Rousseau*, do insolente *Dupuis*: vê os seus Templos profanados e destruidos; vê a Deosa da Razão, e uma prostituta collocada em Altares em lugar do Crucifixo, e os Ministros da Religião Christã metalhados e apunhalados! Lê esses monstruosos partos da ignorancia, da insolencia e da impiedade d'essas Côrtes sediciosas das Necessidades, e acharás a tua Religião de mistura com as de *Mafoma*, dos Heresiarchas, e dos Idolatras; e em fim todas adoptadas, e por consequencia nenhuma admittida; vê alli os bens dos Conventos confiscados, os Religiosos dispersos, os Conventos secularizados, os discursos impios e hereticos, e o Atheismo em vigor. Desengana-te por ultimo vendo este ensaio passado á *Scena* na occupação do *Porto* e de *Lisboa*; a memoria de suas atrocidades está fresca e presente a teus olhos, e o estará a toda a Nação *Portugueza*, em quanto o Mundo durar. Quantas profanações de Templos e Sacrarios! Quantas violações de Virgens, de casadas, de Viuvas! Quantos Sacerdotes perseguidos e ultrajados em publico! Os Conventos abolidos, e as Igrejas feitas immundas habitações de animaes, e latrinas de homens! E duvidarás ainda de sua fallacia, de sua impostura, de sua maldade?!!!

Vem cá, homem Portuguez e Christão: que te disserão estes malvados impostores a ti, que ainda conservas o respeito aos Monarchas, que conheces a origem da sua Auctoridade, e prezas e defendes as Leis da Monarchia Portugueza, que marcarão a força e a extensão do seu poder? Não te disserão para te illudirem, que a sua Scita nada tem com o Estado? Se o duvidas, lê as Folhas do tempo, e alli verás escripta esta asserção. E será isto verdade? Practicarão-no elles assim? Se duvidas do contrario, revolve as paginas da *Revolução Franceza*, e n'ellas verás um Rei e uma Rainha levados com a maior ignominia ao Cadafalso publico, e proscripta toda a Familia Real; e se voltares a vista ao quadro de Portugal, alli acharás um Rei sem poder, sem Auctoridade, mandado pelos seus Vassallos, que decretavão para elle executar; verás um povo Soberano sem Vassallos, ou Vassallo sem Soberano, feito o jogo e o brinco da velhacaria Maçonica, sendo verdadeiro escravo da Maçonaria reunida na Sala da impiedade e da anarchia, e por ultimo um Rei benigno morto pelo veneno! Alli acharás uma Rainha virtuosa ludibriada, desacatada e perseguida, obrigada por uma horrivel cabala a desemparrar o Reino, Esposo e Filhos; e a morte de todos os Reis decretada por aquellas horribéis palavras — *Desfacamo-nos d'elles*. — E duvidarás ainda da sua rebellião, perversidade e pertencções?

Vem cá, homem Portuguez, em quem ainda reluz algum clarão da razão, e do senso commum: que te disserão elles



para te illudirem quando invadirão com mão barbara e traidora estes Reinos, trahendo á sua testa um Principe de facto e de Direito estrangeiro, e sua Filha igualmente estrangeira, para tomar posse de um Reino, que por todas as Leis e Titulos lhes não pertence? Não te disserão que era aquella a quem pertencia o Reino de Portugal, e seu Pai o Tutor que a vinha metter de posse? Será isto verdade? Serião estes os seus intentos? Lê as Folhas do tempo, e n'ellas verás este mesmo Principe, agora chamado Duque, publicamente, e em plena assemblea ultrajado e escarnecido com o nome de rapazinho, de revoltoso, e mil outros, despojado por elles do Throno do Brasil, lançado fóra d'aquelle territorio com indignidade e desprezo: e quererão elles agora collocar-o com decencia, e mettel-o de posse com sua Filha de um Throno alheio; de que as Leis Fundamentaes da Monarchia os proscvem? Se duvidas de que querem tal, lê as Folhas do tempo, e verás ali uma Republica proclamada em uma reunião nocturna, e á luz dos archotes; ouve o que se tem passado no *Porto* e em *Lisboa*, onde mais de uma vez se tem intentado este plano Republicano. E duvidarás ainda de que apenas são uns fantasmas, para encobrirem suas damnadas intenções, aquelles Principes, que tem a desgraça de lhes pertencerem, confiando-se n'elles? Rei, Principe, que se confia em Mações, commette uma grande culpa, que não tem alguma desculpa, depois de terem visto o que passou pelos outros da sua mesma Alta Jerarchia! E continuará ainda tal desgraça? Haverá ainda Soberano, Principe, que ouça, que tolere, que tenha Mações a seu lado? Está perdido, é desgraçado!!!!

Vem cá, homem Portuguez uma vez enganado, e por isso experiente das imposturas, dos embustes, dos enredos, e das mentiras Maçonicas. Que te disserão elles na invasão do *Porto*, quando atração os metteo de posse, para te illudirem? Não te disserão, como a primeira vez, que vinhão fazer a felicidade da Nação, tiral-a da oppressão em que gemia com pesados tributos? E será isto verdade? Practicarão-no elles assim? Se duvidas do contrario, pergunta-o a tantos milhares de testemunhas oculares do *Porto* e de *Lisboa*; alli te dirão quantos roubos, quantos assassinios, quantas brutalidades libidinosas forão commettidas! Os impostos, que a necessidade de sustentar os Direitos da Nação fez lançar, forão substituidos por enormes extorsões de avultadissimas quantias; os bens sequestrados, toda a Nação espoliada e sacrificada para se defender de tão atraçoada invasão; as pratas das Igrejas roubadas, e as dos particulares, os velhos e os moços obrigados pela força a entrarem nas fileiras dos malvados para matarem os seus Compatriotas; em fim uma perdição absoluta, um massacre da Patria que deu o ser a estes mon-

strós, para lhes rasgarem as entranhas; tudo perdido em Portugal, excepto o brio e a honra dos Verdadeiros Portuguezes, quero dizer dos Christãos, que sustentaráo o seu Throno, a sua Religião e a sua Patria, apesar de morrerem sepultados debaixo das ruinas de um Reino minado pela Maçonaria. E duvidará ainda do seu odio mortal á sociedade humana? Tão grande culpa não tem desculpa.

Dizem os Pedreiros Livres no seu coração, e para illudirem os povos assim o publicão — Derrubemos os dizimos, abolamos as rendas que os Lavradores pagão aos proprietarios, que lhes arrendarão as terras, e as casas por um contracto mutuo e reciproco. Os dizimos de Instituição Divina para o sustento do Culto, e dos Ministros do Altissimo passão a mãos profanas; mas o Lavrador fica com o mesmo, ou outros mais pesados tributos, sem melhorar por este modo, e subtrahindo-se a uma obrigação restricta para com Deos, e para com os homens, da qual a falta de observancia tem sempre o seu coração em abalo. O Proprietario fica esbulhado da posse de suas fazendas pelo direito da força, e o Lavrador é multado em uma quantia igual, ou maior para os regeneradores, ou antes malfeytores da Patria: mas elles disserão nas Follas do tempo, que o direito de propriedade era sagrado, que o seu systema nada atacava a Sociedade, e a Religião! Oh Impostura sem limites! Oh Velhacaria a mais refinada! E duvidará alguém da sua aleivosia, das suas contradicções, do seu Machavellismo? Então: ou é burro, ou Pedreiro como elles!!! Arreda...!

Mas vem cá, estúpido, e dize-me qual era o teu estado, e o de teus Avós, quando pagavão dizimos, quando retribuição estas rendas, quando guardavão a boa fé nos ajustes, e que hoje por malicia, ou por illusão te parecem onerosos? Não viste, ou não te consta pela história, o que fez a tua Nação em aquelles tempos? Não gosavão antes e então teus Maiores, a quem os Sabichões Maçons chamão fanaticos e estúpidos, e o homem de razão chamará, á vista dos factos, Sabios e Religiosos; não gosarão, digo, da maior abundancia, da paz e do socego? Não se intitulava Portugal um monte de ouro? A gloria da Nação não se extendeo desde vós até os Antipodas, e pelas quatro partes do Globo? Não sobrepujárao os recursos ás mais desmedidas despesas? E que viste tu depois que a innovação do Maçonismo pôz em campo as theorias concebidas em cerebros esquentados, e quiz abrogar vossos usos, vossas Leis, vossos costumes, e a vossa Religião, debaixo dos quaes auspicios fostes tão felizes? Tú o viste, todo o Portugal o sabe, a todas as Nações foi constante a perda do vosso ouro empolgado pela quadritia, a destruição da vossa Marinha, o empate do vosso Commercio, a

decadencia do vosso thesouro, a desgraça da vossa agricultura, o menoscabo da vossa representação, e o ludibrio da vossa independencia. E ainda a illusão te fascinará os olhos para não veres o precipicio, a que te querem conduzir, debaixo da apparencia do bello, do excellente? Serás tu, um burro, um Maçon, ou um tímido, que não conheças, não ames, que temas a verdade? Eia Portuguezes Christãos, conhecei os Maçons, aborrecei-os, não os temais! Em Lisboa me disse no anno de 1832 um Funcionario — *Olhe que se indispoem com muitos influentes no Estado* — Respondi. — *Como o Senhor D. MIGUEL e a Patria se Salvem e tranquillizem, Rebordosa chega e sobeja.* — *Oh Portugal! Portugal! Se undia tivesses juizo...!!!*

Eis aqui, porque o Mundo tem visto na propaganda revolucionaria (seguro de que me desminião) a mentira alcada em virtude na profissão Maçonica, e no lugar da verdade pura e despida, mas enthronizada no coração de seus apologistas, o Mundo tem visto proclamada a liberdade, e practicada a escravidão; proclamada a Religião, e practicada a impiedade; proclamado o direito de propriedade, e practicado o mais tremendo roubo; proclamada a filantropia e a humanidade, e practicado o ultraje e a morte; proclamada a inviolabilidade da casa do Cidadão, e queimada esta com seus donos; proclamada a paz e a tranquillidade, e practicada a invasão, a guerra e a desordem; proclamada finalmente a felicidade e a abundancia, e practicada a desgraça e a miseria.

Se houver alguém tão estúpido, que d'isto duvide, a sua culpa não tem desculpa, venha dar um passeio até Portugal, e veja se lhe mintu.

Os perversos, sem pejo, nem vergonha, enganarão as Nações, e até mesmo illudirão esse bando desgraçado de loucos aventureiros, expatriados uns pelos seus crimes e atrocidades, outros alugados tristes mercenarios estrangeiros, para virem a Portugal ser instrumentos da devastação, que preparavão á sua Patria. Certas Nações fiserão apparentar duvidosos os Direitos ao Throno Portuguez entre dous Principes da Casa de Braganca; mas bem se deixa vêr, e é conhecido dos Juristas Nacionaes e Estrangeiros, que estes Direitos são todos em favor do segundo Genito d'esta Real Casa: logo não foi aquella illusão senão um pretexto para encobrirem aos olhos dos mais Soberanos, que a lucta presente em Portugal era da Maçonaria contra a Realeza, sendo aquella representada em todos os Maçons, que fazem a guerra a um Paiz que não a provocou; e esta na Augusta Pessoa do Senhor D. MIGUEL, sendo na Sua Real Pessoa atacados pela Maçonaria todos os Reis Catholicos do Mundo. *Ai! da indifferença com que a Europa tem olhado para a Causa do Senhor D.*

**MIGUEL!** Aos aventureiros, que os Maçons arrastarão a Portugal, disserão que á sua chegada a Portugal toda a Nação os recebia com os braços abertos. Ora um Urso não dá melhores abraços que esses que receberão, e ainda hoje recebem dos Realistas Portuguezes. Bastava só esta alevisia para elles serem desenganados, de que a velhacaria, e o empenho dos Maçons e da propaganda estrangeira não fazem a guerra em Portugal, senão para tentar uma revolução geral em todos os Paizes da Europa. E ainda terá alguém a desgraça de duvidar do que dão as promessas fallazes que fazem os Maçons? *Tambem os Soberanos tem caído n'esta culpa sem desculpa!!!*

O' vós todos os Soberanos Legitimos da Europa, a quem os Pedreiros Livres, impostores por habito, tenham illudido sobre a historia presente do malfadado Portugal, origem da felicidade de algumas Monarchias, e digno de melhor sorte, eu vos convido a examinar a vontade Nacional Portugueza no tempo da sua maior desgraça, e por isso do seu maior heroismo. Portugal ama o Senhor D. MIGUEL como ao seu mesmo coração. Elle merece este amor, porque é o Pai e o Companheiro do Seu Exercito, e do seu Povo!!!

Vinde, oh! Nações do Mundo, e vereis os descendentes fieis dos Heroes de Aljubarrota, Ameixial e Montes-Claros, dos descobridores da India, disse pouco, dos domadores da Asia, da Africa, e de uma grande parte da America, dos vencedores dos Sarracenos, apinhoados ao redor d'aquelle, que amão como Pai, levantarem as espadas da tempera d'aquellas, que se levantarão em Lamego, e gritarem como aquelles — Nós somos livres; o nosso Rei é livre; maldito aquelle que pagar feudo a Rei estrangeiro, e se o fizer, morra por isso, e estas espadas, e nossos valentes braços mostrarão aquelles que intentarem subjugar-nos, para quanto ellas são, pois juramos, ou vencer defendendo o Rei e a Patria, ou morreremos debaixo das ruinas d'esta — a que todos respondem — Amen. Vereis um Exercito e um Povo, que a pesar dos maiores sacrificios, dos maiores trabalhos, das maiores privações não retrocedem um passo no brio e na honra, com que sustentão o que os seus Constituintes declararão nos tres Estados; nem o rigor das estações, nem a morte, nem a mesma Cholera-Morbus abalão sua constancia; tão justa e sancta é a sua empreza. Esta penna fragil não poderá nunca formar, por mais que uscreva, a sua apologia; e os heroismos d'esta natureza tocão de mais perto o coração dos homens vendo-os que lendo-os; e então vos desenganareis das impósturas e mentirosas asseverações, que vos tem feito seus horriveis antagonistas; e se depois d'isto vos deixardes illudir, a vossa culpa não terá desculpa em toda a posteridade. Comparai agora, Soberanos Le-

gitimos, o ouro, e as allicições, que empregão os inimigos do Senhor D. MIGUEL, para atraírem ao seu bando alguns incautos, com a acrisolada paciência e soffrimento do Exercito Fiel, e julgai de que parte pende o affecto e a vontade da Nação, e se o Senhor D. MIGUEL não é o Soberano mais amado das suas Tropas e dos seus Povos.

Dizei-me traidores occultos, que entre os Realistas Portuguezes affectaveis seguir os deveres sagrados da Patria, a qual atraçoastes debaixo d'esta capa, e de que hoje por felicidade de Portugal já sois menos: que lucro tirastes de vossas traições, promovidas pelas promessas de quem muito bem devieis conhecer, passando-vos para o seu partido, e favorecendo as pertenções do seu bando? Pensaríeis acaso, que todos eréis logo Generaes, ou Ministros d'Estado, ou que ao menos vos conservassem vossos Postos, Cargos, Empregos e Fortunas? Ama-se a traição, aborrece-se o traidor. Pobres estupidos! Despresiveis asnos! Não vieis que na companhia vinhão tantos Mestracos e Veneraveis da Ordem, que não ficarião sem ganho, e que vós, pobretões adeptos, serieis tractados de resto? Lá o vistes, lá o experimentastes, cá o sabeis, cá o conheceis; pois que, calcando aos pés com horrivel ingratição os beneficios e as honras com que vos tinha galardoado um Rei Magnanimo a pezar de vos suspeitar, fostes encontrar em lugar de banda um galão de lã no canhão, em lugar da espada uma alabarda, em lugar de estima desprezos e apupos, em lugar de Postos, ou Cargos dimissões, e ás vezes grilhões. Promessas do diabo, que offerece muito, e cousa nenhuma dá: como deixarião seus filhos de o praticar? E vós, quemquer que sejaes, que traistes a Patria, entregando vil e cobardemente o *Porto* e a *Esquadra*, e reduzindo o Excellentissimo Sr. *Duque do Cadaval* á terrivel posição de evacuar Lisboa, para não perder Lisboa e o Reino, que esperais d'esta perfidia? Aquelles mesmos a quem servistes, venaes e vis traidores, e que exultarão com a vossa perfidia, aborrecerão o vosso procedimento; porque huns monstros de tão aleivoso character são por dever odiosos a qualquer partido, por isso que uma vez comprados não duvidarão attraçoal-os, além da execração eterna de toda a Nação; o vosso nome será apontado com infamia por todo o universo, até que uma furia infernal, o remorso, a desesperação, roendo-vos as entranhas vos faça pendurar como Judas, lançando o dinheiro, infame instrumento da vossa condemnação, nas cavernas do erro e do crime, como producto da acção mais abominavel e horrenda.

Facção Maçonica! Não; tu não podes existir muito tempo no mundo, ou o mundo acaba logo; durarás o tempo que a verdade tardar em descobrir-se esplendida e brilhante confundindo

a mentira. Quando os povos cansados de soffrer o resultado de tuas atraçoadas imposturas; quando elles virem que o teu fim não é outro senão roubar, saquear, violentar, assassinar e satisfazer as paixões brutaes com escandalo da natureza humana, e estabelecer o Atheismo no Universo; então coitadinha de ti! Eu não te quero estar na pelle; em um só dia acabará a tua negra existencia, e a candida verdade restabelecerá o seu Throno. Destruir a Religião de um povo, abolir seus usos e costumes, adulterar as suas Leis, inanir as suas fortunas, e propagar a sua desolação e ruina, nenhum Conquistador, nenhuma Nação, nenhuma Seita o pôde até agora conseguir, ainda que o tentasse pelos meios, artificios e estratagemas mais suaves, mais occultos e mais arditos, quanto mais por meios tão violentos, tão precipitados e tão revoltantes do senso commum, e com o descaramento, petulancia e affronta, com que a Facção Maçonica o tem pertendido e praticado, substituindo o crime á virtude, a impudicia ao decoro, a impiedade á Religião, a vontade caprichosa á Lei, a prosperidade e a fortuna á pobreza e á desgraça, a paz e a tranquillidade á guerra e ao massacre. Não, Facção Maçonica, não, tu não pôdes subsistir muito tempo; tu perecerás; ainda que algum tempo dominasses em Portugal, tu por fim has de acabar para sempre jámais.

Em consequencia pois d'esta analyse feita neste Nnmero e nos anteriores, se ainda ha algum Portuguez, que se fie em promessas e palavras Maçonicas, que ouça e apadrinhe Maçons, ou é Maçon como elles, ou é mais burro que os proprios burros.

Acabe a Maçonaria! O Ceo me ouça! Ouvi-me Vós, Grande Rei, e Senhor D. MIGUEL; acabai com os Maçons; a Nação assim Vol-o pede; Deos assim Vol-o manda! Sejais, meu Rei, sejais cercado de Catholicos, pois só o Catholicismo é quem vos sustenta e defende em tão desastrosa e perigosa guerra! Meu Rei; Deos vos livre de Maçons! *Fiat, Fiat, Fiat.*

Casa de S. Domingos 7 de Fevereiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buella Pereira de Miranda.*

COIMBRA : NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1834.

*Com Licença.*

O VERDADEIRO  
ECCO DE PORTUGAL.

N.º 18.

*Tum vero ad vocem celeres, quæ buccina signum  
Dira dedit, agris concurrunt undique telis  
Indomiti Agricolæ, nec non et Troia pubes  
Ascanio auxilium castris effundit apertis.*

VIRGIL. Aeneid.

*Déjà de traits en l'air s'élevoit un nuage,  
Déjà couloit le sang prémices du carnage.*

RACIN.

Religião.

Não ha assumpto algum tão proprio da penna de um Ecclesiastico, e que mais mereça ser tractado com seriedade e gravidade: alguns Numeros das minhas anteriores Publicações, que tractarão d'este objecto, forão os mais bem accetidos das pessoas de senso e de erudição, ainda que em verdade erão os que menos vendia o empresario, razão porque suspendi para que no custeamento não tivesse elle que pôr do seu, pois os leitores manuaes não os procuravão, dizendo — *Temos a Fé de S. Pedro; mas o que nós queremos agora é D. Pedro batido, e os Pedreiros.* Sem embargo, como a Causa da Religião se defende em Portugal invocando-se o nome do Senhor D. MIGUEL, Rei amavel por isso a todos os Christãos Portuguezes, e a causa da Maçonaria, e da heterodoxia se defenda no nome de *D. Pedro*, por isso mesmo odioso, e repellido a todos os Christãos sinceros e sensatos, eu vou traçar algumas linhas, e expender alguns pensamentos com este titulo — Religião. Em principio de tudo eu não escreverei n'este Numero senão com as mesmas palavras, com poucas differenças, com que fallou á Diocese de Lamego o seu Vigario Capitalar e Mestre Eschola na Sancta Sé de Lamego, o Doutor *Antonio Teixeira Cardoso de Menezes*, Comendador na Ordem de Nossa Senhora da Conceição de *Villavieosa*, na sua Circular datada de 23 de Novembro de 1833:

eu não observarei o formulario da Circular, por não ser proprio do fim, que me propuz n'esta Publicação: a Circular veio ás minhas mãos por incidente, e não d'encomenda; e assim mesmo, se não estivesse já eleito Bispo, e preconizado para a Sé de *Lamego* outro Ecclesiastico, a dita Circular não seria aqui mentada, porque se não dissesse que eu hia coadjuvar a Supplica do Clero, Nobreza e Povo de *Lamego* para que fosse seu Bispo o dito Vigario Capitular, Supplica, a que não annuei EIRei nosso Senhor, assaz inteirado de que, se nesta quasi eleição popular não prevalecêrão as facções e as paixões, a Sua Real annuencia podia abrir um exemplo e caminho para outros Vigarios Capitulares promoverem em seu favor uma Supplica popular, valendo-se para isso de escaninhos bem conhecidos, do que se *resmungou em outra Diocese* fazendo-se força de vela, e mettendo-se cunha para arrombar as entradas do Sanctuario, como eu já apontei em um dos Numeros da *Defesa de Portugal*, o que me adquirio um grande amigo e padrinho, como se um Escripitor Publico devesse callar-se em objectos de tanta transcendencia para a Igreja e para o Estado!!!

A Circular foi dirigida para publicar o Jubileo universal, que foi servido decretar e conceder o Sanctissimo Padre Gregorio XVI, Successor do Principe dos Apostolos, a quem Deos constituiu Pedra Fundamental da Sua Igreja, conferindo-lhe o poder de confirmar os outros Bispos e mais Cooperadores Canonicamente empregados aptos para atar e desatar os vinculos, que prendem os peccadores; Jubileo, pelo qual Sua Sanctidade amargurado extremamente sobre as afflicções da Igreja Catholica pelas continuas, e soberbas conjurações dos impios exhorta e anima a todos os Christãos a levantarem os olhos e as mãos ao Monte do Soccorro, para que, applicado aquelle que impera sobre os ventos e o mar, volte a tranquillidade, desça a Divina Misericordia, pois que Deos é franco em perdoar, e na ira não prende a sua clemencia, e como Auctor de toda a consolação, humilde e fervorosamente rogado pelos fieis, abreviará os dias da tribulação, e cessando a tormenta se consolidará a paz da Igreja, e em toda a parte se restabelecerá a felicidade publica. Existe pois uma grande conjuração dos impios, que protestão destruir o Altar e o Throno, e essa conjuração quer desfazer sua Sanctidade pelas orações, e pela penitencia dos Christãos.

E essa Conjuração não toca mui de perto o Reino de *Portugal*? As duas Capitaes sugeitas ao mais iniquo Governo não estão soffrendo os mais sacrilegos attentados? Não prendem os Ecclesiasticos, como se fosse uma grande leva para o Exercito, e não os degradão para *Angola* com o pretexto de Missões fi-



cando muitas Parochias sem Ministros bastantes para o serviço? A que precipicios não conduzem para o povo incauto as illusões enganosas dos falsos Profetas, que o nosso Deos descreve pelo Profeta *Ezequiel* no Cap. 13. — *Lamenta os Profetas insipientes, que seguem o seu espirito, e nada vêem. . . Vêm o que é vão, e adivinhão o que é falso, certificando, que o diz o Senhor, quando o Senhor não os mandou. . . Será a minha mão sobre os Profetas, que vêem o que é vão, e adivinhão a mentira, e não entrarão no Conselho do meu Povo, e não serão escriptos na Escriptura da Casa de Israel. . . porque enganarão ao meu povo, dizendo paz, e não é paz. . .* Que pintura mais semelhante se pôde fazer dos Regeneradores d'este tempo? Elles promettem felicidades, e só promovem as desgraças que soffremos; annuncião liberdade, e pertendem agrilhoar o mundo inteiro. E que liberdade é esta? Não suffocão elles todos os sentimentos da natureza para servirem á sua impia associação, sacrificando a fazenda, honra e vida de todos os que não communicão com elles nos seus criminosos projectos? Que protecção é a que promettem a todos os Cultos, e não soffrem o da Sancta Igreja Catholica Romana, que felizmente professamos? Não são atrozmente perseguidos, e iniquamente expulsos os Ministros da Igreja Canonicamente eleitos? Não são profanados e despidos dos seus ornatos e alfaias os Templos dedicados e consagrados ao nosso Deos? Não são sacrilegamente ultrajadas, ou vendidas, ou despedaçadas as imagens do nosso Deos e dos seus Sanctos? Que não farião elles, se podessem, aos Sagrados Objectos, que essas Imagens representam?

*Um Governo, que permite liberdade de Culto, não pôde deixar de ser Atheo*; porque se reconhecesse a existencia de Deos, necessariamente havia de ter Religião, e, tendo-a, não podia consentir outra, que a contradissesse, pois não são duas Religiões, mas uma só verdadeira, que exclue toda outra. Similhante Governo é anti-social, porque as differentes crenças naturalmente formão as desconfianças, donde nascem as questões; e um Governo sem Religião certa não reconhece obrigações para com Deos, nem para com os homens, nem outra Lei mais que a das suas paixões, que não tem limites.

Para que o homem possa ser levado a este systema, é preciso constituil-o na classe dos brutos, fazer-lhe perder a faculdade de raciocinar, e a lembrança da eternidade, porque abrindo elle os olhos, vendo o Ceo e a Terra, contemplando quanto n'elles descobre, não pôde deixar de crêr na existencia de um Deos, que tudo creou e tudo sustenta na admiravel ordem, que só elle pôde regular; e conhecendo que tem uma alma tão simples, que não é sujeita a corrupção, bem pôde perceber que de-

pois de criada não pôde acabar: todos observamos em nós mesmos, que quanto ouro, quanta fortuna, quanta gloria podemos alcançar neste mundo, nada satisfaz nossa alma, argumento claro de que foi criada para outra vida sem fim. E haverá fiel Christiano, que se deixe illudir para trocar uma gloria perfeita e sem fim por outra insufficiente, caduca e falsa? Estas verdades que a mesma razão nos mostra, e a fé nos obriga a crer, forão reconhecidas e ensinadas pelos Sabios da antiguidade, mais sinceros e mais Sabios, que os nossos Reformadores; aquelles estudárão nas aulas, e disputárão em publico só para conhecerem a verdade; estes porém aprendem nas trevas, onde só elles descobrem a luz, que os cega. Que o Summo Bem d'esta vida está na virtude, diz *Horacio* no Liv. 1. Epist. 6. v. 19., e seguintes: =

*Vis recte vivere? Quis non?*

*Si virtus hoc una potest dare fortis, omissis*

*Hoc age deliciis.*

Tambem a felicidade d'esta vida não consiste nos bens da fortuna: é digno de ponderar-se o que a este respeito diz *Boecio de Volupt. ad parent.:*

*Habet omnis hoc voluptas*

*Stimulis agit fruentes,*

*Apiumque par volantum,*

*Ubi grata mella fudit,*

*Fugit, et nimis tenaci*

*Ferit icta corda morsu.*

Que é necessario um bem maior, absoluto e perfeito, e este só pôde havel-o, quando a alma, livre da sociedade do corpo, viver da sua própria e especial vida. Venha em confirmação d'isto mesmo o grande *Lactancio*: christão é elle, mas os Sabios modernos não podem disputar-lhe a sua energia, a sua força e a sua eloquencia, em que nenhum dos mais abalizados Corifêos modernos tem podido igualal-o. — *Non cadit ergo in hominem beatitudo illo modo, quo Philosophi putaverunt; sed ita cadit, ut non tunc beatus sit, quum vivit in corpore, quod utique, ut dissolvatur, necesse est corrumpi, sed tunc, quum anima societate corporis liberata in solo spiritu vivit.* *Divin. Instit. Lib. 3. Cap. 12. §. 34.*

Que nada pôde excogitar-se melhor que Deos, o demonstrou de uma maneira capaz de convencer o espirito humano o já citado *Boecio* L. 3. de *Cônsolat. Philosoph.*: *Nam quum Deo nihil melius excogitari queat, id quo melius nihil est, bonum esse quis dubitet? Ita vero bonum esse Deum ratio demonstrat, ut perfectum esse bonum in eo conveniat.*

Que todos os caracteres do Summo Bem competem a Deos,

*Cícero* e muitos mais o dizem, sem serem Christãos. E não se envergonhão os Filósofos dos nossos dias?

Que a Sociedade bem constituida deve procurar a verdadeira Religião, e não a falsa, tanto que esta não é Religião, mas fabulas de imaginação, bem pelo claro o diz o maior Republicano do Mundo, *Platão* no Liv. 2.<sup>o</sup> da sua ideal e fantastica Republica: — *Prima in omni republica bene constituta cura esto de vera Religione, non autem de fabulosa, vel falsa stabilienda, in qua summus magistratus a teneris instituitur.*

Ora sendo estes os sentimentos dos Sabios do Paganismo, qual não deve ser a crença dos Christãos, tendo sido nutridos com o leite da Sancta Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, unica que nos pôde Salvar, porque só ella foi instituida pelo nosso Deos, e se governa segundo a sua vontade, sendo órgão infallivel d'esta vontade, pelo que pertence á Crença, o Successor legitimo do Principe dos Apostolos? *Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.* Advertindo porém, para evitar equívocos e trocadilhos Constitucionaes de *Portugal*, que *Pedros Sanctos não são muitos*, e máos conhece *Portugal*, e eu conheço em *Portugal*, que farte, máos, pessimos, diabolicos.

Podêrão os inimigos actuaes de *Portugal*, se vencessem, dirigir, comprimir e refrear as acções externas dos *Portuguezes* Christãos, que fossem mais fracos, ou mais incautos; porém não podem governar as almas d'esses mesmos Christãos, porque n'ellas não tem poder algum. Podêrão os Realistas *Portuguezes*, he a dizer, os Christãos, pois não sendo Christãos não são Realistas, ao mais serão hypocritas da Realeza, podêrão soffrer privações, ser opprimidos e até padecer a morte; mas o fiel Christão, o Realista puro, livre de duvidas, de incertezas, e de erros, nada teme, e certo de que troca os bens caducos por uma gloria eterna, contente, tranquillo, ou ao menos resignado, e sem desesperar, nem desfalecer, sugeita-se a tormentos, trabalhos, privações e sacrificios, que podem chamar-se passageiros, e de pouca duração, comparativamente aos grandes, e eternos bens, que a sua fé, e paciência espera obter na outra vida. Que differença essencial dos Realistas sinceros aos Constitucionaes dolosos! A estes a lembrança do crime, seus remorsos, suas duvidas, a sua incerteza infallivel sobre os seus mesmos deccantados principios atormenta-os até o fim da vida, e nem lhes deixão gozar, sem grandes e espantosas amarguras, os mesmos sonhados prazeres presentes!

Eis a lingoagem de um Ecclesiastico Realista em redarguição das imposturas dos impios, e em prova, e demonstração das verdades mais interessantes aos Christãos. Eu tenho a dizer por

outro modo estas mesmas cousas , e outras ; *os impios burros de Portugal* hão de callar-se, ou respondendo hão de mostrar que são a escoria de todos os Escriptores modernos da *pandilha*. Entretanto os Ecclesiasticos de *Portugal*, que tem escripto em favor da revolução destes dias , esse mariola de páo e corda , Fr. *Manoel de Sancta Ignez*, esses outros Vigarios Capitulares nomeados pela facção *D. Pedro*, tem ao menos ostentado , apparatusado, e figurado alguma solidez, alguma erudição, alguma eloquencia? Tão desgraçados, tão abjectos, tão sordidos, e tão vis, que nem ao menos sabem illudir por um pouco o coração, e as paixões do homem ?!!!! Mas bem pagos estão esses miseráveis: *D. Pedro* os despreza, e até os persegue mais ou menos ainda que elles, sirvão á sua causa! E que elles não conheção isto? Pobres asnos! Eu não posso chamar-lhes outra cousa, por muito que deseje, e desejo ser imparcial.

Quando eu considero o Bispo do *Algarve*, que só foi compromettido com os inimigos pela sua Pastoral energica, em que desapprovava os cisma Ecclesiastico do *Porto* pela intrusão do *Manoel dos grillos* nomeado pelo *Pedro das bananas*, quando eu vejo *vir do Algarve* para *Lisboa*, ficar-se em *Lisboa* escondido, appresentar-se depois a fazer a cõrte ao *Pedro das malas artes*, e logo ser preso por ordem do mesmõ *Pedrinho*, mettido no Limoeiro como um ladrão, removido para São Domingos por compaixão de um Medico, *boa peseta*, e ahi morrer como um Donato quasi ao desamparo, confesso que qualquer Ecclesiastico, seja da Cathegoria que for, que accredita na facção *D. Pedro*, ou é *Pedreiro* ou é *tollo*, mas de qualquer das formas *burro*, por que a facção *D. Pedro* sómente se serve dos Ecclesiasticos para acabar com outros Ecclesiasticos, e quando se julga em segurança, aos mesmos servidores dá com uma taboa no rabo, ou os manda á tabúa. *Ecclesiasticos! Não tomareis lição dos outros? Os exemplos são infinitos !!!!!!!*

O mesmo Eminentissimo *Cardeal Patriarcha*, que depois de ter perorado com energia, como devia, á causa d'ElRei o Senhor D. MIGUEL, e á da Santa Igreja Catholica Romana, que em *Portugal* actualmente são synonimas, se deixou ficar em *Lisboa* contando com que a facção *D. Pedro* lhe levaria em conta seus atrazados, acaso ignorando sua Eminencia, que em uma lista da principal Maçonaria *Portugueza* impressa em *Pariz* vinha escripto como um grande Dignatario da Maçonaria, e em outra lista posterior como interessante á Maçonaria pela sua condescendencia, o que sempre o fez suspeito aos dous Partidos, não conhecendo talvez sua Eminencia que os elogios e defesa que eu lhe dediquei por honra da

Igreja, e da Dignidade Episcopal (em alguns Numeros da *Defeza de Portugal*), o que me produziu grandes desgostos com os Realistas, sem fazer menção dos que sua Eminencia me causou nos annos de 1829, e 1830, por favorecer os Pedreiros, quando eu era Prior Encomendado da Igreja de Santa *Marinha de Lisboa*, não conhecendo, repito, talvez, que esses elogios que lhe fiz por honra, e nunca por dependencia, tanto que uma vez só lhe não procurei seu favor, nem fallei, nem disso era capaz, pois o que lhe escrevi em 1826 estava escripto, e nem Sua Eminencia se adoçava, nem eu me azedava pelo que havia escripto, pois *quod scripsi scripsi; sem ser Pilatos*; ainda repito, não conhecendo talvez Sua Eminencia que esses elogios, tendo-lhe antes chamado a Facção *D. Pedro*, perjuro, apostata, e lá sabem os Pedreiros pelo que, devião produzir-lhe cruel perseguição, ainda que mil Pastoraes escrevesse e assignasse em favor de *D. Pedro* e da *Velhestoria Sucia*, o mesmo Eminentissimo *Cardial Patriarcha* não deixou de ser ultrajado, roubado, desacatado e esbulhado de todas as suas preminencias, regalias e riquezas, vivendo e passando hoje mais pobrememente, e figurando menos que um *Sarraçal da Ordem de Sancto Agostinho*!!!!  
!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

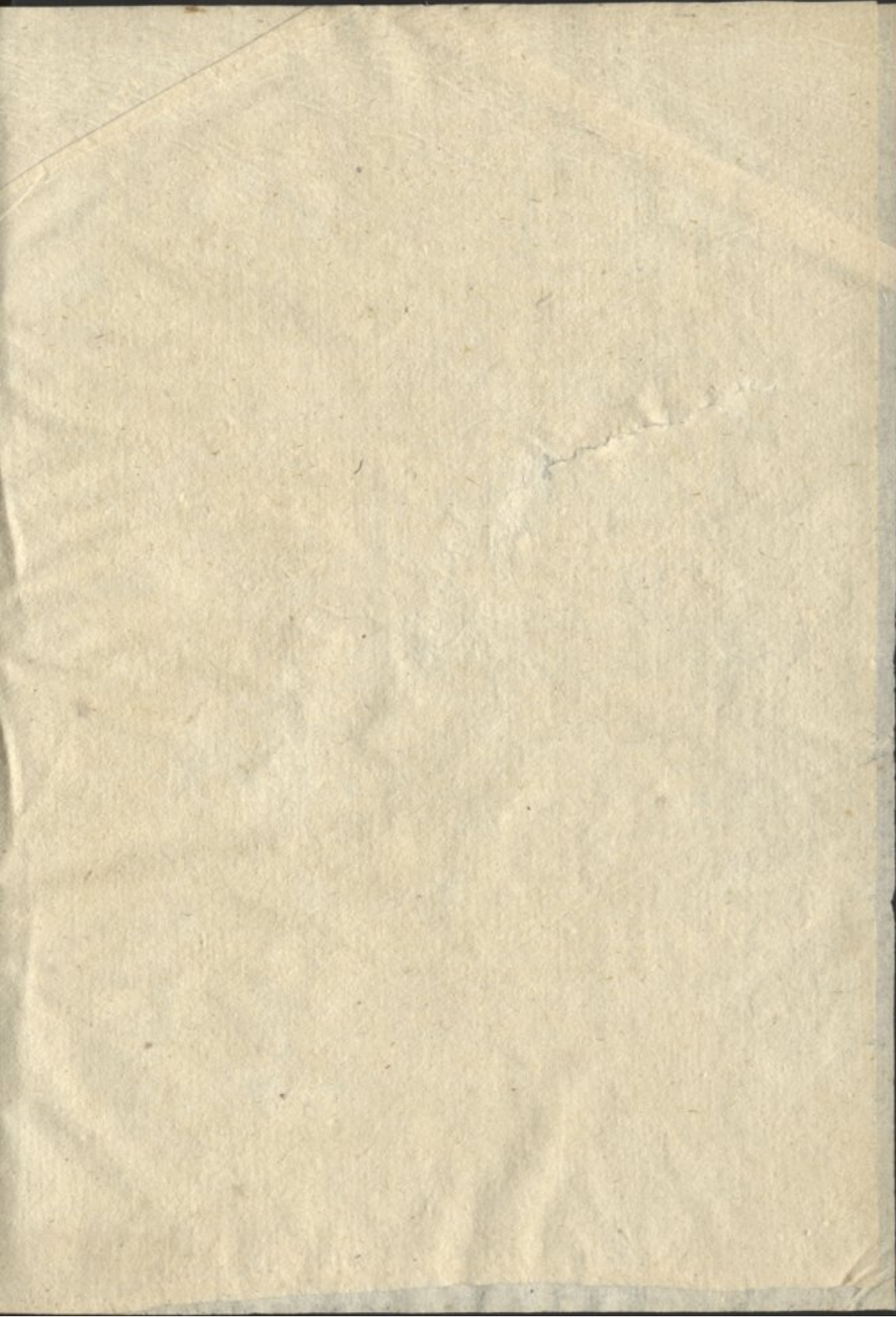
Que terrivel e espantosa lição para os Cárديات da Sancta Igreja Catholica Romana, para os Patriarchas, Arcebispos, Bispos e mais Prelados Ecclesiasticos!!! Que efficaz e poderoso exemplo para os Parochos e mais Cooperadores da Igreja!!! E tudo isto será perdido, será baldado?!!!! Não é esta uma perseguição movida em nome de *D. Pedro* peior que a que se moveo em nome de *Napoleão*, ainda que mais disfarçada?!!!! Ministros da Igreja, buscai os interesses de JESU CHRISTO! E vós, os que sois fracos, buscai ao menos os vossos interesses! Abandonai, persegui segundo as vossas forças a Facção *D. Pedro* que tudo persegue, persegue a Igreja, persegue os Sacerdotes, persegue tudo, as fortunas, a fazenda, a honra e a vida! Segui, sustentai, amparai a Causa d'ElRei, o Senhor D. MIGUEL, que protege a Igreja, a propriedade, a liberdade, a segurança e tudo quanto é conforme ás antigas instituições da Igreja, do Throno e do Estado!!!!

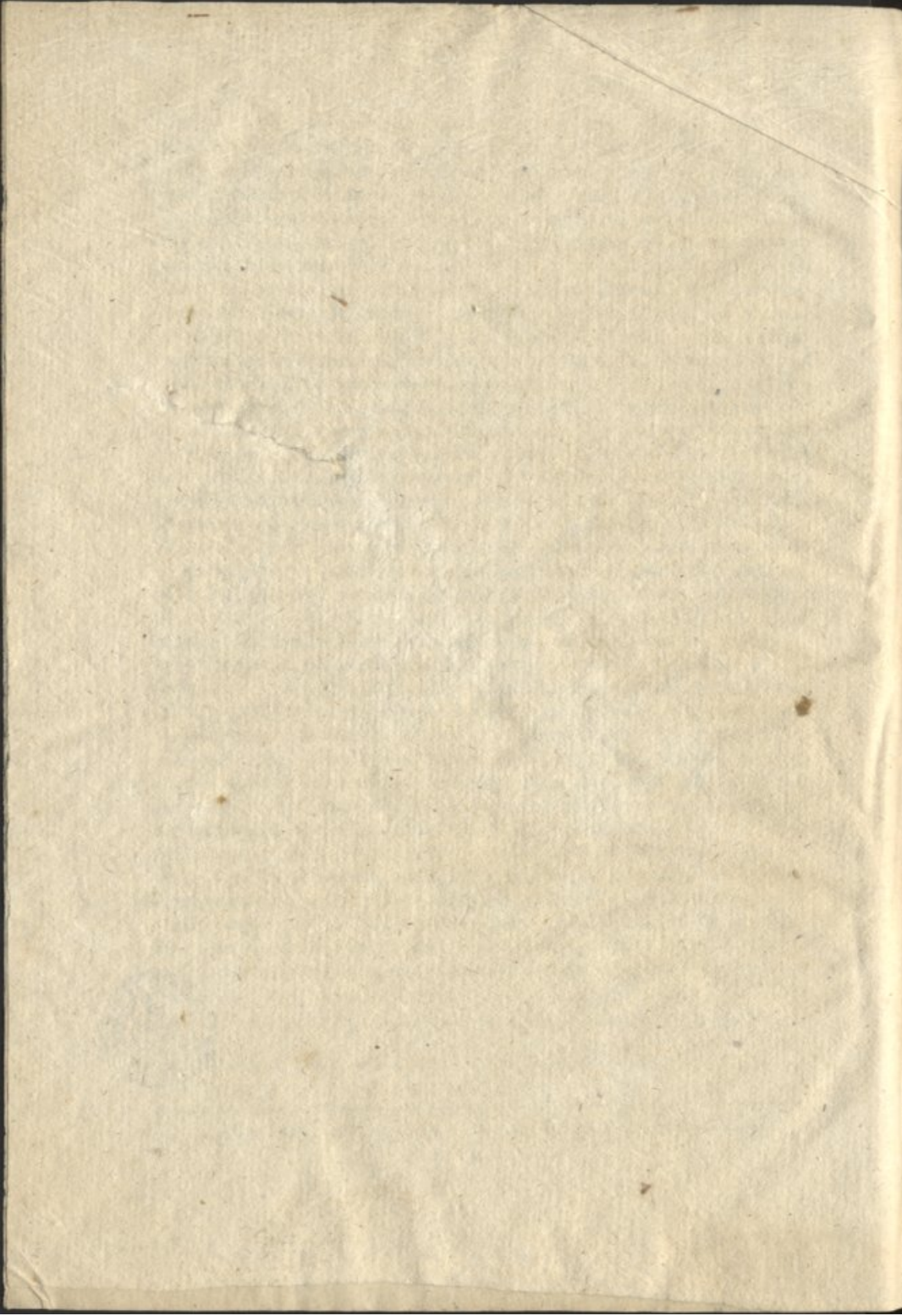
Casa de S. Domingos 10 de Fevereiro de 1834.

O Abbade *Alvito Buela Pereira de Miranda*.

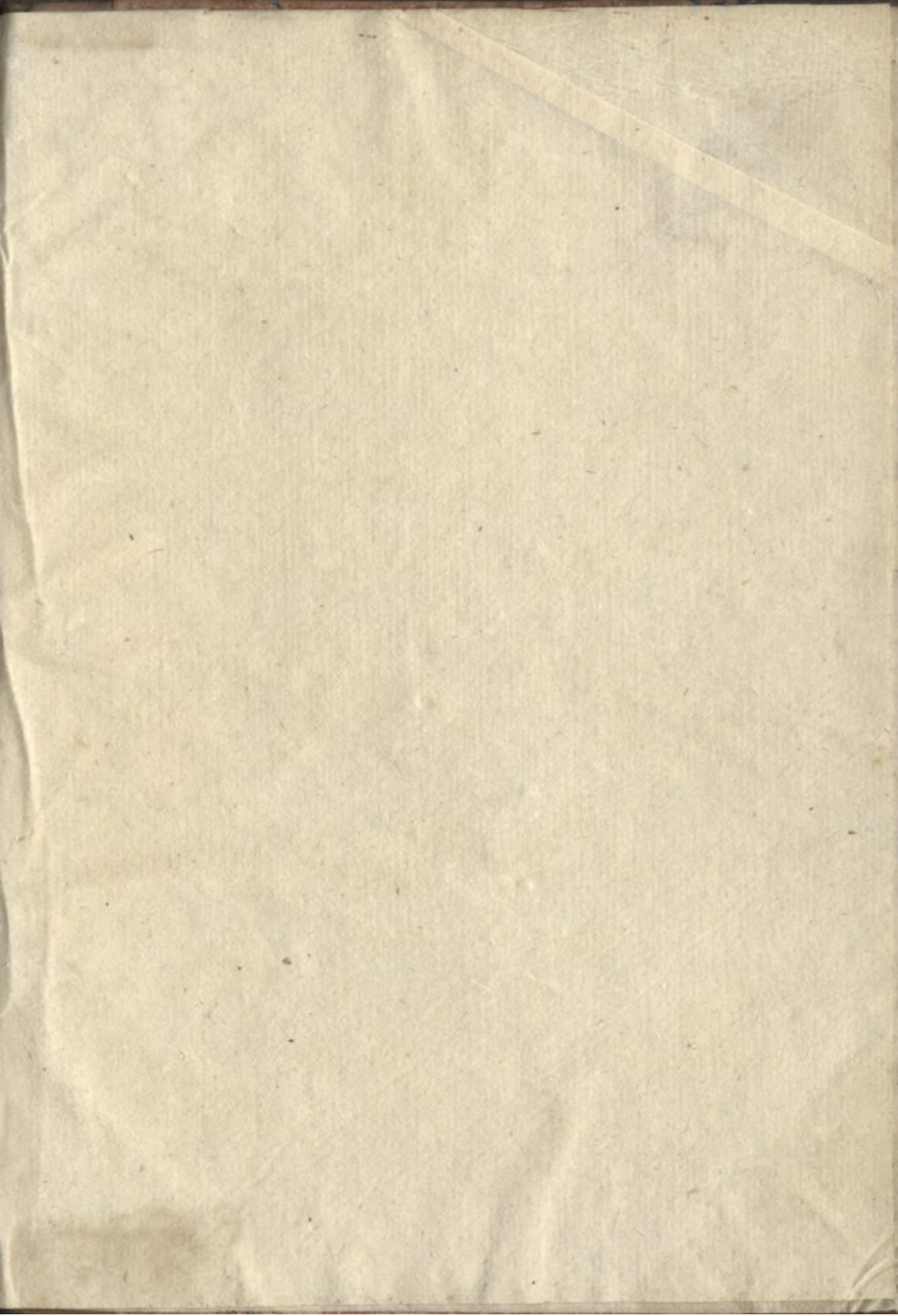


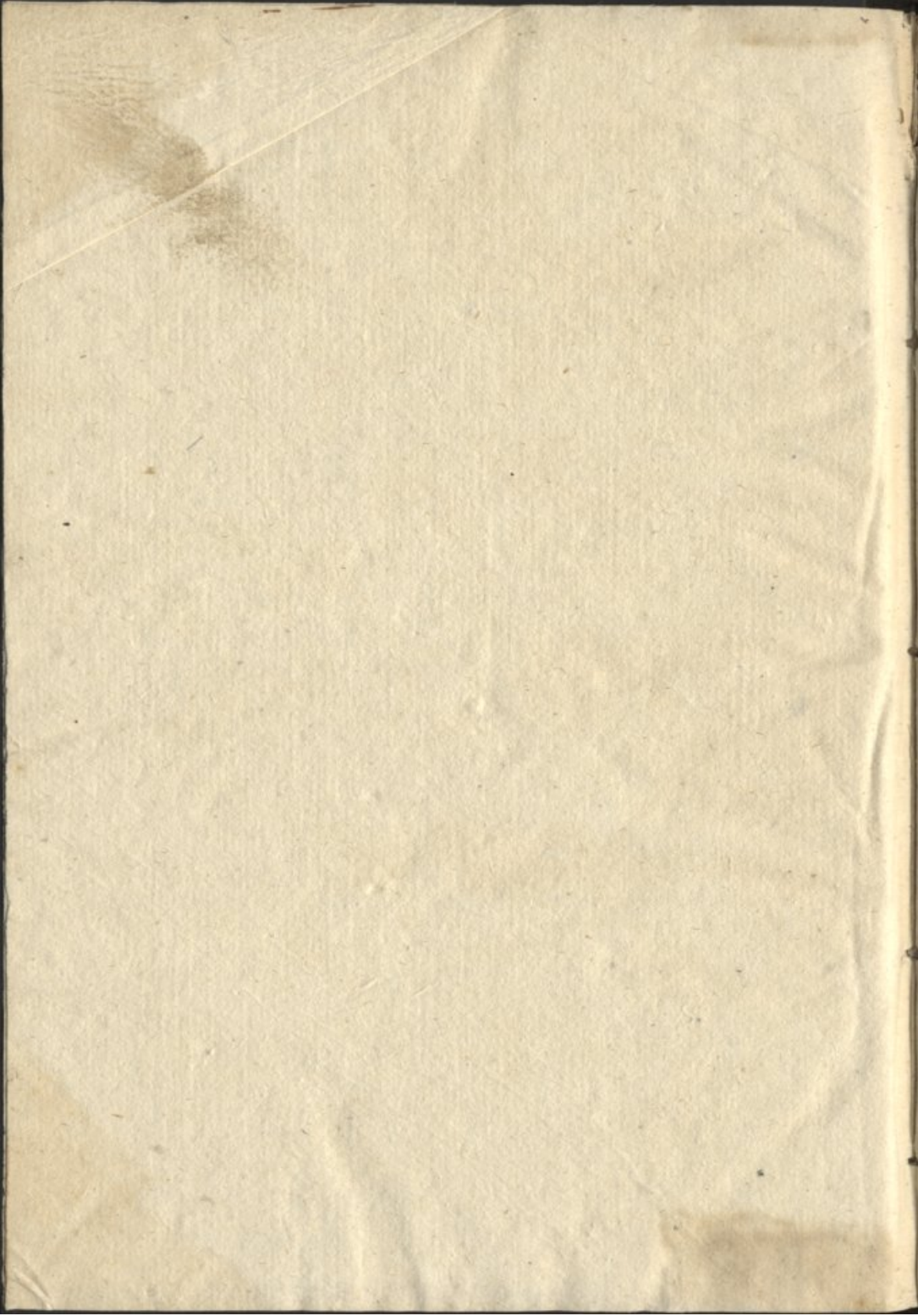


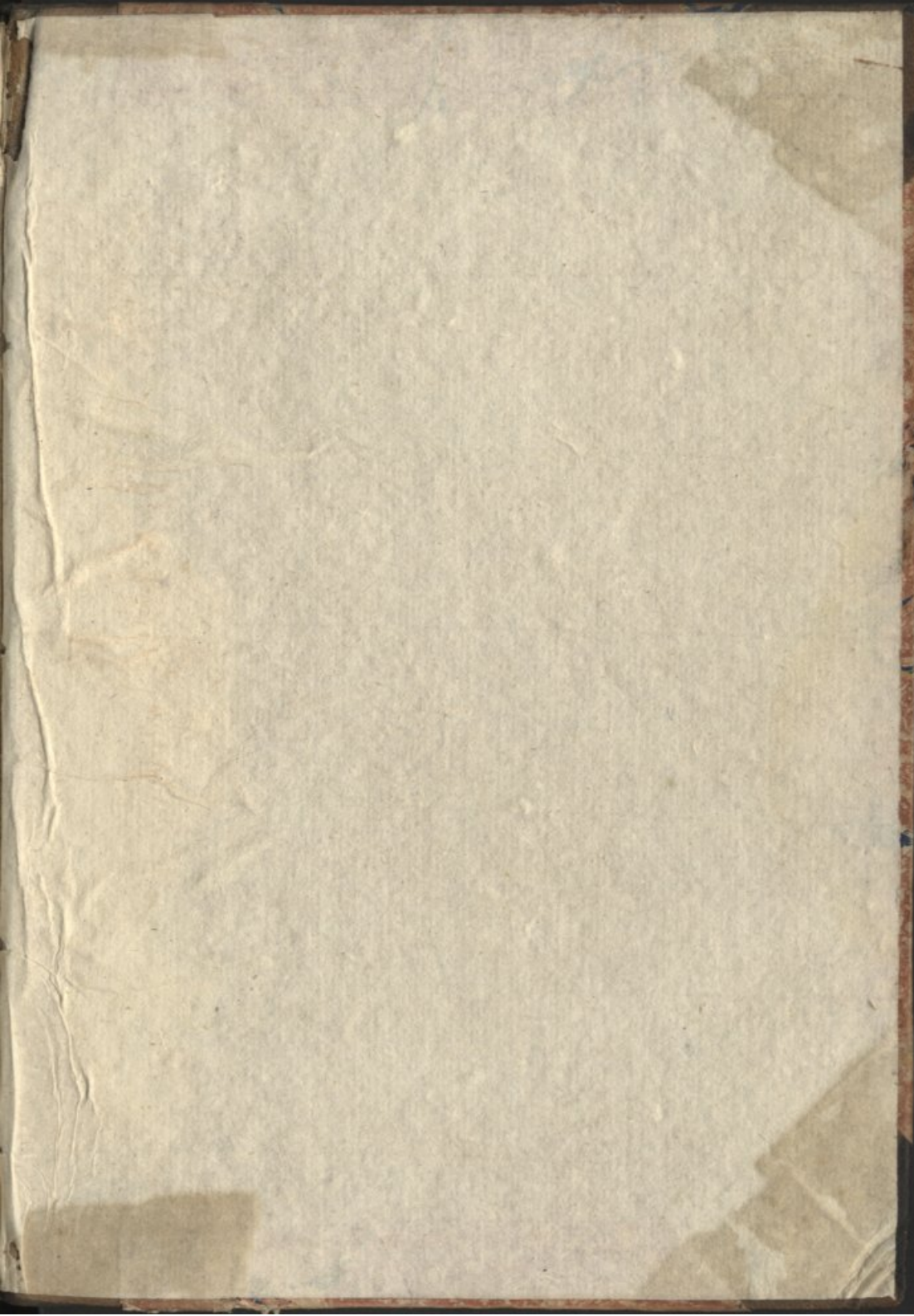














Ga  
Est  
Ta  
N